

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

JANAINA CHNAIDER FERNANDES

CRIATIVIDADE, BEM-ESTAR SUBJETIVO E ESTADO MENTAL EM IDOSOS

**CAMPINAS
2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

JANAINA CHNAIDER FERNANDES

CRIATIVIDADE, BEM-ESTAR SUBJETIVO E ESTADO MENTAL EM IDOSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Tatiana de Cássia Nakano Primi.

**CAMPINAS
2021**

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

155.67
F363c

Fernandes, Janaina Chnaider

Criatividade, bem-estar subjetivo e estado mental em idosos / Janaina Chnaider
Fernandes. - Campinas: PUC-Campinas, 2021.

160 f.: il.

Orientador: Tatiana de Cássia Nakano Primi.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de
Campinas, Campinas, 2021.

Inclui bibliografia.

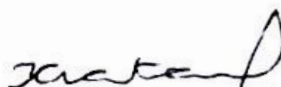
1. Idosos - Psicologia. 2. Criatividade. 3. Velhice. I. Primi, Tatiana de Cássia
Nakano. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da
Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 155.67

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

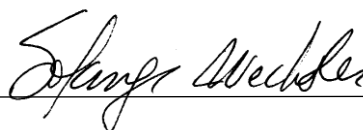
**JANAINA CHNAIDER FERNANDES
CRIATIVIDADE, BEM-ESTAR SUBJETIVO E ESTADO MENTAL EM IDOSOS**

**Dissertação defendida e aprovada em 27 de janeiro de 2021,
pela comissão examinadora**



Profª Drª Tatiana de Cassia Nakano Primi
Orientadora da Dissertação e Presidente da
Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

(PUC-Campinas)



Profª Drª Solange Muglia Wechsler
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Profª Drª Angela Magda Virgolim
Universidade de Brasília
(UNB)

DEDICATÓRIA

Aos que duvidam que é possível.

AGRADECIMENTOS

Geralmente os agradecimentos começam, pela família, mas antes de agradecer, às pessoas que me auxiliaram neste processo, preciso agradecer às pessoas que jamais terão a oportunidade estar onde eu estou. Vocês são o combustível para que eu agarre todas as oportunidades e não desista. Jamais esquecerei de onde vim, quem sou, e onde estão minhas raízes. Continuarei realizando sonhos por nós. Obrigada por não desistirem de existir.

Por falar em raízes, obrigada **pai**, por me permitir sonhar, mesmo sabendo que você não teria como realizar meus sonhos. Eu fui além. Obrigada, mãe, mesmo sem compreender minha paixão pelos livros, e mesmo doendo muito em você me ver sempre voando tão alto, sei que é excesso de preocupação. Não se preocupe, não vou cair.

Aos meus irmãos, por existirem. Sou incapaz de imaginar como seria viver sem amar vocês. Esta conquista é para que vocês se orgulhem ao falar de mim. Obrigada em especial à minha irmã Jaqueline, que me ensinou sobre **AMOR** incondicional dando vida à **Klarinha** (meu clone). a cada conquista minha eu desejo que ela consiga ir mais e mais longe do que eu fui. Laly, João, Naty, Natan e Ayla, obrigada, por darem sentido aos meus sonhos, isto é para que vocês possam ter alguém em quem se espelhar, e terem certeza de que é possível.

Eu acredito que a vida nos põe diante de pessoas que vibram na mesma energia que a gente, e que as que passam por nossas vidas para nos ensinar. Sou só gratidão à minha eterna professora Geovana Melisa Castrezana Anacleto, a Geo, quem ministrou minha primeira aula de Metodologia Científica, na graduação, e deu nome ao meu sonho. Você me inspirou e me mostrou que havia um jeito de

compreender mais. Gratidão aos meus eternos mestres Diogo Arnaldo Corrêa, Adriana Aparecida Ferreira, Cecília Rita de Cássia Gregourutti Buzzo (que mulher inspiradora!), Vera Socci (para além de professora doutora, para mim, uma mãe!), e Eliana de Farias.

E como não agradecer aos anjos, também chamados amigos? Betina Silva, Bruno Bonfá, Claudia Souza (Claudinha), Ellen Carolina de Paula Farias, Fernanda Figueiredo e Nataly Reinaldo, sem a ajuda de vocês, me ouvindo, aconselhando, secando minhas lágrimas, me acalmando no desespero, me fazendo sorrir quando o meu mundo parecia desabar, me incentivando, provavelmente eu teria parado na graduação. Obrigada por me “empurrar” e me soltar”. Betina, obrigada por salvar minha vida. Ellen, obrigada por tanto suporte. Fernanda, Obrigada por permanecer.

Além reconhecer a importância da profissão que eu escolhi, preciso reconhecer e ser grata ao trabalho profissional feito com responsabilidade, dedicação, respeito, carinho, cuidado e, acima de tudo, empatia! **Ariane Aleixo**, gratidão não é suficiente para expressar meu sentimento. Minha dívida contigo é de vida! Obrigada por me resgatar e não me deixar desistir todas as vezes que o mundo me dizia que eu não ia conseguir.

Além dos amigos, existem pessoas que simplesmente são. Essas são aquelas a quem não conseguimos por rótulos, nomear sentimentos. Embora tenha chegado em meio às decisões tomadas, sua importância foi ímpar neste período. Obrigada, Cléo.

Muito obrigada à minha orientadora, Professora Doutora **Tatiana de Cássia Nakano**, por me receber, acreditar na minha ideia e principalmente por confiar em meu trabalho e topou enfrentar esse desafio comigo (principalmente diante de todos os percalços causados pela pandemia de Covid-19). Obrigada pela confiança e

respeito, mesmo com todas as minhas limitações! Foi um privilégio essa parceria, a aprendizagem foi além da área acadêmica, foi para a vida!

Minha gratidão ao grupo de pesquisa, sempre tão solícitos e amigáveis. O PPG me ofereceu além de conhecimento, amigos para vida. Todos são especiais.

Minha gratidão se estende aos idosos que se disponibilizaram e confiaram em mim, participando e contribuindo para o desenvolvimento deste trabalho, mesmo frente à essa situação de risco e limitações. Obrigada à coordenação do Centro de idosos, que há anos confia e acredita em mim, abrindo às portas para que eu possa crescer com vocês.

Finalmente, agradeço Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudos que possibilitou a realização de um sonho.

Serei sempre grata.

“When you dream, aim for the moon. Even if miss, you’ll land among the stars”

(Leslie Calvin "Les" Brown)

RESUMO

FERNANDES, Janaina Chnaider. "Criatividade, Bem-Estar Subjetivo e estado mental em idosos. 2021. 160 fl. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

Visando colaborar com a quebra do estereótipo negativo ainda associado à velhice e contribuir para o desenvolvimento de estratégias de políticas públicas que contribuam para o alcance da velhice bem-sucedida, o presente estudo focou-se na investigação sobre a criatividade em idosos e sua relação com o Bem-Estar Subjetivo (BES) e o estado mental na velhice. Para tanto, esta pesquisa foi dividida em três estudos. O primeiro estudo teve por objetivo revisar a literatura internacional sobre a criatividade na velhice. Após busca nas bases de dados eletrônicas da Capes, Google Acadêmico, Pepsic, Redalyc, Research Gate e Scielo, 45 artigos foram selecionados. A análise dos trabalhos indicou um número pequeno de pesquisas, de natureza empírica, publicadas especialmente nos últimos anos que buscaram investigar, além da criatividade, outros construtos nessa faixa etária. O segundo estudo buscou revisar a literatura internacional sobre a relação da criatividade e o BES, tendo-se efetuado na busca nas bases de dados Capes, Pepsic e Scielo. Um total de 18 artigos foram selecionados. A análise indicou predomínio de estudos que identificaram a existência da relação entre os construtos, em que a estimulação da criatividade favorece o aumento do BES, assim como a relação de ambas as variáveis com outros construtos como a motivação e a personalidade. Já o terceiro estudo, objetivou investigar a relação da relação entre criatividade, bem-estar subjetivo e estado mental em idosos. A amostra foi composta por 29 idosos selecionados por conveniência ($M = 65,7$ anos $DP = 5,5$) provenientes de quatro Estados brasileiros (São Paulo, Maranhão, Pará, e Rio Grande do Sul). As mulheres foram maioria na composição da amostra (65,5%), assim como aqueles com escolaridade correspondente ao Ensino Fundamental (44,8%). Por meio de chamadas de vídeo, devido a necessidade de isolamento social provocada pela pandemia do Covid-19, os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, ao Teste de Criatividade Figural, ao Mini Exame do Estado Mental, a Escala de Satisfação com a Vida e a Escala de Afetos Positivos e Negativos. Foi encontrada correlação significativa e positiva entre criatividade geral e o estado mental, e correlação negativa entre criatividade e afetos negativos. A influência das variáveis de sexo, idade, escolaridade, foi investigada por meio teste Kruskal-Wallis para amostras independentes sendo que a escolaridade influenciou, de forma significativa, a medida os fatores emotividade e aspectos cognitivos da criatividade, bem como a medida de afetos positivos. Devido ao tamanho reduzido da amostra, os resultados relatados devem ser limitados à amostra investigada, sendo que novos estudos poderão confirmar ou não as relações entre os construtos aqui verificadas.

Palavras-Chave: Avaliação Psicológica; Criatividade; Velhice; Bem-Estar Subjetivo.

ABSTRACT

FERNANDES, Janaina Chnaider. Creativity, Subjective Well-Being and Mental Status in the Elderly. 2021. 160 fl. Dissertation (Master in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

The negative stereotype still associated with old age still is present. Aiming help develop of public policy strategies that contribute to the achievement of prosperous old age, research on creativity in the elderly and their relationship with BES and the mental state in old age was the focus of this dissertation. To this end, this research was divided into three studies. The first study aimed to review the international literature on creativity in old age. After searching Capes, Google Scholar, Pepsic, Redalyc, Research Gate, and Scielo's electronic databases, we selected 45 articles. The work's analysis indicated a small number of research of an empirical nature, published mostly in recent years that sought to investigate, in addition to creativity, other constructs in this age group. The second study aimed to review the international literature on the relationship between creativity and BES, carrying out searches in the Capes, Pepsic, and Scielo databases. A total of 18 articles were selected. The analysis indicated a predominance of studies that identified the relationship between the constructs. The stimulation of creativity favors the increase of BES. On the other hand, the third study aimed to investigate the relationship between creativity, subjective well-being, and mental state in the elderly. The sample consisted of 29 older people selected for convenience ($M = 65.7$ years $SD = 5.5$) from four Brazilian states (São Paulo, Maranhão, Pará, and the Rio Grande do Sul). Women were the majority in the sample (65.5%), and those with schooling corresponding to Elementary Education (44.8%). Through video calls, due to the need for social isolation caused by the Covid-19 pandemic, the participants answered a sociodemographic questionnaire, the Figural Creativity Test, the Mini-Mental State Examination, the Life Satisfaction Scale, and the Scale of Positive and Negative Affections. A significant and positive correlation was found between general creativity and mental state, and a negative correlation between creativity and negative affect. The study investigated the influence of the variables of sex, age, and schooling through test Kruskal-Wallis for independent samples. The results showed that schooling significantly influenced the measure of emotional and cognitive aspects of creativity, and positive affect related to well-being. Due to the small sample size, the reported results should be limited to the investigated sample. New studies may or may not confirm the relationships between the constructs verified here.

Keywords: Creativity; Aging; Old age; Psychological Assessment.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	5
AGRADECIMENTOS.....	6
EPÍGRAFE.....	9
RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
LISTA DE TABELAS.....	14
LISTA DE QUADROS.....	15
LISTA DE GRÁFICOS.....	16
LISTA DE FIGURAS.....	17
APRESENTAÇÃO.....	18
Capítulo I - UMA NOVA COMPREENSÃO DE VELHICE.....	24
Capítulo II - CRIATIVIDADE.....	29
Criatividade Cotidiana.....	34
Criatividade em idosos.....	37
Capítulo III - BEM-ESTAR SUBJETIVO (BES).....	44
Bem-estar subjetivo em idosos.....	44
Relação entre criatividade e bem-estar subjetivo.....	51
Capítulo IV – ASPECTOS COGNITIVOS E ENVELHECIMENTO.....	55
Relação entre aspectos cognitivos, criatividade e BES.....	58
OBJETIVOS.....	61
Objetivo Geral.....	61
Objetivos Específicos.....	61
Estudo 1: Revisão de pesquisas sobre criatividade e envelhecimento.....	62
Estratégia de busca.....	62
Critérios de elegibilidade.....	74
Registro de estudos.....	64
Extração dos dados.....	64
Resultados e Discussão.....	65
Algumas Considerações.....	72
Estudo 2: Revisão de pesquisas internacionais sobre a relação entre criatividade e bem-estar subjetivo.....	76
Método.....	76

Resultados e Discussão.....	77
Algumas Considerações.....	85
Estudo 3 - Avaliação da relação da Criatividade, Bem-estar Subjetivo e estado mental em idosos.....	88
Participantes.....	88
Critérios de Inclusão.....	88
Critérios de Exclusão.....	89
Instrumentos.....	89
Escala de Satisfação com a Vida (ESV).....	89
Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos (PANAS).....	90
Teste de Criatividade Figural (TCF).....	91
Mini Exame do Estado Mental (MEEM).....	92
Questionário Sóciodemográfico.....	94
Procedimentos.....	94
Análise de Dados.....	97
Resultados.....	97
Discussão.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS.....	146
Anexo 1 – Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	147
Anexo 2 –Escala de Satisfação com a Vida (ESV).....	159
Anexo 3 – Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos (PANAS).....	150
Anexo 4 – Teste de Criatividade Figural (TCF).....	151
Anexo 5 – Mini Exame do Estado Mental (MEEM).....	152
Anexo 6 – Questionário Sociodemográfico.....	154
Anexo 7 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	155
Anexo 8 – Carta de Autorização da Instituição.....	160

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados Amostrais das Pesquisas Analisadas.....	80
Tabela 2. Estatística Descritiva dos Instrumentos Utilizados.....	99
Tabela 3. Correlações entre criatividade, AP, AN, SCV, e estado mental.....	99
Tabela 4. Estatística Descritiva dos Construtos Avaliados por Idade, Escolaridade e Sexo.....	100
Tabela 5. Teste Mann-Whitney para Sexo, Idade e Escolaridade.....	101
Tabela 6. Estatística descritiva para os fatores emotividade e aspectos cognitivos considerando o nível de escolaridade dos participantes.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Resultados das Buscas Realizadas em Cada Base de Dados Consultada.....	63
Quadro 2. Definição dos Construtos Envelhecimento e Criatividade.....	69
Quadro 3. Construtos Investigados e Instrumentos Utilizados.....	72
Quadro 4. Principais Resultados encontrados.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição de publicações por ano.....	66
Gráfico 2. Distribuição de publicações por ano.....	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fluxograma de Busca e Seleção dos Artigos.....	65
Figura 2. Fluxograma de seleção dos artigos analisados.....	77

APRESENTAÇÃO

É notório o crescimento da população idosa ao redor do mundo, especialmente no Brasil. O aumento da expectativa de vida decorre, dentre outros fatores, dos investimentos em ações de prevenção e promoção de saúde e da diminuição da taxa de natalidade (Argimon, 2006). Embora esse crescimento venha sendo discutido há bastante tempo no contexto internacional, pode-se dizer que o Brasil não estava preparado para tal situação, visto que as ações de políticas públicas e saúde para o público idoso ainda são temas em desenvolvimento.

Devido à disparidade no nível de desenvolvimento e das condições socioeconômicas entre as nações, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu diferentes faixas etárias para considerar um indivíduo idoso. Assim, em países desenvolvidos, são considerados idosos aqueles com idade igual ou superior a 65 anos, enquanto nos países em desenvolvimento, a idade adotada é a partir de 60 anos (OMS, 2005). Entretanto a OMS reconhece que não há um marco etário pré-estabelecido que determine biológica e psicologicamente quando um indivíduo se torna idoso, visto que o envelhecimento é um processo, e como tal, ocorre num *continuum* (Netto, 2013).

No Brasil, o Estatuto do Idoso foi criado em 2003 para, além de estabelecer parâmetros e definições sobre a pessoa idosa, se constituir enquanto uma ferramenta de garantia de direitos e acesso a serviços públicos, como proteção, transporte e saúde. Ainda assim, nota-se um número reduzido e insuficiente de diretrizes e ações específicas, tanto no que se refere à promoção quanto à prevenção da saúde mental de pessoas mais velhas. Ao observar o crescimento deste público, pode-se considerar que avanço de pesquisas científicas em diversas áreas, que tenham como foco, a investigação de estratégias e ações de promoção à saúde de idosos, bem como os

aspectos positivos no envelhecimento, tem sido vagaroso em diversas áreas de estudo, em especial na Psicologia.

É importante destacar que, culturalmente, em países ocidentais, a velhice é mais comumente compreendida de maneira negativa, estando associada à doenças, isolamento social, dependência, inutilidade e declínio físico e mental, além de incapacidade de participação sociopolítica e diminuição ou incapacidade de vivência de prazer em diferentes aspectos da vida (Morando, Schimitt, Ferreira, & Mármora, 2018). A literatura nacional reflete esse paradigma por meio da quantidade de pesquisas que abordam o envelhecimento a partir de uma ótica negativa, em que grande parte das pesquisas versam sobre os declínios e as perdas associadas ao envelhecimento patológico.

Neste sentido, o predomínio de estudos sobre doenças como a ansiedade e a depressão, assim como as perdas e os declínios próprios do envelhecimento, é notado, enquanto as pesquisas que tratam a velhice a partir de uma perspectiva positiva, abordando construtos e suscitando discussões sobre as potencialidades do idoso, são limitadas (Chnaider & Nakano, no prelo). De tal forma, é possível que a compreensão estereotipada do envelhecimento possa afetar como o idoso vivencia essa fase da vida, principalmente no que se refere à autopercepção de suas habilidades.

Dentre as forças de caráter enfatizadas pela Psicologia Positiva, pode ser citada a criatividade. Tal construto tem sido tema de estudos ao longo da história em diversos contextos, e durante muito tempo, considerada uma característica presente somente em um grupo seletivo e reduzido de pessoas. Porém, com o avanço de pesquisas, concluiu-se que a criatividade está presente em todos os indivíduos, em

diferentes graus e sob diferentes formas (Almeida, Nogueira, & Ibérico, 2016; Wechsler, 2008).

Para além da compreensão do que é a criatividade, o entendimento da interação entre a criatividade e outros construtos se mostra essencial para o seu desenvolvimento, uma vez que, se estimulada, a criatividade pode atuar como um importante fator de autorrealização (Almeida et al., 2016). Logo, pode atuar de maneira benéfica na manutenção da saúde mental, uma vez que pode favorecer o desenvolvimento das forças positivas de caráter. No caso deste estudo, a criatividade será investigada em indivíduos na terceira idade, visando-se identificar sua relação com o bem-estar subjetivo nessa população.

A importância deste estudo se justifica perante a constatação de que as pesquisas cujo foco situam-se na investigação da criatividade como promotora de Bem-Estar Subjetivo (BES) são pouco frequentes (Bujacz et al., 2014). Do mesmo modo, o BES se apresenta como um elemento que possibilita a avaliação da saúde mental, uma vez que se refere, de maneira geral, aos afetos e ao grau de satisfação com a vida (Diener, 1984).

Desse modo, resultados provenientes da pesquisa aqui apresentada poderão contribuir no aprofundamento da compreensão da relação entre estes construtos. Ademais, o resultado da investigação da relação entre a criatividade, BES e estado mental em idosos, se positivo, pode subsidiar estudos futuros, no que tange ao desenvolvimento de estratégias de intervenção que tenham como foco a promoção da saúde mental de idosos, contribuindo conseqüentemente para o favorecimento da qualidade de vida e o bem-estar dessa população.

Para a pesquisadora, o interesse pela relação da criatividade e BES em idosos surgiu durante sua permanência enquanto estagiária de graduação em um Centro de

Convivência do Idoso (CCI). No decorrer da atuação, pode notar, durante os atendimentos clínicos, nas intervenções grupais com foco em saúde e na realização de avaliação psicológica, relatos e queixas recorrentes dos idosos sobre o sentimento de que a velhice os deixou sem utilidade e incapazes de realizar e criar. Além disso, percebeu-se que era comum a conclusão, por parte dos idosos, que nada poderia ser feito a respeito, pois “o mundo é dos jovens”.

Durante o período de um ano e seis meses, a pesquisadora prestou atendimento a aproximadamente 120 idosos e, embora eles buscassem se manter ativos, todos relatos apresentavam, em certa medida, o discurso sobre a compreensão da velhice como um período da vida em que o indivíduo se torna improdutivo e desnecessário. Além disso, a partir da aplicação de instrumentos psicológicos, foi possível notar altos índices de depressão e ansiedade nos usuários do serviço, aliado a queixas, nos atendimentos individuais, relacionadas ao declínio na capacidade criativa.

Neste período, foi possível verificar que, quando as atividades realizadas possibilitavam que os idosos se expressassem criativamente, fosse através de pintura, desenho, contação de história, e outras atividades, além de maior absorção do conteúdo passado e maior prática das ações de autocuidado na saúde, os participantes apresentavam relatos mais frequentes de sentimento de satisfação com a vida. Logo, foi despertado o interesse em investigar a relação entre a criatividade e outras variáveis positivas, que neste estudo, se limitará ao BES.

A relevância deste estudo reside na contribuição da investigação da criatividade no processo de envelhecimento, bem como no impacto da criatividade no bem-estar de pessoas mais velhas. Além disso, Diener e Seligman (2004), apresentam resultados que demonstram que a participação em atividades sociais de forma geral,

são importantes para pessoas que não estão inseridas em ambientes de trabalho, como os idosos, pois aumenta a participação social que, por sua vez, contribui substancialmente para a melhora dos níveis de saúde e bem-estar.

Nesta perspectiva, considerando que o envelhecimento positivo compreende a qualidade da saúde física e mental, especialmente no que concerne à manutenção da saúde mental, tanto a criatividade quanto o BES podem ser considerados fatores aliados nessa busca (Cachioni, Delfino, Yassuda, & Batistoni, 2017). De tal maneira, a identificação e compreensão da relação entre essas variáveis poderá contribuir com a criação de estratégias de intervenção que favoreçam ações de políticas públicas que garantam o alcance do envelhecimento positivo saudável. Ademais, pesquisas que envolvem a avaliação da criatividade e BES em idosos, contribuem no aprofundamento do conhecimento científico sobre tais construtos e sobre a própria velhice.

Profissionais de diversas áreas de conhecimento (medicina, enfermagem, educação física, psicologia, dentre outros), poderão se beneficiar dos conhecimentos advindos desta pesquisa, podendo pensar suas atuações dentro de uma perspectiva positiva. No que tange às questões sociais, este estudo pode contribuir na desmistificação e quebra do estereótipo negativo de improdutividade associado ao envelhecimento.

É importante ressaltar que, inicialmente, este projeto tinha como objetivo principal, o desenvolvimento de um programa de intervenção voltado à estimulação da criatividade, a fim de verificar seus efeitos no bem-estar de idosos. Para tanto, os idosos usuários de um Centro de Convivência de Idosos seriam agrupados em grupo experimental e grupo controle, e avaliados, no início e ao final do programa de intervenção. No entanto, ao iniciar a coleta de dados na instituição participante, no

início de fevereiro de 2020, as atividades no CCI foram suspensas devido à Pandemia de Covid-19. Na tentativa de manter o projeto inicial, a pesquisadora optou por adiar o início da coleta, aguardando até agosto de 2020. No entanto, devido ao agravamento da pandemia, o prazo para defesa da dissertação e a incerteza acerca de quando as atividades poderiam ser retomadas, a pesquisadora decidiu reestruturar a pesquisa. Desse modo, houve adequação dos objetivos, bem como os instrumentos e o procedimento de coleta de dados. Ante a necessidade de evitar aglomerações, em especial com a população idosa, que compõe o grupo de risco da Covid-19, foram adotadas medidas de segurança durante a coleta, assim como a priorização para aplicação dos instrumentos por meio remoto.

Capítulo I

Uma nova compreensão de velhice

De acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2018) no Brasil, entre os anos de 2002 e 2017, a população com idade acima de 60 anos aumentou 18%. Atualmente os idosos correspondem a 13% da população brasileira (IBGE, 2020) e, de acordo com as projeções realizadas pela instituição para o ano de 2060, os idosos corresponderão a 32% da população nacional (IBGE, 2018).

Este crescimento tem sido alvo de inúmeras discussões no meio acadêmico, assim como investigações científicas em diversos contextos. Embora a compreensão sobre o envelhecimento esteja se modificando ao longo dos anos, no Brasil, a velhice ainda é associada tanto pela população jovem quanto pelos próprios idosos, a doenças, inutilidade e improdutividade (Schneider & Irigaray, 2008).

A Lei nº 10.741 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, considera como idoso, a pessoa com 60 anos ou mais. Já em países desenvolvidos, a idade estabelecida pela OMS é 65 anos. Essa diferença, justifica-se à medida que salienta os impactos culturais, econômicos e sociais no avanço de uma nação e conseqüentemente o desenvolvimento da população (Aerosa, Benitez, & Wichmann, 2012).

Complementando essa perspectiva, Schneider e Irigaray (2008), esclarecem que as fases do desenvolvimento humano são uma construção social, de forma que não existe um momento exato em que se inicia ou finaliza um ciclo. Uma vez que o envelhecimento é um processo e deve ser considerado para além da idade cronológica, a determinação da idade cronológica de um indivíduo para a entrada na

terceira idade, se mostra uma solução ante a ausência de um marcador biológico que determine essa transição (Netto, 2013).

Ainda assim, é inegável que o envelhecimento é um processo marcado por inúmeras mudanças biopsicossociais e características próprias desta fase da vida, como declínios e alterações de diversas naturezas (Ferreira, Maciel, Costa, Silva, & Moreira, 2012; Freitas, Queiroz, & Sousa, 2010). Pode ser considerado um processo dinâmico (Ferreira et al., 2012), no qual destaca-se a modificação do relacionamento que o indivíduo estabelece com o tempo, e a maneira com que essa modificação ocasiona outras alterações nas experiências, autopercepção, e modo de relacionar-se com o mundo (Freitas et al., 2012; Moraes, Moraes, & Lima, 2010).

Como qualquer fase do desenvolvimento humano, a velhice é marcada por experiências individuais, de forma que é possível que algumas pessoas compreendam este período como uma fase de liberdade (Moraes et al., 2010). Para outros, a terceira idade é compreendida a partir de uma perspectiva negativa, em que o enfoque se dá nas perdas e declínios, desvalorização social diante do sistema de desenvolvimento econômico (incapacidade ou diminuição da produtividade), e gastos públicos (Vieira & Lima, 2015). Embora existam esforços para a modificação desta visão negativa, reducionista e organicista, ainda é comum que atualmente a pessoa velha seja vista pela ótica da incapacidade, e o envelhecimento e a velhice, concebidos como problema (Fonseca, 2010).

O marco da aposentadoria fortificou durante anos o estereótipo do idoso como um indivíduo limitado e dependente; porém as mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, têm suscitado a quebra dessas concepções, além de evidenciar que, atualmente, existe certa ambivalência no que tange à compreensão

da velhice (Vieira & Lima, 2015). Diante dessa dicotomia, a ciência tem papel fundamental na solidificação da compreensão do envelhecimento (Fonseca, 2010).

Em direção à mudança de paradigma na psicologia do envelhecimento, há diversas teorias que se debruçam sobre a velhice, partindo da premissa de que as perdas e os declínios típicos na terceira idade são compensados por outras características que contrapõem os aspectos negativos (Cupertino, Rosa, & Ribeiro, 2007). Ante ao arcabouço teórico acerca desta fase desenvolvimental, observa-se que, de forma geral, o envelhecimento pode ser vivido de maneira saudável, possibilitando que o idoso desfrute de satisfação e bem-estar (Cupertino et al., 2007).

Essa perspectiva sobre a velhice foi denominada de envelhecimento bem-sucedido, sendo que o primeiro registro do uso dessa terminologia na gerontologia data de 1960 (Silva, Lima, & Galhardoni, 2010). Sem desconsiderar a vulnerabilidade da saúde do idoso, esse conceito compreende o envelhecimento como algo positivo à medida que indivíduo esteja inserido na realização de atividades que lhe proporcionem satisfação, participação social e manutenção da saúde (Teixeira, Marinho, Vasconcelos, & Martins, 2016).

Entre as décadas de 1980 e 1990 o conceito de envelhecimento bem-sucedido, passou a ser discutido por duas correntes diferentes. De acordo com Silva et al. (2010) na década de 90 predominava um modelo que desconsiderava o impacto dos aspectos socioculturais na saúde dos idosos, de modo que pessoas longevas eram tidas como únicas responsáveis por sua condição de saúde (Teixeira et al., 2016). Nesta teoria, o que determinava o envelhecimento bem-sucedido era o engajamento com a vida, manutenção de altos níveis de habilidades funcionais e cognitivas, baixa probabilidade de doença, e incapacidade relacionada à prática de hábitos saudáveis para redução de riscos (Silva et al., 2010; Teixeira et al., 2016).

Em contraponto, Baltes e Baltes (1990) defendiam uma teoria denominada modelo de “Seleção, Otimização e Compensação” (SOC). A hipótese sustentada por estes autores propunha que as pessoas mais velhas desenvolvem mecanismos para regular e compensar os declínios naturais do envelhecimento, desenvolvendo e aperfeiçoando habilidades em que possuem melhor desempenho, em detrimento às atividades em que se observa declínio (Silva et al., 2010). De tal maneira baseando-se neste conceito, compreende-se que o indivíduo tende a manter independência suficiente para vivenciar a velhice de forma bem-sucedida.

Nesta perspectiva, o envelhecimento bem-sucedido pode ser compreendido a partir da minimização das perdas e maximização de ganhos. De forma geral, o consenso na literatura se baseia na integração de ambos os modelos. Assim, além dos aspectos individuais, são consideradas questões do meio em que o indivíduo está inserido (Teixeira et al., 2016), ou seja, entende-se que o idoso não é o único responsável por sua saúde e qualidade de vida, de maneira que o Estado e comunidade na qual este indivíduo está inserido, possui uma parcela de responsabilidade na manutenção de uma velhice saudável.

Corroborando essa ideia, a OMS (2005) compreende o envelhecer bem como uma construção coletiva em que Estado deve possibilitar que o indivíduo acesse estilos de vida mais saudáveis. Portanto, ratifica-se a importância do desenvolvimento de políticas públicas que favoreçam o envelhecimento ativo e promovam o acesso à saúde ao longo da vida (OMS, 2005).

Cabe ressaltar que, embora a nomenclatura adotada pela OMS seja “envelhecimento ativo”, esse termo pode ser considerado um sinônimo ao termo “envelhecimento bem-sucedido”, pautando-se na "otimização das oportunidades de saúde, participação, segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à

medida que as pessoas ficam mais velhas" (OMS, 2005, p.13). Tal definição ressalta a importância de diversos atores no alcance e manutenção do envelhecimento bem-sucedido.

Independente da nomenclatura, nota-se que a identificação e estimulação de virtudes assume caráter fundamental nesta fase da vida (Teixeira et al., 2016), possibilitando, ao idoso, experienciar a velhice a partir da ótica de que envelhecer é um processo como outro qualquer, de maneira que as alterações em capacidades ou habilidades passam a ser consideradas naturais (Silva et al., 2010). Ou seja, a velhice passa a ser reconhecida como uma fase do desenvolvimento humano como outra qualquer, dentro de um processo que visa a quebra do estigma negativo.

Embora haja literatura científica internacional que embase a atuação do psicólogo brasileiro com a população idosa, Neri (2004) destaca que não existe, no Brasil, literatura científica suficiente que contemple as características próprias do envelhecimento (processo), da velhice (fase da vida) e do idoso (pessoa) no cenário nacional. De tal maneira, a autora ainda afirma que o desenvolvimento de pesquisas sobre os diversos aspectos ligados à velhice colabora para que a psicologia do envelhecimento ganhe maior clareza e delineamento, possibilitando maior compreensão e favorecendo novas possibilidades de atuação para o alcance do envelhecimento bem-sucedido.

Dentre as habilidades e fatores que podem favorecer o envelhecimento positivo, o presente estudo se focaliza na criatividade, bem-estar subjetivo e estado mental. Para isso, a compreensão de cada construto, sua manifestação na terceira idade e a relação entre eles será apresentada no próximo capítulo.

Capítulo II

Criatividade

Durante muito tempo, a criatividade foi associada a transtornos mentais (Alencar & Fleith, 2003; Wechsler, Oliveira, & Suárez, 2015), além de, durante anos, ser reconhecida apenas como uma expressão artística (Almeida et al., 2016). Com o avanço de pesquisas científicas, a definição de criatividade passou por inúmeras transformações, tornando-se alvo de investigações em diversos contextos (Oliveira, Nakano, & Wechsler, 2016).

As teorias que tentam explicar criatividade são inúmeras e vão desde sua compreensão como um fenômeno que envolve processos cognitivos que culminam em um *insight*, ao entendimento de que o processo criativo é resultante de uma combinação diferente de conhecimentos adquiridos anteriormente (Wieth & Francis, 2018). De forma geral, as teorias sobre a definição de criatividade se dirigem para compreensão deste fenômeno enquanto um construto multidimensional (Wechsler, 2008).

Dada a complexidade e multidimensionalidade deste construto, diversos modelos integram dimensões cognitivas, afetivas, motivacionais, contextuais, e de personalidade, tanto no processo, como na identificação da criatividade (Almeida et al., 2016). Neste caso, a subjetividade de quem avalia a produção também é levada em consideração, uma vez que os conceitos de novidade e adaptabilidade também são dependentes do ambiente e das experiências de quem realiza o julgamento (Lubart, 2007).

Neste trabalho será adotada como fundamentação uma das definições mais difundidas que concebe a criatividade como um construto multidimensional, que além

de composto por aspectos cognitivos e emocionais, resulta da confluência entre as características de personalidade, habilidades cognitivas e fatores ambientais (Wechsler, 2008). Esta concepção compreende a criatividade como o processo de

tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas ou elementos ausentes ou desarmonias, identificar as dificuldades ou elementos faltantes nas informações; formular hipóteses, fazendo adivinhações, a respeito das deficiências encontradas; testar e retestar estas hipóteses, possivelmente modificá-las e retestá-las novamente; e finalmente, comunicar os resultados encontrados (Torrance, 1965, p.663-664)

Segundo Gruszka e Tang (2017), dentro do modelo proposto por Rhodes em 1961, a criatividade pode ser abordada a partir de aspectos relacionados ao processo, produto, ambiente e pessoa criativa. A partir dessa compreensão, a investigação do processo criativo se refere a como ocorre a criatividade, tanto de maneira qualitativa, quanto quantitativa, e abarca as operações e estratégias envolvidas no processo criativo (Alencar, Fleith, & Bruno-Faria 2010).

No que se refere ao produto, o foco investigativo é dirigido às características, considerando principalmente a relevância e/ou a originalidade do produto (Alencar et al., 2010). As circunstâncias, ou situações que encorajam ou inibem a expressão criativa são estudadas no aspecto denominado ambiente (Alencar & Fleith, 2003). Nesse sentido, pode-se considerar como ambiente, locais como a escola, a comunidade, o ambiente de trabalho, a família, ou qualquer outro contexto em que o indivíduo está inserido.

Neste trabalho, o foco será dirigido à pessoa criativa, visto que este estudo buscará investigar as características e traços de personalidade usualmente associados à criatividade e sua relação com os níveis de bem-estar subjetivo e estado mental. Nesta perspectiva, a pesquisa sobre a pessoa criativa se debruça sobre as características próprias do indivíduo.

Considera-se, dentre as características pessoais, as habilidades cognitivas, preferências ou estilos de pensar e criar, traços de personalidade e motivação (Alencar et al., 2010). Vale destacar que as características de um indivíduo criativo abarcam aspectos cognitivos e emocionais, e que ambos os aspectos são fundamentais na expressão da criatividade (Nakano, 2018).

Dentro da teoria cognitivista da criatividade, considerando a compreensão de pensamento divergente inicialmente proposta por Guilford, as quatro características centrais da pessoa criativa seriam fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade (Samulski & Costa, 2002). Tais características foram tomadas como base em diversos outros modelos teóricos e instrumentos para avaliação dessa característica. Embora respeitado pioneiro, o modelo cognitivo de Guilford foi considerado como incompleto, suscitando discussões sobre a necessidade da inserção de componentes afetivos na avaliação da criatividade (Nakano, 2006). Nesse sentido, diversas características emocionais tais como fantasia, emotividade, perspectiva incomum, perspectiva interna, uso de contexto, títulos expressivos e emotividade foram acrescentadas às quatro originalmente propostas por Guilford na avaliação da criatividade, sendo tomadas também como descritoras da pessoa criativa (Torrance & Safter, 1999).

Conforme já apresentado, embora inicialmente a criatividade tenha sido atribuída a poucas pessoas, Lubart e Thornhill-Miller (2019) afirmam que a criatividade é uma habilidade comum a todos os indivíduos. Segundo os autores, o que os

diferencia é o quanto este potencial é desenvolvido em termos de nível, grau e área e como essa criatividade é empregada.

Diante do exposto, observa-se que na população geral, a criatividade não é tão frequentemente encorajada, geralmente não se apresentando de maneira extraordinária. Assim, pode-se compreender que, embora todos tenham potencial criativo, este se apresenta em diferentes níveis. A partir dessa compreensão, nota-se que o ambiente é um importante aspecto que influencia o desenvolvimento e expressão da criatividade (Nakano et al., 2014). As autoras argumentam ainda que a criatividade se mostra socialmente definida por meio da interação entre fatores contextuais (recursos disponíveis, crenças, valores, tradições, fatores socioeconômicos, sociais, políticos, educacionais, culturais e familiares) e fatores pessoais (personalidade, inteligência, conhecimento e experiência), específicos do ambiente, os quais podem ter uma influência importante no potencial criativo do indivíduo.

Outro aspecto relevante na discussão da expressão criativa é a influência das características sociodemográficas. Neste sentido, o debate centra-se principalmente nas variáveis sexo, idade e escolaridade. No que tange ao sexo, embora seja encontrada uma variedade de estudos investigam a influência dessa variável na criatividade (Alencar, 1998; Baer & Kaufman, 2008; Nakano, Zaia, & Oliveira, 2018; Sousa & Wechsler, 2013; Wechsler, 2008), o que se observa são muitas incongruências (Alencar, 2008), quanto à temática, de modo que o consenso está longe de ser alcançado.

Em um estudo realizado por Nakano et al. (2018), cujo objetivo foi revisar a literatura sobre a influência do sexo na criatividade, as autoras concluíram que embora antiga, esta discussão se mantém polêmica. Embora existam estudos que indiquem a

igualdade entre os sexos quanto ao desempenho criativo, uma quantidade significativa de pesquisas apresenta evidências que convergem para a compreensão de que os homens apresentam melhor desempenho criativo em relação às mulheres.

Neste sentido, Wechsler (2008) propõe uma discussão relevante, que tange sobre o contexto cultural em que a mulher está inserida, uma vez, que ao historicamente, as mulheres são desencorajadas a se expressarem, enquanto os homens vivenciam maior estimulação e encorajamento social e ambiental. Ainda assim, conforme Nakano et al. (2018), a compreensão da interação entre sexo e criatividade se trata de uma discussão complexa que pode apresentar diferentes nuances.

Nesta discussão cabe ressaltar que a discussão da influência do gênero na criatividade, perpassa aspectos culturais, e conseqüentemente envolve a variável escolaridade, uma vez que historicamente as mulheres tiveram menos acesso às instituições de ensino. Esta consideração ressalta a importância da escola como ambiente facilitador da criatividade. De acordo com Mundim e Wechsler (2019), o ambiente escolar se configura como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento das habilidades criativas, pois estimula o aluno ao pensamento crítico. Com o objetivo de avaliar as competências criativas em contexto escolar, David, Moraes, Primi e Miguel (2014) observaram indícios de relações positiva entre a criatividade e o sucesso escolar em áreas curriculares diferentes. De modo geral, as pesquisas convergem para o entendimento de quanto maior a escolaridade, melhor o desempenho criativo (Nakano & Wechsler, 2006b; Souza, & Wechsler, 2013).

Ainda no que tange às variáveis relevantes para a avaliação do desempenho criativo, embora seja um fator frequentemente discutido nos estudos que avaliam a criatividade, o que se percebe é que grande parte das discussões, não tomam a

influência da idade como um fator central de discussão. Neste sentido cabe ressaltar que assim como Chnaider e Nakano (no prelo) apresentam, grande parte das pesquisas em criatividade têm como população alvo, crianças e adolescentes, de modo que pouco é conhecido acerca das demais faixas etárias. É possível que esta limitação se relacione com a grande aceitação da concepção de que a criatividade se manifesta, em geral nestas fases da vida. Conforme será apresentado adiante, há teorias que defendem que a criatividade se apresenta desde o nascimento e segue numa crescente ao longo da vida de um indivíduo, até que atinja seu ápice e apresente queda gradual com o avanço da idade (Lubart, 2007).

Criatividade Cotidiana

Os estudos científicos convergem para o entendimento de que diferentes níveis de criatividade podem ser percebidos, de acordo com o impacto que provocam, seja ele em nível social ou comunitário ou ainda pela relevância que apresenta particularmente para o indivíduo criador (Silva, 1999). Nesta perspectiva, há a compreensão de que a criatividade vai desde atividades rotineiras, bem como grandes feitos e/ou descobertas que envolvem diretamente a originalidade do produto criativo.

As nomenclaturas encontradas na literatura para diferenciar os níveis de criatividade variam. Dentre essas encontram-se a criatividade maior e menor, criatividade primária e secundária, criatividade histórica e psicológica, criatividade eminente e cotidiana, dentre outras terminologias (Lubart, 2007). Fato é que, independentemente de como é denominada, a diferença consiste propriamente no impacto social direto que o produto criativo possui.

O modelo de criatividade denominado “4c” pretende abarcar as diversas magnitudes da criatividade. Este modelo inclui além da criatividade eminente (“*Big C*”);

a criatividade profissional (“*Pro-c*”), a criatividade cotidiana (“*little c*”), o “*mini-c*” e o “*little c*”, considerado criatividade diária (Kaufman & Beghetto, 2009). Por meio desse modelo, é possível reconhecer que a criatividade está presente em todos os indivíduos, mesmo que em níveis ou intensidades diferentes.

O *Big C* refere-se ao nível mais alto de criatividade, em que indivíduos se destacam exponencialmente por suas produções icônicas, ao longo da vida ou mesmo pós-morte (Wieth & Francis, 2018). Quando a produção criativa está associada diretamente ao trabalho profissional e à expertise na atividade laboral, na qual os criadores são considerados expoentes em suas produções, mas não o suficiente para serem concebidos como gênios, caracteriza-se como profissional ou *Pro-c* (Kaufman & Beghetto, 2009).

O *mini-c* abarca a criatividade em nível de aprendizagem. Pauta-se no conceito de criatividade individual e na ideia de desenvolvimento da criatividade (Kaufman & Beghetto, 2009). Este nível de criatividade se refere à capacidade própria do indivíduo em criar, ainda que a partir de um conhecimento mínimo (Beghetto & Kaufman, 2007). Assim, quanto mais experiência e aprendizado o indivíduo alcançar, mais ele irá caminhar para o desenvolvimento da criatividade em níveis mais avançados.

O reconhecimento da categoria *mini-c* possibilita o aproveitamento do potencial criativo, além de imprimir valor às ideias que possuem significado e interpretação pessoal única (Kaufman & Beghetto, 2009). Tal categoria possibilita o reconhecimento da criatividade a partir de níveis mínimos, em que são considerados atos criativos, interpretações ou ideias não expressas, ou menos identificadas, que também podem ser chamados de *insights* (Grohman, 2019).

Conceituada por Kaufman e Beghetto (2009) como a criatividade que ocorre diariamente na tentativa de algo novo, a criatividade cotidiana (*little c*) pode ser

descrita como atividades ou ações que normalmente não são reconhecidas como criativas, mas que se tornam criativas por se configurarem como uma solução incomum para um problema habitual (Glăveanu, & Kaufman, 2019). O reconhecimento da criatividade cotidiana permite evidenciar a necessidade de reconhecer e encorajar a criatividade em diversos ambientes do dia a dia, a fim desmistificar a crença de que poucas pessoas são criativas.

Embora a discussão sobre os níveis de criatividade seja fundamental para a compreensão deste construto, é importante ressaltar que nem toda pessoa tem inclinações para desenvolver suas habilidades criativas ao ponto de produzir algo considerado profissional ou atingir alta criatividade (Wieth & Francis, 2018). Nesses casos, a importância da criatividade reside no ato criativo em si, sendo a criatividade tomada como o próprio objetivo, concebida como uma maneira de expressão de emoções, ideias, e experiência de vida (Kaufman & Beghetto, 2009), o que por si só, pode favorecer o indivíduo.

Existem teorias que defendem a criatividade cotidiana como parte constituinte da criatividade eminente, como uma fase de desenvolvimento para o alcance do *Big C* (Conner & Silva, 2015). Porém ao se pautar na teoria dos 4C's, a criatividade cotidiana pode ou não ser uma etapa de desenvolvimento para a alta criatividade, de maneira que esta ideia não se aplica a todos os indivíduos (Kaufman & Beghetto (2009). Destaca-se que este o modelo não visa enrijecer o desenvolvimento da criatividade estabelecendo etapas, mas sim, contribuir para a melhor avaliação da criatividade, a fim de aprofundar a compreensão do construto, e conseqüentemente, favorecer o aprimoramento de estratégias de estimulação desta habilidade.

Alguns autores discutem que ainda são poucos os estudos que visam a investigação da criatividade diária (Conner & Silva, 2015); entretanto, Wieth e Francis

(2018) esclarecem que a dificuldade de recriar e estudar a criatividade cotidiana em laboratório, tende a fazer com que os pesquisadores foquem seus estudos no processo da criatividade cotidiana e não no produto. No estudo aqui apresentado, o enfoque será sobre a criatividade cotidiana, *little c* e *mini c*.

Nota-se que o aprofundamento desta discussão é relevante, uma vez que esta se apresenta rotineiramente em diversos contextos. Na criatividade cotidiana, a utilidade da ideia assume caráter preponderante (Conner & Silva, 2015), desmistificando compreensões equivocadas a respeito da criatividade, comumente associada à genialidade ou a doenças mentais. Portanto, o reconhecimento da criatividade cotidiana permite que o potencial criativo possa ser identificado em todos os indivíduos, inclusive naqueles que já se encontram na velhice, fase do desenvolvimento foco do presente estudo.

Criatividade em Idosos

A discussão sobre a criatividade em diferentes fases do desenvolvimento humano permeia o meio científico e propõe um outro viés de investigação sobre a criatividade. A literatura indica que este construto está presente no indivíduo desde a infância e pode ser manifestado em diferentes fases da vida (Lubart, 2007; Wechsler, 2008). Portanto, a discussão e a investigação sobre a criatividade são relevantes em qualquer fase do desenvolvimento humano.

Há diversas discussões que consideram que o ápice da produção criativa ocorre por volta dos 40 anos de idade, apresentando um declínio paulatino até o fim da vida do indivíduo. Esse modelo assume a forma de um U inverso, em que a criatividade se apresenta em níveis mínimos no início e no fim da vida (Lubart, 2007).

Entretanto, alguns autores consideram a infância como a “idade de ouro” da criatividade (Silva, 1999).

Outro aspecto a ser considerado ao investigar a criatividade é influência das oportunidades na expressão criativa (ambiente). Enquanto algumas realizações criativas são mais comuns entre os jovens, outras ocorrem em idade mais avançada. Candeias (2008) cita como exemplo, que o matemático pode alcançar sua melhor fase criativa entre os 20 e 30 anos, o físico entre os 30 e 40 anos, mas grandes obras filosóficas realizam-se, normalmente, em um momento posterior da vida. Considerando esta perspectiva, a idade é fator importante, visto que as maiores produções ou as mais reconhecidas ocorrem, geralmente entre os 20 e 40 anos de idade (Simonton, 1991).

Também Lubart (2007) afirma que, de modo geral, a criatividade aumenta com a idade, atingindo seu auge, em média, ao redor dos 40 anos. Depois dessa fase, ela começaria a decair lentamente. Ainda de acordo com o autor, nos primeiros anos da vida adulta, a criatividade seria mais intensa, baseada nas experiências objetivas e marcada por obras espontâneas, que questionam os valores tradicionais em seu campo de expressão. Já os indivíduos criativos mais velhos teriam tendência a produções mais reflexivas, fruto de elaboração e procurariam sintetizar os valores tradicionais. Assim, as obras criadas tardiamente tendem a se apoiar na experiência subjetiva, sob um ponto de vista introspectivo, de modo a refletir suas experiências anteriores.

A compreensão do idoso, comumente disseminada no ocidente como alguém com poucas possibilidades e potencialidades devido à proximidade com o fim da vida, reforça o estereótipo de improdutividade associado à velhice, e colabora com a concepção dicotômica de indivíduos criativos e não criativos (Sabeti, 2015). Ainda

assim, de acordo com Lubart (2007) a literatura sobre a temática indica que, na velhice, há um declínio acentuado da criatividade.

As evidências quanto à diminuição da criatividade na terceira idade são associadas ao declínio cognitivo próprio do envelhecimento (Silva, 1999), fase na qual a diminuição da velocidade de processamento implicaria muito mais na quantidade da produção criativa do que propriamente na qualidade do produto (Lubart, 2007). Outra justificativa apresentada por Silva (1999) é pautada na redução da saúde física e mental, assim como nas questões financeiras, de relacionamento social, sexual e debilidade motora, que comumente ocorrem na velhice. Ademais, a propensão de inclinar-se para o passado como possibilidade de criação, pode se tornar um impeditivo para o ato criativo, uma vez que os idosos podem alcançar a autorrealização ao se debruçar sobre seus feitos anteriores (Lubart, 2007).

Ainda no tange à relação entre a idade cronológica e a criatividade, há a necessidade de considerar o aspeto qualitativo. Nessa esfera, a literatura indica diferenças significativas sendo que, durante o início da vida adulta a expressão criativa, de forma geral, é marcada pela espontaneidade, enquanto as produções de pessoas em idade mais avançada apresentam traços mais reflexivos (Lubart, 2007). O autor também sugere que tal característica reflexiva possa ser resultado da tendência que pessoas idosas têm de se expressar criativamente a partir de lembranças do passado, e que suas produções se centram mais nos valores apreendidos ao longo da vida, e nas experiências subjetivas, além do questionamento sobre o sentido da vida.

Neste aspecto, Sabeti (2015) corrobora a literatura ao argumentar que a criatividade pode ser expressa de diferentes maneiras, e frequentemente, os idosos tendem a resgatar o passado e memórias pessoais como forma de expressão. Outras

características da produção criativa de idosos se referem à suavidade, à harmonia e à integração de ideias contraditórias, principalmente quando no meio artístico (Lubart, 2007). Embora a reminiscência possa apresentar-se para pessoas mais jovens como uma expressão saudosista, e contraproducente com a ideia de criatividade como prática orientada para o futuro, o resgate de memórias favorece com que o idoso possa integrar suas experiências passadas na sua vida atual (Sabeti, 2015).

Muito se discute acerca das barreiras para a expressão criativa na terceira idade. Dentre os aspectos mencionados, é possível listar a eminente diminuição de proventos financeiros decorrente da retirada, ainda que paulatina, do mercado de trabalho (Souza, 2011), a diminuição da interação social, o julgamento social que faz com que a velhice ainda seja compreendida dentro de um estereótipo obsoleto (Lubart, 2007), a menor abertura às experiências, e a maior prudência observadas na velhice. Somam-se a estes fatores, aspectos intrínsecos como motivação quanto à necessidade de inovar, além de maior dificuldade de se expor a avaliações e comparações com produções de outros momentos da vida (Silva, 1999).

Alguns autores defendem que é a partir de idade adulta que a criatividade atinge seu pico, pois o indivíduo teria adquirido experiência e conhecimento suficientes para apresentar características como inovação e originalidade (Silva, 1999). Outras discussões se amparam na hipótese de que os idosos teriam maior variabilidade em seu repertório devido ao maior acúmulo de experiências, o que tornaria mais eficaz a identificação de um problema, bem como a seleção de estratégias, comparação e combinação (Lubart, 2007).

Em se tratando da literatura científica nacional, a criatividade em idosos é uma das temáticas que menos aparece nas revisões de estudos na área da avaliação psicológica (Chnaider & Nakano, no prelo), apesar de um levantamento feito no ano

de 2004 na literatura internacional, ter apontado a criatividade como um dos principais tópicos de estudo na psicologia do envelhecimento (Neri, 2004). Especificamente, se considerarmos as revisões de literatura nacionais sobre criatividade, veremos que a população idosa praticamente não tem sido contemplada nos estudos da temática, independente do contexto em que ela seja investigada (Nakano & Wechsler, 2007; Silva & Nakano, 2012; Wechsler & Nakano, 2002). Alves e Nakano (2015) especificam que, em relação à criatividade, dentre os grupos menos investigados, destacam-se os adultos e os idosos.

De acordo com Chnaider e Nakano (no prelo) nota-se que na literatura científica nacional há o predomínio de trabalhos que investigam a criatividade na infância, bem como estratégias e intervenções que visam o desenvolvimento e a estimulação do potencial criativo em ambiente escolar. Em contrapartida, as autoras observam que os estudos que contemplam a compreensão da relação da criatividade com outros construtos, em especial no envelhecimento, são mais escassos.

Ainda assim, acredita-se que, além de favorecer a sensação de bem-estar, Sabeti (2015) defende que a criatividade possibilita, ao idoso, encontrar uma identidade nesta fase da vida. Já Abreu (2018) evidencia o aspecto protetivo da criatividade, bem como sua função de manutenção da saúde mental no processo de envelhecimento, muito embora Souza (2011) acentue que, mesmo se configurando como uma ferramenta relevante no enfrentamento de questões próprias do envelhecimento, pouco se discute sobre criatividade na terceira idade.

Considerando as diferentes concepções de criatividade, o consenso sobre os benefícios da criatividade para pessoas mais velhas se dá ao observar os resultados das pesquisas que abordam a temática sob diferentes perspectivas e enfoques. A exemplo, pode-se citar Barbosa e Werba (2010), que lançam mão da arteterapia como

estratégia de atendimento à idosos, pois, de acordo com as autoras, em tal prática, a criatividade possibilitaria o acesso a conteúdos esquecidos ou desconhecidos, uma vez que na arteterapia, o foco não reside no produto, na técnica estética ou qualidade do produto, mas sim na expressão, resgate e ampliação do potencial criativo. Nesta compreensão, pode-se verificar que o olhar retrospectivo comumente apresentados por idosos quanto à expressão criativa, o debruçar-se sobre o passado como forma de criar, embora aparentemente contraproducentes, em pessoas mais velhas, podem favorecer a expressão criativa.

Ainda no que tange aos benefícios associados à expressão criativa no público idoso, a autorrealização aparece como uma das categorias encontradas como resultado de um estudo qualitativo realizado por Guedes (2007). Nele, a autora utiliza a arteterapia para estimular a criatividade na investigação da autoimagem de idosos. Dentre outros fatores positivos após a intervenção, a autora relata a identificação de outros aspectos positivos como gratidão, melhoria na socialização e habilidades cognitivas, e melhoria na autopercepção do estado de saúde dos participantes.

No cenário científico brasileiro há trabalhos cuja discussão permeia a relação da criatividade com outros construtos e fornece resultados importantes para compreensão da criatividade no envelhecimento, considerando as questões socioeconômicas e culturais próprias do Brasil. Neste sentido, o trabalho realizado por Souza e Wechsler (2013), cujo objetivo foi comparar as habilidades cognitivas e criativas de idosos e pessoas na maturidade, considerando a influência do sexo, faixa etária e escolaridade, demonstrou que tanto a criatividade verbal quanto a figural são influenciadas pelo nível educacional, independente da faixa etária.

O estudo realizado por Nakano, Machado e Abreu (2019), investigou a relação entre o estilo de pensar e criar, bem-estar e estresse na maturidade e velhice. Os

resultados indicaram que alguns estilos criativos se mostram mais relacionados aos outros construtos avaliados. Em um estudo de delineamento qualitativo, Barros e Búrigo (2005) buscaram, por meio de oficinas pedagógicas, estimular a criatividade em 17 estudantes idosos, matriculados em um núcleo de estudos da terceira idade. Como resultados as autoras destacam o papel fundamental da criatividade enquanto promotora de afetos positivos. Já no trabalho realizado por Laroque, Affeldt, Gheno, Dias e Santana (2013), a oficina de criatividade foi utilizada como ferramenta para possibilitar a expressão de sentimentos e estimulação da memória em idosos institucionalizados.

É possível notar que a criatividade pode ser utilizada como meio de acesso ao sentido e significados de vida para os idosos, favorecendo a expressão de sentimentos, ideias e emoções, ressaltando o caráter de promoção de saúde mental deste construto. Outros estudos como os de Bestetti e Chiarelli (2012) e Veras (2012) enfocam que, em relação à terceira idade, as ações de políticas públicas devem ser pensadas a partir de uma ótica criativa e inovadora.

Neste sentido, os autores defendem que os gestores e os profissionais que atuam diretamente com a população idosa devem encontrar soluções criativas para lidar com questões comuns ao dia a dia dos idosos, em especial aqueles institucionalizados. Estes estudos apresentam um outro viés investigativo acerca da criatividade aplicada ao envelhecimento, entretanto, contribuem para evidenciar a necessidade de aproximação da criatividade com a psicologia do envelhecimento, o bem-estar e demais aspectos positivos da velhice.

Capítulo III

Bem-Estar Subjetivo (BES)

A pesquisa sobre o Bem-Estar Subjetivo (BES) tomou força no meio científico por volta do século XX (Blázquez, Hernández, & Calvillo, 2015). Por muito tempo, o questionamento dos pesquisadores residiu, não apenas em compreender o que era a felicidade, mas também em como e por quais motivos as pessoas experienciam a vida positivamente (Diener, 1984). Segundo Oliveira, Queiroz e Costa (2012), com o passar do tempo, o BES assumiu uma importância central nos estudos de Qualidade de Vida (QV), sendo compreendido como uma percepção emocional pessoal, que pode ser influenciada por fatores ambientais.

Grande parte dos estudos sobre BES, o concebem como um construto composto por três fatores: Afeto Negativo (AN), Afeto Positivo (AP) e Satisfação com a Vida (SCV). Para Warner e Rasco (2014) tanto o AN quanto o AP, compõem uma dimensão afetiva em que a felicidade é marcada como um ponto de equilíbrio entre os dois, enquanto a SCV é a dimensão cognitiva, tomada como principal indicador de bem-estar (Oliveira et al., 2012). Neste sentido, cabe ressaltar que, no aspecto subjetivo as condições de vida como saúde, conforto e riqueza são importantes, mas não fundamentais.

Embora seja multidimensional e dinâmico, o BES não é necessariamente estável (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Assim, é possível dizer que o BES se refere a avaliação global do indivíduo sobre todas as esferas de sua vida, em que a avaliação positiva reside no saldo de afetos positivos e negativos, e não na ausência de afetos negativos (Oliveira et al., 2012).

Para Diener e Seligman (2004) a multiplicidade de definições sobre o BES, faz com que seja comum que as investigações se centrem em apenas um dos pilares constituintes do construto, deixando de lado as demais dimensões. Na definição difundida por Diener (1984), o BES é considerado “um julgamento global do bem-estar baseado em informações que a pessoa acredita serem relevantes” (Diener & Seligman, 2004, p.4), ou seja, o BES trata-se do modo como as pessoas avaliam as suas vidas.

Na tríade que compõe o BES, a dimensão afetiva, composta por AN e AP, referem-se às respostas afetivas de cada pessoa, e se relacionam como polos opostos do mesmo construto e, por isso, independentes (Noronha, Martins, Campos, & Mansão, 2015). O Afeto Negativo é compreendido como um estado emocional transitório, estando relacionado a emoções que causam desconforto, como tristeza, pessimismo, sofrimento, angústia e aflição psicológica (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Os AN possuem relação direta com fatores extrínsecos como, por exemplo, estabelecimento e alcance de metas (Costa & Pereira, 2007). De tal modo, altos índices de AN estão associados à maior vivência de sentimento de tristeza, preocupação e desânimo (Noronha et al., 2015).

Já o Afeto Positivo é um estado um estado emocional de contentamento hedônico transitório, sentido em um determinado momento (Albuquerque & Tróccoli, 2004), e se relaciona diretamente com necessidades intrínsecas (Costa & Pereira, 2007). Altos níveis de AP propiciam alegria, engajamento no cumprimento de tarefas, entusiasmo e confiança (Noronha et al., 2015).

Embora muitos estudos tentem compreender a maior ou menor prevalência de afetos nos indivíduos, Guedea et al. (2006) afirmam que, embora muitas pesquisas centrem-se em explicações a partir de variáveis sociodemográficas como idade,

gênero e contexto cultural, essas variáveis não fornecem respostas definitivas, sendo importante considerar outras variáveis, como a personalidade.

Desde 1984, Diener defende que há evidências que convergem para a compreensão de que o nível médio de afetos é resultante da intensidade e frequência em que esses afetos são vividos. Por outro lado, Passareli e Silva (2007) admitem que os afetos positivos podem estar relacionados às boas relações interpessoais, assim como com características de personalidade, mas não desconsideram que a intensidade e frequência desses afetos, assim como a compreensão que o indivíduo possui sobre os eventos da vida, são determinantes nos índices de BES.

No que concerne à dimensão cognitiva, Oliveira, Souza, Granja, Antunes e Nascimento Júnior (2020) esclarecem que a SCV se refere ao julgamento que o indivíduo faz de diversos aspectos de sua vida, geralmente comparando as situações a um padrão ideal estabelecido por ele próprio. Segundo Blázquez et al. (2015), a SCV também pode ser concebida como avaliação da Qualidade de Vida (QV), a depender da definição adotada na compreensão destes construtos; entretanto, independente da definição adotada, a SCV é uma dimensão da QV.

De acordo com Soares et al. (2020), por se tratar de um construto dinâmico, a SCV varia no decorrer da vida de um indivíduo de acordo com os acontecimentos, e sua avaliação é subjetiva. Os mesmos autores defendem ainda que a SCV é decorrente da realização de necessidades, desejos e vontades, assim como da comparação feita entre as expectativas e o que foi realmente alcançado.

Inicialmente as hipóteses defendidas por Diener (1984) envolviam a ideia de que o BES dependia de características sociodemográficas como renda, idade e estado civil, e que pessoas mais jovens, com renda mais alta e com relacionamentos estáveis eram mais felizes. Mas de acordo com o mesmo autor, dado ao avanço das

pesquisas, estas hipóteses foram refutadas, e o aspecto subjetivo do bem-estar ganhou mais força.

Na literatura, o BES é considerado como um indicativo de saúde mental, uma vez que, em baixos níveis, pode se apresentar como um fator de risco para a depressão, e quando em níveis mais elevados, como fator protetivo no caso de algumas psicopatologias (Costa & Pereira, 2007). Ademais, as evidências empíricas sugerem que altos níveis de bem-estar favorecem o estabelecimento e manutenção de vínculos, de relações sociais positivas, e a tomada de decisão quanto a diversos aspectos da vida (Diener & Seligman, 2004). Ainda nesse sentido, Soares et al. (2020) ressaltam que o BES é uma medida positiva de saúde mental e, como tal, é fundamental ser compreendida nas diversas fases da vida.

Neste estudo, para avaliação do BES, foi adotado o conceito proposto por Diener (1984), uma vez que, em se tratando da população idosa, supõe-se que, para avaliar o próprio bem-estar, este público tende a considerar os aspectos evidenciados por este modelo. Além disso, medidas como SCV e AN/AP compõem as medidas subjetivas do envelhecimento positivo (Mantovani, Lucca, & Neri, 2016).

Bem-Estar Subjetivo em idosos

O BES é uma temática que vem se destacando nas discussões em psicologia do envelhecimento (Cachioni et al., 2017). Esse fenômeno pode ser compreendido como resultado do equilíbrio entre as várias dimensões da capacidade funcional do idoso (Oliveira et al., 2012).

No Brasil, a temática também tem ganhado significativa relevância em diversas áreas de estudo (Soares et al., 2020). Embora pouco compreendida, sabe-se que existe relação direta entre o bem-estar, saúde e longevidade (Diener & Seligman,

2004). Uma das hipóteses é que pessoas com maiores índices de BES tendem a adoecer menos, e conseqüentemente, viver mais (Mantovani et al., 2016).

Quando as necessidades básicas de um indivíduo são satisfeitas, a tendência é que as atividades relacionadas ao trabalho e lazer sejam principais atores na construção da sua concepção de bem-estar (Diener & Seligman, 2004). Outros estudos indicam que o BES é um indicativo da adaptabilidade do idoso acerca de questões objetivas que permeiam essa fase do desenvolvimento (Rocha, Mota, & Oliveira, 2017).

Embora existam discussões que defendam o aumento do BES no envelhecimento (Cachioni et al., 2017; Mantovani et al., 2016), outras teorias afirmam que o BES pode ser afetado de forma negativa. No caso da existência de problemas de saúde ou dificuldades de adaptação com as mudanças físicas naturais do envelhecimento, a sensação de bem-estar e satisfação com a vida podem se mostrar diminuídas (Oliveira et al., 2012).

De acordo com Oliveira et al. (2012) as alterações próprias da velhice tendem a serem mais notadas a partir dos 65 anos. Por este motivo, os autores destacam que o BES tem sido reconhecido como importante indicador de adaptação na terceira idade, sendo influenciado por fatores externos tais como nível de atividade, prática de atividade física, institucionalização e apoio social. Portanto, tais aspectos podem auxiliar o entendimento do bem-estar subjetivo na velhice.

Entretanto, em um estudo realizado por Cachioni et al. (2017), que analisou a distribuição entre as medidas de bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico segundo os critérios sociodemográficos de 265 idosos matriculados em um programa da Universidade Aberta a Terceira Idade, indicou que fatores externos, como a escolaridade, não se mostraram relacionada ao BES. Tais resultados evidenciaram

que, embora considerado um importante preditor na avaliação do BES de outros grupos etários, é possível que esta compreensão não se aplique à população idosa.

Ao longo de décadas, as pesquisas sobre o BES em diferentes fases do desenvolvimento geraram diversas hipóteses, dentre as quais, as que sugerem que os jovens tendem a experimentar mais estados de alegria, ou AP, quando comparados a adultos mais velhos, enquanto idosos apresentam níveis mais altos em Satisfação com a Vida (SCV) (Diener, 1984). Por outro lado, pesquisas mais recentes mostram que os níveis de BES ao longo da vida não apresentam grandes variações (Noronha et al., 2015).

Para Tomomitsu, Perracini e Neri (2014), mesmo que o envelhecimento possa causar a diminuição do BES, quanto maior capacidade de adaptação psicológica do idoso, mais facilmente os níveis de BES voltam a níveis médios. De acordo com os autores, mesmo quando diminuído, o BES em pessoas idosas frequentemente se apresenta superior quando comparado em pessoas mais jovens. Desta maneira, é possível supor que o envelhecimento positivo pode ser associado a bons índices de BES.

De acordo Cachioni et al. (2017), quando comparado a adultos de meia idade, os resultados de BES dos idosos também são melhores. Os autores defendem que a maior maturidade, estabilidade emocional, melhor capacidade de vivenciar situações emocionais complexas, maior facilidade para nomear e compreender os próprios sentimentos e os sentimentos do outro, diminuição da variabilidade e intensidade de Afetos Negativos (AN) e Afetos Positivos (AP), assim como a habilidade em selecionar parceiros que possibilitem maior conforto emocional em detrimento ao *status* social, são os fatores que fazem com que estes índices de BES se mostrem mais elevados na terceira idade.

Em se tratando do componente cognitivo do BES, Guedea et al. (2006) afirmam que, em idosos, a SCV se sobressai ao componente afetivo (AN/AP). Os autores discutem que pessoas idosas tendem a avaliar seu BES considerando aspectos gerais, inclusive questões e metas passadas, comparando-as com as realizações do momento atual de vida e suas conquistas.

De acordo com Mantovani et al. (2016), além de avaliar os níveis de BES na população longeva com o objetivo de delinear um perfil de bem-estar deste público, diversas pesquisas que abordam essa temática visam identificar os aspectos associados ao envelhecimento bem-sucedido e o BES. Os autores destacam ainda que no Brasil há escassez de estudos que forneçam dados significativos para a compreensão da associação entre o BES e o envelhecimento bem-sucedido.

O estudo do BES abrange o nível de atenção primária à saúde, que se refere à realização de pesquisas e ações que promovam a saúde mental de um indivíduo ou de um grupo; logo, a investigação sobre as variáveis que favorecem o aumento do BES na terceira idade é uma ação de prevenção à saúde mental deste público (Cruz, 2003). Neste sentido, Carneiro (2011) defende que embora o aumento da expectativa de vida seja sinal de desenvolvimento, quando a longevidade não é acompanhada de bem-estar, torna-se um marco de retrocesso.

Portanto, o desenvolvimento de pesquisas sobre os fatores associados ao BES na terceira idade são fundamentais, pois este aspecto se interrelaciona com a motivação, a realização do autocuidado e com a promoção e prevenção de saúde (Mantovani et al., 2016). Ou seja, a compreensão de quais construtos associados ao BES favorecem o desenvolvimento de ações estratégicas para o alcance do envelhecimento positivo se mostra essencial.

Relação entre Criatividade e Bem-Estar Subjetivo

Ao invés de focar nas deficiências e fragilidades humanas, cada vez mais a ciência tem buscado chamar a atenção para as potencialidades e competências dos indivíduos (Garcês, Pocinho, & Jesus, 2013). Por ser compreendida como uma ferramenta de prevenção de desajustes emocionais, a criatividade assume papel importante no desenvolvimento emocional e mental.

Em diversos momentos da vida a criatividade cotidiana tem relevância, assim como no desenvolvimento de aspectos como bem-estar psicológico, *coping*, saúde mental e crescimento emocional; portanto pode ser um instrumento para o alcance de melhor bem-estar, especialmente em relação à satisfação e realização pessoal (Garcês et al., 2013). De acordo com Sakamoto (2008), a criatividade possui importante interface com a saúde psicológica e com o desenvolvimento humano.

Segundo Martínez (2007), o desenvolvimento da criatividade se associa à saúde e à produção de estados emocionais que favorecem o bem-estar, opondo-se aos processos de doença. Logo, a criatividade pode ser considerada um fator de proteção da saúde mental, atuando como facilitadora do funcionamento integral do ser humano (Oliveira, 2010).

Dentre as forças de caráter e virtudes que propostas por Seligman, Steen, Park e Peterson (2006) está a criatividade. Segundo estes autores, essas forças de caráter e virtudes possuem uma relação de influência mútua. Neste sentido, Oliveira, Nunes, Legal e Noronha (2016) defendem que existe relação significativa entre a criatividade e AN e AP, elementos que compõem o BES.

De acordo com Reynolds (2010), as atividades de lazer que englobam produções criativas como jardinagem, artes e artesanato, quando realizadas por idosos, possibilitam que o indivíduo se mantenha ativo. O autor sustenta que a

realização destas atividades assume função para além da atividade de lazer, podendo ser descrita como atividades ativas, as quais exercem impacto sobre outras variáveis, dentre elas, o BES.

Diversos estudos têm centrado suas investigações em como e por que o BES favorece a criatividade (Lomas, 2016); entretanto, os resultados encontrados ao longo dos anos suscitaram a necessidade de compreender se o oposto também é verdadeiro, ou seja, se a criatividade também exerce influência nos índices de BES. Neste sentido, a discussão se baseia na existência, ou não, de uma relação mútua entre os construtos.

A escassez de estudos brasileiros que tenham por objetivo avaliar especificamente a influência da criatividade no aumento do BES, impossibilita a construção de teorias fundamentadas. Embora existam diversas vias de discussão sobre BES em idosos, nota-se que pouco se estuda sobre o impacto da criatividade no BES de pessoas mais velhas (Reynolds, 2010).

Na literatura internacional, diversos estudos têm buscado compreender a relação entre a criatividade e o BES. Nesta discussão, algumas pesquisas defendem que criatividade e BES não possuem relação significativa entre si (Besançon, Fenouillet, & Shankland 2015), enquanto outros resultados indicam a existência de relação entre os construtos (Jalali & Heidari, 2016). Outros estudos discutem ainda, a possibilidade de que ambos se influenciem mutuamente (Gostoli, Cerini, Piolanti, & Rafanell, 2017).

Ao revisar a literatura específica, Reynolds (2010) concluiu que há evidências de que as atividades que envolvem a expressão criativa estão associadas ao aumento do BES. Entretanto, o autor apresenta, como crítica, o fato de que a maior parte dos estudos fazem uso de medidas qualitativas; assim, esse autor recomenda a realização

de avaliações quantitativas, cujos resultados podem complementar e tornar essas evidências mais robustas.

Para Zeilig, Tischler, Williams, West e Strohmaie (2018), o caráter de autorrealização da criatividade pode favorecer os níveis de BES. Ao avaliar, qualitativamente e quantitativamente, idosos acometidos por Alzheimer que participavam de oficinas criativas que utilizavam a música como recurso para suscitar a criatividade, os autores observaram aumento significativo nos índices de BES dos participantes.

Em uma revisão de pesquisas sobre a relação entre a criatividade e o BES, realizada por Chnaider e Nakano (no prelo), grande parte dos estudos que buscam compreender a relação entre criatividade e BES possuem amostras compostas por pessoas não idosas, o que dificulta a compreensão da relação entre essas variáveis especificamente na população idosa. Entretanto, ainda que as pesquisas com jovens e adultos sejam mais frequentes, é possível utilizar estes resultados como norteadores para a construção de uma hipótese que se aplique a velhice.

Também através da música como forma de expressão criativa, Burnard, Dragovic e Tatjana (2015) analisaram, qualitativamente, a influência da criatividade no BES de alunos do quinto ano do ensino fundamental, e encontraram relações significativamente positivas em relação ao aumento do BES. Já Tamannaeifar e Motaghedifard (2014) investigaram a relação entre a criatividade, o BES, e a autoeficácia. Participaram da amostra 355 estudantes universitários iranianos, e os resultados evidenciaram a capacidade preditiva da criatividade em relação ao BES.

Muitos estudos adicionam ainda uma terceira variável na investigação da relação entre criatividade e BES. Entretanto, cabe ressaltar que, nestes casos, a inclusão de um terceiro construto não é relacionada à mediação entre o BES e a

criatividade, mas sim, adicionada como um aspecto que pode ser favorecido pela prática criativa ou pelo aumento do BES. A este exemplo, pode-se citar o trabalho realizado por Davis, Kaufman e McClure (2011), os autores buscaram identificar, em que medida os aspectos não cognitivos, como o BES, personalidade, motivação e estilos de pensar, podem ser preditores de criatividade.

Cabe ressaltar que, dependendo do contexto e população investigada, os resultados encontrados podem se mostrar contraditórios. De tal modo, a investigação dessa relação entre criatividade e BES com a população senil, em contexto brasileiro, se faz necessária para além da compreensão do funcionamento desses construtos, mas também embasando intervenções que subsidiem a atuação do profissional que atua diretamente na promoção de saúde mental da população idosa e envelhecimento positivo.

Capítulo IV

Aspectos cognitivos e envelhecimento

A cognição é composta por diversos aspectos que envolvem o funcionamento mental tais como “habilidade para expressar sentimentos, pensamentos, percepções, lembranças e raciocinar, além de estruturas complexas que envolvem pensamento e a capacidade de produzir e fornecer respostas aos estímulos externos” (Lima Neto, Nunes, Oliveira, Azevedo, & Mesquita, 2017, p.754).

A boa funcionalidade cognitiva dos idosos é considerada um indicador importante de envelhecimento ativo e longevidade (Souza et al., 2018). De acordo com Macedo, Laux, Londero e Corazza (2019), os processos cognitivos são extremamente importantes no dia a dia dos idosos, pois se relacionam com a capacidade de manter o foco em estímulos relevantes do ambiente. Cabe ressaltar que, no envelhecimento bem sucedido, o declínio cognitivo não afeta significativamente o dia a dia da pessoa idosa (Lima Neto et al., 2017), sendo as alterações cognitivas consideradas uma característica própria e natural do envelhecimento (Matthews, Jagger, Miller, Brayne, & MRC CFAS, 2009).

Por outro lado, o declínio cognitivo consiste na lentidão das habilidades mentais, que tende a evoluir com o avançar da idade. Em geral, essa perda cognitiva ocorre de forma lenta e gradual; assim, em pessoas saudáveis, pode ser extremamente sutil e imperceptível (Argimon, Bicca, Timm, & Vivan, 2006; Neri & Neri, 2011). Entretanto, os prejuízos funcionais decorrentes das queixas de memória podem impactar a autoestima, gerando sentimentos de inutilidade, isolamento social e familiar e desencadear sentimentos de ansiedade e depressão (Gomes, Souza, Marques, & Leal, 2020).

Dadas as possíveis consequências, os aspectos relacionados à cognição da pessoa idosa merecem atenção especial em relação ao seu curso, de modo que importante número de pesquisas buscam responder, até que ponto, é possível reverter o declínio mental esperado com a idade e o declínio patológico (Santos & Flores-Mendoza, 2017). Do mesmo modo, diversos estudos voltados à investigação dos efeitos de programas voltados à estimulação cognitiva em idosos vêm sendo relatados na literatura científica (Gomes et al., 2020; Morando, Schmitt, & Ferreira 2018).

Atualmente, compreende-se que o declínio cognitivo é fortemente influenciado por variáveis genético-biológicas, assim como por processos socioculturais (Neri & Neri, 2011), que incluem estilo de vida e relações sociais (Mello & Tufik, 2014), bem como as oportunidades educacionais (Miranda & Souza, 2019). Cabe ressaltar que, de acordo com Silva, Caldeira, Cruz e Carvalho (2020), níveis mais elevados de escolaridade e renda, maior participação em comunidade e realização de atividades que envolvem estimulação física, mental e social, auxiliam na manutenção do desempenho cognitivo.

Segundo Neto et al. (2017), as alterações mais relatadas ao longo do envelhecimento são as relacionadas à atenção, concentração e raciocínio indutivo, geralmente marcadas pelo esquecimento de fatos recentes, dificuldade de efetuar cálculos, mudanças no estado de atenção e diminuição da concentração e raciocínio (Silva et al., 2020). Os mesmos autores destacam, dentre as principais alterações no desempenho cognitivo além da atenção, a percepção, memória de trabalho, memória semântica entre outras funções executivas.

Ainda que o declínio cognitivo em pessoas idosas saudáveis não afete significativamente a sua rotina diária, Reuter-Lorenz e Park (2014) salientam que o

desempenho em atividades neuropsicológicas, como memória, atenção e velocidade de processamento em idosos, é inferior quando comparados a adultos mais jovens, fazendo com que, na velhice, haja uma queda no desempenho de atividades que exijam tais habilidades (Serafim, 2018).

Via de regra, o estudo e a avaliação das funções cognitivas são feitas separadamente para facilitar o estabelecimento de parâmetros e compreensão destes construtos (Carreiro et al.,2015). Diante das inúmeras funções cognitivas, neste estudo, para avaliar tal construto, optou-se em utilizar um teste que afere o estado mental (Mini Exame do Estado Mental).

Com o objetivo de analisar se existem diferenças entre o desempenho cognitivo de idosos em relação ao sexo e a escolaridade, utilizando como instrumento o MEEM, Argimon et al. (2012) avaliaram 488 idosos. Os autores observaram diferenças significativas entre as médias, sendo que os homens apresentaram desempenho superior ao das mulheres; entretanto, as justificativas para tal diferença ainda não são definitivas e podem estar associadas a aspectos sócios culturais, como acesso à educação, trabalho, lazer e saúde.

Em outro estudo, cujo objetivo foi avaliar o desempenho no MEEM, considerando as variáveis idade e a escolaridade, Diniz, Volpe e Tavares (2007) avaliaram 174 idosos com idade média de 72 anos, e escolaridade correspondente a três anos de estudo. Os autores observaram que os idosos mais jovens apresentaram melhor desempenho cognitivo quando comparado aos idosos mais velhos.

No que tange à relação dos aspectos cognitivos e criatividade, Souza e Wechsler (2013) investigaram a interação das habilidades intelectuais e criativas com a escolaridade. Foram avaliadas 81 pessoas com idade entre 45 e 83 anos, e as autoras observaram que o nível escolar influenciou nos resultados de criatividade, de

modo que a escolaridade desempenha importante papel na preservação cognitiva, favorecendo habilidades como a criatividade.

Relação entre aspectos cognitivos, criatividade e BES

É possível que o declínio cognitivo mais acentuado de algumas funções impacte a criatividade do indivíduo ao longo da vida. A discussão sobre a influência do estado mental na produção criativa de pessoas mais velhas centra-se na compreensão de que na velhice, em geral, ocorrem menos declínio nas habilidades cognitivas cristalizadas do que nas habilidades fluídas como a memória de trabalho, atenção, tempo de reação, resolução de problemas e tomada de decisões, as quais podem sofrer queda considerável (Massimiliano, 2015). Assim, há duas teorias que se contrapõem, uma que acredita que o declínio cognitivo próprio do envelhecimento impacta na criatividade dos indivíduos, e outra que defende que, mesmo com déficits ocasionados pela senilidade, os idosos saudáveis podem apresentar bons níveis de criatividade.

Um exemplo do impacto deste declínio se refere à viso-construção. Por se tratar da capacidade de execução de uma tarefa que envolve habilidades motoras finas, como a capacidade de formular planos e metas (Ávila et al., 2015), e a capacidade para monitorar o próprio desempenho (Zuccolo et al., 2010), déficits significativos nestas habilidades podem afetar tanto a capacidade criativa quanto a percepção de bem-estar.

Ao discutir a relação das habilidades cognitivas com a criatividade, Kasirer e Mashal (2018) ressaltam que a linguagem pode estar associada com a criação de metáforas, muito embora esta categoria criativa também se relacione com outras

funções executivas. Neste sentido, os autores destacam que, em relação à criatividade, as habilidades linguísticas podem impactar também a fluência.

Um interessante estudo foi realizado por Massimiliano, em 2015, com o objetivo de verificar as diferenças no pensamento divergente de indivíduos italianos de diversas faixas etárias, levando em consideração o estado mental dos participantes. Seus resultados indicaram que, mesmo que o ápice da criatividade ocorra antes dos 40 anos de idade, e considerando que após essa idade há uma tendência de estabilidade no pensamento divergente, pessoas idosas são capazes expressar sua criatividade, mesmo diante de certo declínio cognitivo. O autor ressalta ainda que ações de estimulação criativa, voltadas para idosos, possibilitam interação social, estimulam a plasticidade cognitiva, e promovem a saúde mental e o bem-estar na população senil.

Ainda no tocante à relação da cognição, BES e criatividade, Yassuda e Silva (2010) encontraram relação entre o desempenho cognitivo, o humor e a satisfação com a vida para idosos participantes de programas de terceira idade. Já Souza e Wechsler (2013) buscaram compreender a relação entre criatividade e a inteligência em idosos e pessoas na maturidade. As autoras observaram que a inteligência apresentou correlação positiva e significativa com a criatividade, ressaltando que algumas habilidades cognitivas, como as habilidades verbais, correlacionam-se positivamente com a criatividade verbal.

Estes resultados evidenciam a necessidade de maior compreensão entre criatividade, BES e estado mental, ficando evidente a importância da compreensão da relação do estado mental com os níveis de criatividade e BES em idosos. No que tange à construção de embasamento científico para as estratégias de intervenção para promoção de saúde voltadas à terceira idade, compreender como estes

construtos se relacionam possibilita o investimento em ações que visem a promoção do envelhecimento positivo.

Além de bem-estar, o envelhecimento bem sucedido pode gerar considerável economia aos cofres públicos, uma vez que de acordo com Colet, Borges e Amador (2016), os investimentos em tratamento e medicação para essa população, geram custos milionários aos cofres públicos do Brasil. Neste sentido, Santos, Chnaider, Nakano e Faro (2020), discutem, também, a importância da avaliação e compreensão dos aspectos positivos, especialmente na população idosa, evidenciando que, além de contribuir para a quebra do estereótipo negativo associado à velhice, o estudo do potencial humano na terceira idade possibilita o desenvolvimento de ações estratégicas voltadas à saúde dessa população.

Diante do exposto, o presente estudo voltou-se à investigação da relação entre criatividade, bem-estar subjetivo e estado mental em idosos, por meio da revisão de literatura e estudo empírico. Os objetivos específicos são apresentados, de forma mais detalhada, a seguir.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Verificar a relação da criatividade, bem-estar subjetivo e estado mental em idosos, a partir do enfoque voltado à revisão da literatura e estudo empírico

Objetivos Específicos

- Realizar uma revisão da produção científica nacional e internacional sobre criatividade e envelhecimento
- Revisar a literatura internacional sobre a relação entre criatividade e bem-estar subjetivo
- Investigar a relação entre criatividade, bem-estar subjetivo e estado mental em idosos
- Verificar a influência das variáveis idade, sexo e escolaridade nos construtos avaliados

Estudo 1: Revisão de pesquisas sobre criatividade e envelhecimento¹

A fim de atingir o objetivo proposto neste estudo, foram realizadas buscas nas bases de dados eletrônicas Google acadêmico, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), *Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal* (Redalyc), *Research Gate* e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Buscou-se identificar artigos que tivessem, como tema, criatividade e envelhecimento. O estudo seguiu as recomendações propostas pelo método PRISMA-P (Moher et al., 2015).

Estratégia de busca

As bases de dados eletrônicas foram consultadas em novembro de 2020, sem limitação de período. Os descritores “criatividade e envelhecimento”, “criatividade e idoso”, “criatividade e maturidade” e “criatividade e velhice” foram utilizados, separadamente, em português, inglês e espanhol. Optou-se por usar as terminologias mais comumente utilizadas para descrever essa população.

Crítérios de Elegibilidade

Foram aplicados os seguintes critérios de elegibilidade: artigos que apresentavam a palavra “criatividade” no título ou assunto e que se referiam ao envelhecimento, idosos ou terceira idade. O Quadro 1 apresenta os resultados encontrados a partir da estratégia de busca adotada.

¹Artigo submetido para avaliação na Revista *Archives of Health Investigation* em novembro de 2020. Autoria: Nakano, T. C., Chnaider, J. & Abreu, I. C. C.

Descritores	SciELO			Pepsic			Redalyc			Research Gate			Google Acadêmico		
	T	S	R	T	S	R	T	S	R	T	S	R	T	S	R
Criatividade e envelhecimento	7	2	-	0	-	-	0	-	-	1	1	-	11	-	-
Criatividade e idoso	7	-	-	0	-	-	0	-	-	0	-	-	0	-	-
Criatividade e maturidade	7	1	1	0	-	-	0	-	-	1	-	1	49	-	-
Criatividade e velhice	3	-	2	1	-	-	0	-	-	1	-	1	1	-	-
Creativity and elderly	18	2	2	0	-	-	1	-	1	3	3	-	5	-	-
Creativity and aging	0	-	-	1	-	-	0	-	-	0	-	-	972	33	-
Creativity and old age	0	-	-	1	-	-	4	-	-	7	2	-	42	1	-
Creativity and maturity	0	-	-	1	-	-	0	-	-	3	1	-	218	-	-
Creatividad y envejecimiento	0	-	-	0	-	-	0	-	-	0	-	-	10	-	-
Creatividad y anciano	0	-	-	0	-	-	0	-	-	0	-	-	0	-	-
Creatividad y madurez	0	-	-	0	-	-	2	-	-	0	-	-	69	-	-
Creatividad y vejez	0	-	-	1	-	-	0	-	-	0	-	-	4	-	-
Total	5			0			0			6			34		

Quadro 1. Resultados das Buscas Realizadas em Cada Base de Dados Consultada. *Nota:* T = total de artigos encontrados; S = selecionados; R = repetidos.

Foram excluídas teses e dissertações, trabalhos que não foram localizados na íntegra, citações, artigos que não enfocavam diretamente a temática da criatividade, artigos que não se referiam ao envelhecimento e aqueles que se encontravam duplicados.

Registro de estudos

Os registros foram feitos em uma planilha no programa Excel. A partir da leitura dos resumos dos artigos, por dois revisores independentes, uma triagem dos trabalhos foi realizada. Foram selecionados aqueles que atendiam ao foco da revisão sistemática. Posteriormente, os mesmos revisores atuaram nas demais fases, de elegibilidade, inclusão e análise.

Extração dos dados

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 45 foram selecionados. Assim, para atingir o objetivo principal, as pesquisas foram analisadas quanto ao ano de publicação, participantes (idade e número), tipo de estudo (artigo empírico, teórico, estudo de caso, revisão de literatura), definição de envelhecimento ou idoso que embasa o trabalho, definição de criatividade que fundamenta a pesquisa, construtos investigados e instrumentos utilizados.

Os dados foram analisados estimando-se a frequência e porcentagem de ocorrência de cada categoria de resposta. Nos casos em que um trabalho contemplava mais de uma categoria, a classificação foi feita em todas as categorias apresentadas no artigo, de modo que, em algumas delas, o número total de classificações ultrapassa o número de artigos analisados.

Resultados e Discussão

O percurso metodológico empregado na seleção dos artigos, segundo o método Prisma (Moher, Liberati, Tezlauff, & Altman, 2009), é apresentado na Figura 1. Após tal procedimento, 45 artigos foram selecionados, sendo cinco da Scielo, seis do *Research Gate* e 34 do Google Acadêmico.

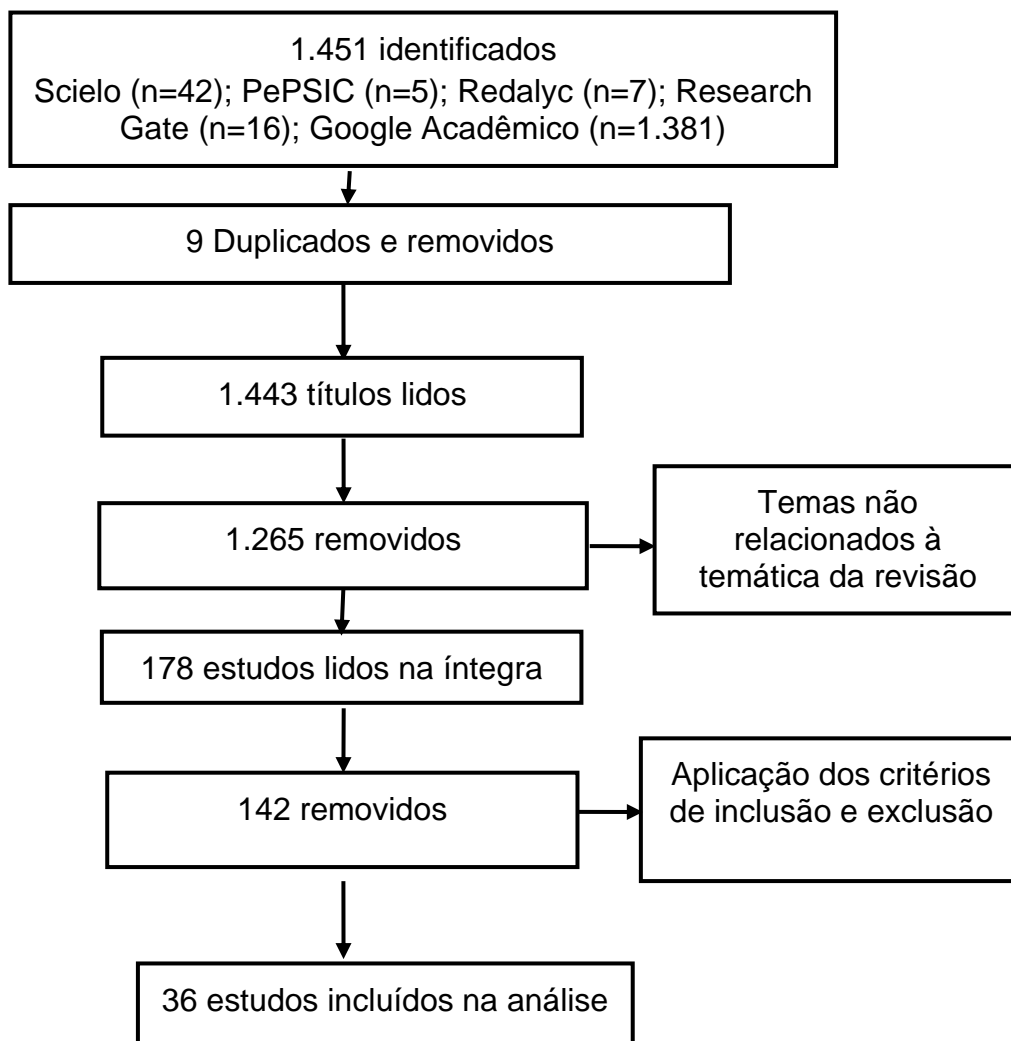


Figura 1. Fluxograma de Busca e Seleção dos Artigos

O primeiro dado analisado referiu-se ao ano de publicação dos artigos. O Gráfico 1 apresenta a distribuição de pesquisas que abordam criatividade na velhice, ao longo dos anos, visando-se compreender o interesse da literatura científica sobre

a temática. Os resultados indicaram que o primeiro artigo encontrado foi publicado no ano de 1974 e, o mais recente, em 2020.

A partir desses dados foi possível verificar o baixo interesse na investigação da criatividade na terceira idade, visto que nesse período de 37 anos, um total de 45 artigos foi localizado, indicando uma média de 1,21 artigo por ano publicado na temática. É importante ressaltar que, em diversos anos, nenhuma publicação foi encontrada.

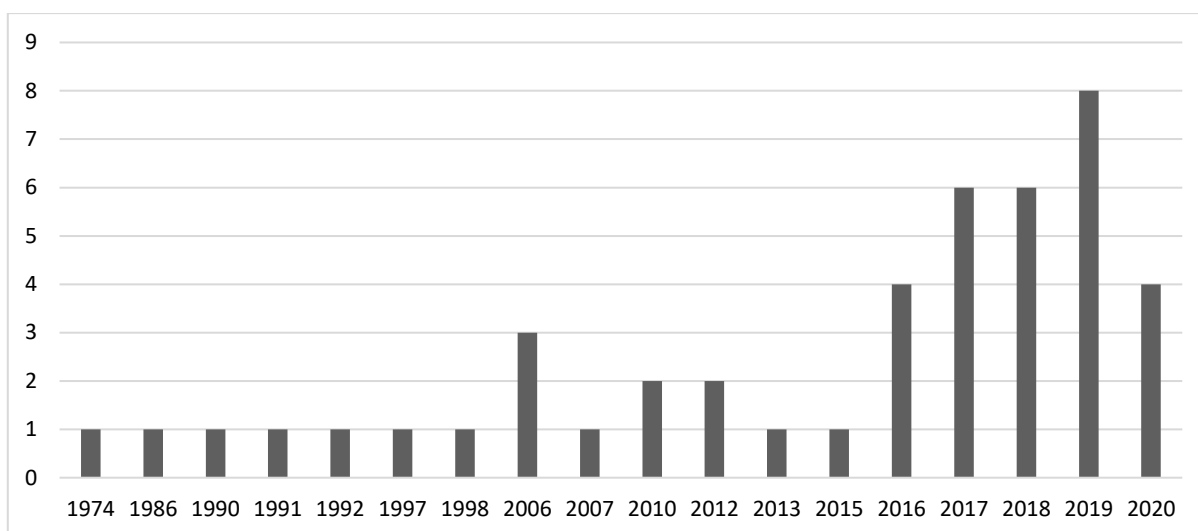


Gráfico 1. *Distribuição de publicações por ano*

O Gráfico 1 indica que até 2006 o número de pesquisas sobre criatividade na terceira idade é bastante baixo, cerca de um artigo nos anos encontrados, sendo que vários anos não tiveram publicação na temática. Em 2006 um aumento no interesse pode ser notado, o qual, no entanto, não se mantém nos anos seguintes. Somente a partir de 2016 pode-se observar um crescimento mais constante. É importante ressaltar que uma queda aparente é visualizada no ano 2020, no entanto, é importante considerar que tal dado pode ter sido influenciado pelo fato das buscas terem sido

realizadas antes do final do ano citado, de modo que diversos artigos publicados depois da consulta não foram incluídos na análise.

Em seguida foi investigado o tipo de estudo. Os dados indicaram que a maior parte dos estudos era de natureza empírica (n=26; 57,7%), embora um número importante de estudos teóricos também tenha sido encontrado (n=16; 35,5%). Outros tipos encontrados foram pesquisa-ação, estudo de caso e revisão de literatura (um artigo cada).

Posteriormente, foi analisada a amostra dos artigos empíricos, considerando-se a idade e o número de participantes. Observou-se que dos 45 estudos, 20% não forneceram informações sobre a idade dos participantes. Os demais apresentaram, na composição da amostra, idosos e participantes de outras idades, sendo que cinco pesquisas tiveram participantes com idade a partir de 20 anos, oito apresentaram amostra com idade a partir de 40 anos, dois contemplaram participantes com mais de 50 anos e 14 trabalhos avaliaram apenas a população com idade igual ou superior a 60 anos. Cabe ressaltar que nos estudos que a amostra foi composta apenas por idosos, a média de idade foi de 72 anos.

A partir dessa análise fica evidente que, embora haja um crescimento no número de estudos que abordem a criatividade na velhice, a maior parte das pesquisas sobre a temática não tem como foco principal a população idosa. É importante salientar que, embora os estudos investigassem a criatividade na velhice, grande parte das pesquisas optaram em comparar esse construto em diferentes fases do desenvolvimento. Assim, é importante se fazer notar que, embora existam diferenças relacionadas à idade, todos os indivíduos possuem potencial criativo (Wechsler, 2008). Neste sentido, Galenson (2019), a partir da análise de realizações de expoentes na história defende que a criatividade não é um atributo exclusivamente

jovem, pessoas mais velhas podem apresentar um desempenho excelente em atividades e produção criativa.

O número reduzido de estudos encontrado confirma os resultados de outras revisões de literatura sobre criatividade. Em todos os casos, independente do contexto em que ela seja investigada, é possível verificar que a população idosa praticamente não tem sido contemplada nos estudos (Alves & Nakano, 2015; Nakano & Wechsler, 2007; Silva & Nakano, 2012; Wechsler & Nakano, 2002). Neste sentido, a necessidade de realização de um maior número de estudos que tenham como foco a criatividade entre pessoas na maturidade e terceira idade é recomendada (Souza & Wechsler, 2013).

De modo geral, a investigação da criatividade e envelhecimento têm apresentado resultados divergentes. Enquanto algumas pesquisas enfatizam que a criatividade diminui com a idade devido principalmente aos declínios na memória de trabalho, outras afirmam que dependendo da definição e medida de criatividade, os idosos podem demonstrar criatividade igual aos níveis apresentados por indivíduos mais jovens (McHugh, 2016). Além disso, o tipo de criatividade também se mostraria diferente nessa idade, sendo marcada por produções mais reflexivas e introspectivas, apoiadas na experiência subjetiva, nas experiências anteriores do sujeito (Lubart, 2007), baseada na resolução de problemas do dia a dia e no emprego de estratégias focadas na resolução de problemas (Hui et al., 2019). É comum encontrar exemplos de pessoas que alcançaram seu auge criativo na velhice (Amendoeira, 2017).

Considerando-se que os dois construtos investigados não apresentam consenso em relação à sua definição e que a multiplicidade de definições para um mesmo construto pode influenciar diretamente os resultados encontrados nas pesquisas, em seguida buscou-se compreender as definições que embasavam os

estudos analisados. Para tanto analisou-se as definições utilizadas pelos autores para abordar tanto a criatividade, quanto o envelhecimento, apresentadas em ordem cronológica de publicação (Quadro 2.). Cabe ressaltar que quanto a definição de criatividade, foram analisados apenas os artigos empíricos, relatos de experiência e pesquisa-ação.

Autor	Definição de envelhecimento	Definição de criatividade
Adams-Price, Nadorff, Morse, Davis e Stearns (2018)	Envelhecimento bem-sucedido, definido como um indicador de saúde e boa adaptação ao processo de envelhecimento	Hobby criativo: participação repetida em uma atividade expressiva específica que é pessoalmente significativa e oferece oportunidades para crescimento, aprendizagem e desenvolvimento de habilidades
Adnan, Beaty, Lam, Spreng e Turner (2019)	Não apresenta	Habilidade de produzir algo novo e útil
Alforque (2017)	Não apresenta	Característica humana que empodera pessoas e comunidades a se adaptarem e florescerem diante de mudanças de circunstâncias
Cantu e Fleurie (2018)	Não Apresenta	Concepção holística: a criatividade desempenha função curativa e é expressa a partir de atividades de arte, como pintura e escrita.
Cera, Cristini e Antonietti (2018)	Não Apresenta	Não Apresenta
Colombo, Antonietti e Daneau (2018)	Não apresenta	Habilidade composta por três operações mentais: abertura, conectividade e reorganização
Dohr e Forbess (1986)	Não apresenta	Abordagem Cognitiva de Guilford (1967): características cognitivas como fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade são consideradas básicas ou essenciais para a criatividade.
Escalona, Laffita, Pérez e Leyva (2017)	Processo marcado por declínios físicos e cognitivos, perdas em diversos aspectos que podem culminar em psicopatologias.	Processo subjetivo, tanto individual como social, onde se o indivíduo se mostra como sujeito.

Flood (2006)	Estar saudável e ativo, considerando as dimensões física, cognitiva e social, apesar das perdas e declínios próprios do avanço da idade (Envelhecimento Bem-sucedido/Positivo)	Torrance (1965): habilidade de identificar problemas, deficiências, lacunas buscar por soluções, formular hipóteses testar hipóteses, comunicar os resultados.
Gutheil e Heyman (2016)	Não apresenta	Criatividade Artística como forma de promover o bem-estar e habilidades cognitivas
Lorenzen-Huber (1991)	Não apresenta	Torrance (1965): habilidade de identificar problemas, deficiências, lacunas buscar por soluções, formular hipóteses testar hipóteses, comunicar os resultados.
Lindauer, Orwol e Kelley (1997)	Não apresenta	Criatividade artística: capacidade do indivíduo de criar obras com valor e com elevado grau de diferenciação em relação a outras.
Maduro (1974)	Período de transição e transcendência de questões egóicas, que implica em ceder lugar ao mais jovem, de forma que seus conhecimentos são passados para as gerações.	Teoria folclórica hindu: A criatividade é um dom divino, ou forma de conexão com deuses. Reconhece o pensamento divergente como forças de deuses.
Mendes, Câmara, Caires, Garcês e Pocinho (2020)	Não apresenta	Processos cognitivos que facilitam a criação de produtos inovadores e relevantes
Mendonça e Coutinho (2019)	Não apresenta	Teoria humanista de Criatividade artística de Rollo May
Nakano, Machado e Abreu (2019)	Processo dinâmico, progressivo, caracterizado por diversas modificações biológicas, psíquicas e sociais.	Torrance (1965): habilidade de identificar problemas, deficiências, lacunas buscar por soluções, formular hipóteses testar hipóteses, comunicar os resultados.
Nuessel, Van Stewart e Cedeño (2010)	Não Apresenta	Criatividade artística embasada na teoria humanista proposta por Rollo May: compreendida como a manifestação básica de um homem realizando o seu eu no mundo.
Pandya (2020)	Não apresenta	Abordagem Cognitiva de Guilford (1967): características cognitivas como fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade são consideradas básicas ou essenciais para a criatividade.
Palmiero, Nori e Piccardi (2017).	Não apresenta	Não apresenta

Reynolds, Bernard, Rezzano e Ricket (2016)	Apesar de ser uma fase cercada de problemas, pode ser visualizada um período de desenvolvimento	Criatividade Artística como ferramenta para o crescimento pessoal
Sabeti (2015)	Envelhecimento Sucedido/Positivo	Bem A criatividade é definida como a capacidade de criar algo a partir do que já foi vivido e a partir de um imaginário de futuro
Sharma e Babu (2017)	Não apresenta	Fenômeno complexo e multifacetado que envolve o desenvolvimento de uma nova ideia, produto ou solução para um problema, e que apresenta relevância para o sujeito, grupo ou sociedade
Souza e Wechsler (2013)	Não apresenta	Torrance (1965): habilidade de identificar problemas, deficiências, lacunas buscar por soluções, formular hipóteses testar hipóteses, comunicar os resultados.
Smith e Van Der Meer (1990)	Não apresenta	Teoria de Pruyser (1987): uma atitude em relação à vida, que pode ou não estar associada ao talento artístico, originalidade científica, ou outros traços criativos.
Trnka, Cabelkova, Kuska e Nikolai (2019)	Não apresenta	Torrance (1965): habilidade de identificar problemas, deficiências, lacunas buscar por soluções, formular hipóteses testar hipóteses, comunicar os resultados.
Wiggs (2010)	Desenvolvimento interno e crescimento contínuo do eu (Teoria do envelhecimento de Jung)	Criatividade artística Junguiana: a criatividade é concebida como um complexo autônomo.
Zavarize e Wechsler (2012)	Não apresenta	Torrance (1965): habilidade de identificar problemas, deficiências, lacunas buscar por soluções, formular hipóteses testar hipóteses, comunicar os resultados.

Quadro 2. *Definição dos Construtos Envelhecimento e Criatividade.*

De modo geral, foi possível verificar a predominância de definições tradicionais para a criatividade, tais como aquelas elaboradas por Torrance ou Guilford. No entanto, diferentes definições também foram encontradas, compreendendo o

construto dentro de teorias menos frequentemente utilizadas na criatividade, tais como folclórica hindu, Teoria de Pruyser, Teoria Humanista, Junguiana dentro de uma concepção holística. Ainda foram encontrados estudos enfocando tipos específicos de criatividade, tal como a artística.

Por outro lado, o envelhecimento foi visualizado tanto como um período de transição, processo dinâmico marcado por modificações em diversos aspectos, como uma fase marcada por ganhos e uma compreensão positiva, quanto marcada por declínios, dentro de um caráter negativo. É importante ressaltar que a maior parte dos estudos não apresentou as definições que os embasam.

Por fim, considerando-se que é comum que os estudos sobre criatividade na velhice envolvam outros construtos (Mendonça & Coutinho, 2019; Nakano, Machado, & Abreu, 2019; Souza & Wechsler, 2013), o levantamento dessa informação foi efetuado, assim como os instrumentos utilizados para avaliar cada um deles. Os resultados são apresentados no Quadro 3. Nessa análise os artigos teóricos foram excluídos, sendo importante destacar que alguns estudos fizeram uso de mais de um instrumento, desta forma, foi contabilizada cada ocorrência.

Construtos	Instrumentos
Criatividade	Pensando Criativamente com Palavras de Torrance
	Pensando Criativamente com Figuras de Torrance
	Creative Benefits Scale
	Emotional Creativity Inventory
	Escala de Estilos de Pensar e Criar
	Escala do Perfil Criativo
	Runco Ideational Behavior Scale (RIBS)
	The Creativity Test (ProCriativ)
Qualidade de Vida	Whoqol-bref
Inteligência/ Cognição	Bateria de Habilidades Intelectuais de Adultos
	Frontal Systems Behavior Scale
	Stroop Test NIMHANS
	Subtest PGI memory scale
	Wechsler Adult Intelligence Scale (WAIS)

	Mini Mental State Examination
Estresse	Escala de Estresse Percebido
Auto percepção de estado de Saúde	Escala Visual Analógica
	Identification Test (IT)
Estado de Saúde Mental	Escala de Saúde Mental Positiva
	Mental Balance
Motivação	Motivational Participation Inventor
Personalidade	Personality Trait Inventory (WI)
	The Meta-Contrast Technique (MCT)
Bem- estar/Satisfação com a Vida	Escala de Satisfação com a vida
	Satisfaction with Life Scale
	Life Satisfaction Inventory
	Purpose in Life Test
	Rotter's IE Locus of Control instrument
	The Philadelphia Geriatric Center Morale Scale
Depressão	Geriatric Depression Scale Short Form
	Loneliness Scale UCLA
Generatividade	Loyola Generativity Scale (LGS)
Disposição para pensamento Lateral	Lateral Thinking Disposition Scale (LATD)
Memória	Cognitive Complaint Interview
	PGI Memory Scale
Concepção de aprendizado	Popular Conceptions of Learning
	Cognitive Reserve Questionnaire
Reserva Cognitiva	Cognitive Reserve Test
Função Executiva	Stroop Test

Quadro 3. *Construtos Investigados e Instrumentos Utilizados.*

A partir do Quadro 3 é possível verificar que dezesseis diferentes construtos foram investigados nas pesquisas. Em relação à criatividade, construto foco da revisão aqui apresentada, oito diferentes instrumentos foram utilizados, sendo dois nacionais (Escala de Estilos de Pensar e Criar e Escala do Perfil Criativo) e outros seis internacionais. Destes, somente a Escala de Estilos de Pensar e Criar se encontra disponível para uso profissional.

Os demais construtos avaliados na terceira idade envolveram aspectos mais gerais, como inteligência/cognição e personalidade, e aspectos positivos mais

específicos (qualidade de vida, motivação, bem-estar/satisfação com a vida). Possivelmente estes últimos se baseiam na compreensão do envelhecimento como um processo que pode ser visualizado dentro de uma perspectiva positiva.

No entanto, também foram encontrados estudos voltados à investigação de aspectos negativos que se fazem presentes nessa população, tais como estresse ou depressão. Outros construtos como estado de saúde mental e percepção do estado de saúde foram investigados nas duas visões, possivelmente, na busca por pontos fortes ou fracos nos idosos.

Algumas Considerações

Diante dos resultados obtidos neste estudo foi possível observar que, embora o reconhecimento da importância da criatividade na terceira idade venha se mostrando cada vez mais presente na literatura científica, a quantidade de pesquisas sobre essa temática ainda é reduzida, especialmente no contexto brasileiro.

A mudança de compreensão do processo de envelhecimento, como uma fase que pode ser vivenciada de maneira saudável e positiva tem englobado, dentre os vários aspectos, a criatividade como um diferencial. A revisão dos estudos evidenciou que a criatividade pode não apenas ser estimulada e desenvolvida na terceira idade, como também pode ser um fator que contribuiu para o alcance do envelhecimento bem-sucedido. A substituição daquela compreensão de velhice como uma fase marcada somente por perdas se mostra urgente, a fim de que políticas voltadas à manutenção do bem-estar dos idosos possam ser planejadas e oferecidas para essa parcela da população cada vez maior.

Como limitações da pesquisa, alguns fatores, tais como a seleção das bases de dados, bem como a limitação de acesso a versão eletrônica das bases pode ter

atuado de modo a impedir que alguns trabalhos não tenham sido localizados na busca realizada. Do mesmo modo a seleção dos operadores booleanos e a impossibilidade de acesso a alguns textos completos também devem ser citados como possíveis vieses da revisão. No entanto, apesar dos possíveis vieses citados, a avaliação dos estudos selecionados apontou para tendências presentes na temática, bem como as lacunas ainda encontradas, especialmente aquelas relacionadas à ausência das definições dos conceitos (criatividade e envelhecimento) e de medidas adequadas para uso na população brasileira e nessa faixa etária específica.

Estudo 2: Revisão de pesquisas internacionais sobre a relação entre criatividade e bem-estar subjetivo²

Método

No mês de agosto de 2019, foi realizada uma busca com os descritores combinados em inglês “*well-being*” and “*creativity*”, nas bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Para esta pesquisa considerou-se, como critérios de inclusão, artigos empíricos, sem limitação de ano de publicação, em qualquer idioma e que continham, no assunto, tanto a temática do BES quanto da criatividade. No primeiro momento um total de 143 artigos foram localizados, posteriormente foram excluídos os artigos teóricos, revisão de literatura, teses e dissertações, bem como aqueles que não apresentavam acesso ao texto completo. Em seguida, após a leitura integral dos textos, foram aplicados os critérios de exclusão. Aqueles trabalhos que estavam em duplicidade (em mais de uma base de dados) ou que não abordavam diretamente a temática, também foram excluídos.

É importante destacar que, após a seleção dos trabalhos conforme procedimento apresentado, os artigos localizados nas bases PePSIC e SciELO foram excluídos, por não atenderem aos critérios e elegibilidade. De tal forma a busca resultou na inclusão de artigos apenas da base de dados da CAPES. Após a leitura dos trabalhos, 18 publicações foram selecionadas (Figura 2), as quais foram analisadas em relação ao ano de publicação, tipo de pesquisa, amostra envolvida

²Artigo submetido para avaliação na revista *Psicologia Argumento* em fevereiro de 2020, e aprovado em outubro de 2020. Autoria: Chnaider, J. & Nakano, T. C.

(idade, gênero, número de participantes), outros construtos estudados nas pesquisas, instrumentos e técnicas utilizadas e principais resultados encontrados.

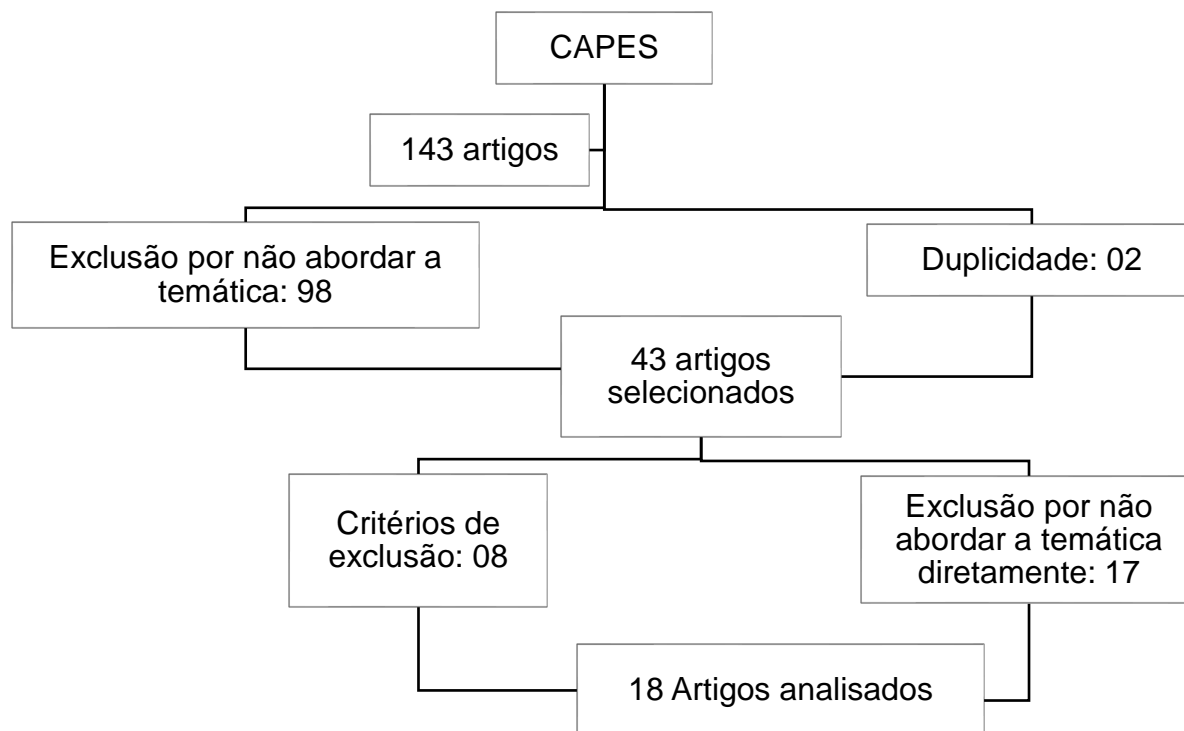


Figura 2. Fluxograma de seleção dos artigos analisados

Resultados e Discussão

Dentre os artigos analisados, pode-se ver que, em relação ao ano de publicação, a última década concentrou toda a produção localizada, de modo que se pode afirmar um interesse recente na temática. O Gráfico 2 mostra que o trabalho mais antigo foi publicado em 2010 e, o mais recente, em 2018. Um maior interesse pela temática pode ser notado em 2015, mas que, no entanto, não se mantém constante nos anos seguintes. Se considerarmos o número de artigos encontrado, uma média de dois artigos por ano investigando a relação entre criatividade e bem-

estar subjetivo foi encontrada, valor que pode ser considerado bastante baixo perante a importância de ambos os construtos para a saúde mental.

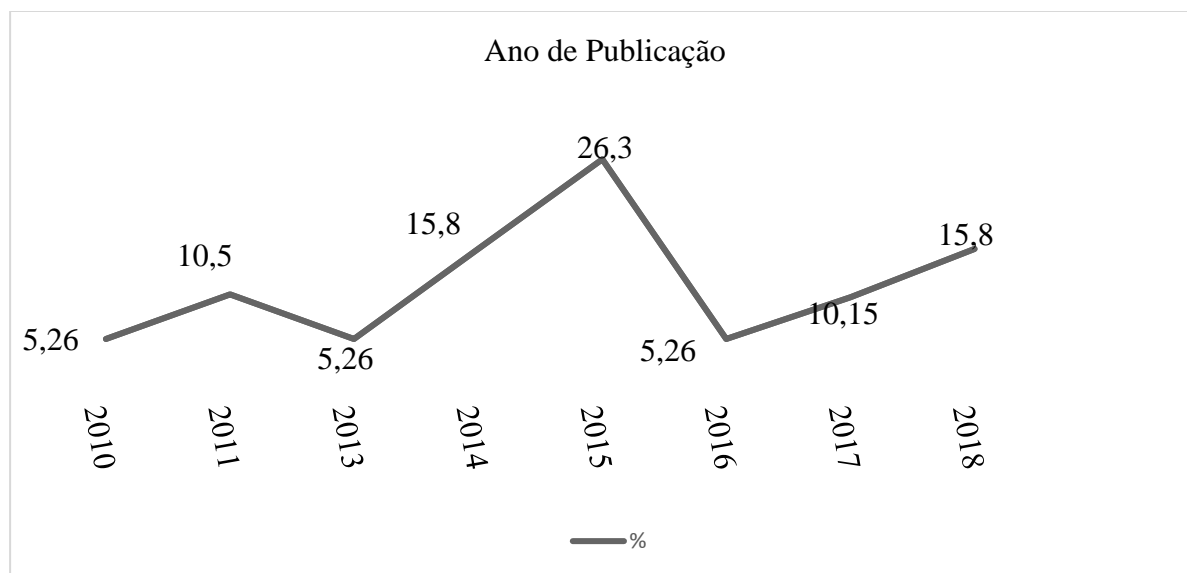


Gráfico 2. Distribuição de publicações por ano

Pode-se observar que, ainda que as pesquisas sobre criatividade e BES apresentam picos em determinados anos (por exemplo, 2011 e 2015) e que quantidade de publicações acerca do assunto não se mantém crescente, oscilando entre períodos marcados por aumentos e quedas da produção científica. Uma possível hipótese para tal quadro, se refere ao fato de que a relação entre os conceitos não é abordada explicitamente, uma vez que grande parte dos estudos que discutem a relação entre estes construtos não possuem, como foco principal, a discussão desta temática (Humes, 2011). Os construtos são utilizados, juntamente com vários outros, na investigação de populações ou quadros específicos.

Em relação ao tipo do estudo, como exemplos de pesquisas qualitativas, foram consideradas aquelas que fizeram uso de entrevistas, análise documental, observação, dentre outros. Já as pesquisas classificadas como quantitativas

envolveram análise estatística de dados, geralmente fazendo uso de instrumentos e/ou estimativas como frequência e porcentagem. As pesquisas mistas foram aquelas que fizeram uso de ambos os tipos citados.

A análise indicou predomínio dos trabalhos quantitativos, que corresponderam a 55,56% dos artigos encontrados. Uma hipótese para tal dado se ampara na constatação de que, mais comumente, as pesquisas sobre criatividade tendem a adotar o viés quantitativo, objetivando analisar este construto a partir da sua quantificação e conseqüente conhecimento do nível criativo apresentado pelo sujeito (Lubart, 2007). Considerando-se isto, pode-se supor que, devido a utilização conjunta da criatividade nas pesquisas analisadas, o predomínio de investigações quantitativas pode ser compreendido.

As pesquisas que apresentaram método misto (quantitativo e qualitativo) somaram 27,78% da amostra, enquanto os estudos qualitativos equivaleram a 16,67% das pesquisas analisadas. Tal classificação pode ser justificada perante o fato de que, conforme apontado por Reynolds (2010), grande parte dos trabalhos que buscam compreender a relação entre a criatividade e o BES optam pela abordagem qualitativa, talvez pelo fato do bem-estar subjetivo ser mais frequentemente avaliado por meio de abordagens qualitativas.

Em seguida, a identificação dos participantes das pesquisas foi feita, considerando-se a idade, gênero e a quantidade (n) de participantes envolvida nas pesquisas. Os dados são apresentados na Tabela 1 e indicam predominância de estudos voltados a jovens adultos e adultos (entre 17 e 59 anos), ressaltando-se, no entanto, a quantidade de pesquisas que não informaram a idade dos participantes (38,89%). É importante destacar o reduzido número de pesquisas conduzidas com crianças e idosos.

Tabela 1.

Dados Amostrais das Pesquisas Analisadas.

Amostra	Total		
	F	%	
Idade	até 16	2	11,11
	17 a 59	6	33,33
	60 ou mais	3	16,67
	Não informado	7	38,89
Gênero	Feminino e Masculino	14	77,78
	Feminino	2	11,11
	Não informado	2	11,11
N	até 100	7	38,89
	101-200	7	38,89
	>400	4	22,22

Ainda que a literatura sobre psicologia positiva, que contempla os dois construtos investigados, venha reforçando a importância de que tais habilidades sejam estimuladas desde idades precoces, a fim de que seus efeitos possam ser mais efetivos e ampliados (Nakano et al., 2018), na revisão aqui realizada, somente dois estudos tiveram crianças e adolescentes como foco. Do mesmo modo, o baixo número de pesquisa com a população idosa salienta a escassez de investigações com este público em diversas áreas, especialmente estudos que abordam construtos próprios da Psicologia Positiva. Isso porque, perdurou, durante muito tempo, uma tendência de se investigar o envelhecimento como um período associado a perdas e déficits

(Bezerra, Almeida, & Nóbrega-Therrien, 2012). Somente mais recentemente, o conceito de envelhecimento saudável passou a ser foco de interesse de pesquisadores (Martinez, Magalhães, & Pedroso, 2018).

Em relação ao gênero, houve predominância de amostras mistas, contemplando tanto homens quanto mulheres, conjuntamente. Interessantemente, foram encontradas duas pesquisas envolvendo somente mulheres, o que não aconteceu em relação aos homens. Por fim, em relação ao número de participantes, houve equilíbrio entre pesquisas que foram desenvolvidas em amostras contendo até 100 participantes ou aquelas entre 101 e 200. Assim, no que se refere ao tamanho amostral (n), o predomínio de estudos com amostra entre 101 e 200 participantes pode ser relacionado ao delineamento quantitativo das pesquisas, o qual demanda uma quantidade de participantes mais robusta.

Além da criatividade e do BES, buscou-se identificar se outros construtos também foram inseridos nas pesquisas. Ao todo foram identificados 10 construtos, dentre os quais a motivação e a personalidade corresponderam a 16,7 % dos estudos analisados. Outros construtos, como autoeficácia, autoeficácia criativa, estilos de pensar, felicidade, *flow*, qualidade de vida, e temperamento, corresponderam a 8,33% cada.

Supõe-se que a predominância da motivação e personalidade pode se justificar perante o fato de que estes construtos têm sido investigados associados ao BES e criatividade, em pesquisas nacionais e internacionais. Nas diferentes teorias de criatividade, por exemplo, tais elementos são considerados como fundamentais, para que a expressão criativa aconteça. Como exemplos, podem ser citadas a Teoria do Investimento em Criatividade de Sternberg (1988) e o Modelo Componencial de Criatividade, proposto por Amabile (1983).

O primeiro modelo considera tanto fatores ambientais quanto pessoais na expressão criativa, de modo que, dentre as características pessoais que podem ser impeditivas ou estimuladoras da expressão criativa encontram-se a motivação e traços de personalidade. Já a teoria defendida por Amabile descreve a criatividade como resultado da motivação, habilidades relevantes de domínio e processos criativos relevantes, além de traços de personalidade (Alencar & Fleith, 2003).

Do mesmo modo, a relação entre o bem-estar e traços de personalidade vem despertando a atenção de pesquisadores (Cornner, Deyoung, & Silvia, 2016; Davis et al., 2011; Schimmack & Kim, 2020). Igualmente, a relação entre bem-estar e motivação tem ganhado força, especialmente em contexto escolar (Besançon, Fenouillet, & Shankland, 2015) e universitário (Davis et al., 2011). Assim, se verificarmos que os construtos isoladamente, ambos têm a relação com personalidade e motivação investigadas, a mesma situação ocorreu quando considerado o BES e a criatividade conjuntamente.

Em seguida, os instrumentos e outras técnicas utilizadas para coleta de dados nas pesquisas foram analisados. Ressalta-se que a quantidade de instrumentos, instrumentos e técnicas identificados nos estudos é superior a quantidade de artigos analisados pois, em todos os trabalhos, foi empregada mais de uma forma de avaliação devido à variedade de construtos avaliados para atingir os objetivos propostos nas pesquisas. Ao total foram encontrados 27 diferentes instrumentos, métodos e técnicas nos artigos analisados.

Na avaliação da criatividade, foram identificados 19 métodos para mensuração desta variável. O testes psicológicos foram utilizados em 26,3% dos estudos, dentre os quais estavam o *Creative Domains Questionnaire* (CDQ), que mensura criatividade autorreferida, o *Creativity Assessment Packet* (CAP) que envolve avaliação dos

traços da personalidade criativa, *Creativity Questionnaire*, que avalia fluidez, flexibilidade, originalidade e elaboração, o *Evaluation of Potential of Creativity* (EPoC) que mede as duas unidades principais de processos de pensamento criativo (divergente-exploratório e convergente-integrativo) e o *Randsyp Creativity Invent*. Outras técnicas envolveram o uso de entrevistas semiestruturadas, observação de campo e questionários desenvolvidos especificamente para as pesquisas, corresponderam a 15,8% cada, análise de vídeo (10,5%), desenho do rosto humano, diário (anotações diárias do participante a respeito de ações criativa) e entrevista dialógica corresponderam a 5,26% cada.

Assim como na avaliação da criatividade, foram identificadas diversas formas para mensurar o BES, que ao todo somaram 21 técnicas e instrumentos. Entre eles, a presença de testes psicológicos foi majoritária, presente em 33,33% dos estudos. Dentre os sete instrumentos utilizados para mensurar o BES, a *Satisfaction With Life Scale* (SWLS), *Scales of Psychological Well-Being*, *Greater Cincinnati Chapter Well-Being Observation Tool* (GCWBT) foram utilizados em dois estudos. Já o *Canterbury Well-Being Scale* (CWS), o *Subjective well-being questionnaire* e o *Subjective Well-being Scale* (SWS), foram identificados em um artigo cada. Outras formas de coleta de dados, envolveram questionários (23,81%), entrevistas semiestruturadas (14,29%), análise de vídeo e observações de campo (9,52% cada), enquanto o diário (anotação autoavaliativa do bem-estar) e a entrevista dialógica equivaleram a 4,76% cada.

A última categoria de análise buscou identificar os principais resultados obtidos nas pesquisas selecionadas neste estudo (Quadro 4). De modo geral, a maior parte das pesquisas relatou resultados que confirmaram a relação entre criatividade e bem-estar subjetivo (Brewster & Cox, 2019; Conner et al., 2017; Gostoli, Cerini, Piolanti, &

Rafanellim, 2017; Gross, Danilova, Vandehey, & Diekoff, 2015; Jalali & Heidari, 2016; O'shea & Léime, 2012; Reynolds, 2010; Sabeti, 2015; Sauer, Fopma-Loy, Kinney, & Lokon, 2014; Seo et al., 2015; Tamannaefar & Motaghedifard, 2014; Vittersø & Dahl, 2013; Zeilig, Tischler, Williams, West, & Strohmaier, 2018). Somente dois estudos trouxeram, como resultado, a ausência de relação significativa entre os construtos (Besançon et al., 2015; Davis et al., 2011).

É importante destacar que grande parte dos estudos utilizaram a criatividade como ferramenta para melhoria do BES, e não focaram em avaliar o efeito contrário. Os dados apresentados nos artigos analisados sugerem, majoritariamente, que a criatividade possui influência direta no aumento do nível de BES, assumindo função relevante na manutenção da saúde mental (Reynolds, 2010). Tais resultados também são reportados por outros estudos, nacionais (Bonfante, 2014; Jesus, Imaginário, Moura, Viseu, & Rus, 2014) e internacionais (Cera et al., 2018; Saramago, 2012; Saque, 2018), os quais também apontaram a relação positiva entre os construtos.

Autor, ano	Principais Resultados
Reynolds (2010)	A expressão criativa através da arte ajuda os idosos a manter o bem-estar subjetivo diante de mudanças na saúde.
Davis et al. (2011)	Não houve relação entre criatividade e bem-estar.
O'Shea e Léime (2012)	Programas de artes impactam positivamente na qualidade de vida dos idosos. A criatividade na idade mais avançada pode melhorar a saúde e o bem-estar de algumas pessoas.

(continua)

(continuação)

Vittersø e Dahl (2013)	Foi encontrada relação entre a criatividade e a dimensão eudaimonica do Bem-Estar.
Bujacz et al. (2014)	O envolvimento em uma tarefa criativa aumentou os sentimentos positivos dos participantes
Sauer et al. (2014)	Os resultados sugerem que a participação em programas que oferecem oportunidades de autoexpressão criativa possibilita a autopercepção de maior bem-estar.
Tamannaefar e Motaghedifard (2014)	Houve relação significativa entre a criatividade e os aspectos subjetivos, emocionais, bem-estar psicológico e social.
Besançon et al. (2015)	Não houve relação entre criatividade e bem-estar.
Burnard e Dragovic (2015)	A execução de atividades que estimulem a criatividade, como a aprendizagem musical, favorece o bem estar dos alunos
Gross et al. (2015)	Melhorias significativas em cinco domínios do bem-estar após participação em programa criativo
Sabeti (2015)	A escrita criativa para os indivíduos estudados propiciou maior sentimento de bem-estar
Seo et al. (2015)	O bem-estar subjetivo modera a relação entre autoeficácia criativa e conhecimento individual
Jalali e Heidari (2016)	Existe uma relação significativa entre felicidade, bem-estar subjetivo, criatividade e desempenho profissional de professores de escolas primárias avaliadas.
Conner et al. (2017)	A criatividade cotidiana se mostrou um meio de cultivar o funcionamento psicológico positivo.
Gostoli et al. (2017)	Foram encontradas relações significativas entre a criatividade e os domínios de autonomia e crescimento pessoal, que compõem o bem-estar

(continua)

Fanchini, Jongbloed e Dirani (2018)	Criatividade e bem-estar, através de seus componentes distintos, se relacionam significativamente com o sucesso escolar do aluno.
Brewster e Cox (2019)	A prática de fotografia enquanto prática criativa oferece benefícios como a melhoria do bem-estar.
Zeilig et al. (2018)	A criatividade praticada de forma coletiva (entre pessoas com demência e seus parceiros) promoveu aumento do bem-estar

Quadro 4. Principais Resultados encontrados.

Dentre os benefícios da criatividade e do aumento do BES defendidos na literatura, reside na compreensão de que estimular o potencial criativo possibilita maior engajamento e interação social (Brewster & Cox, 2019; O'Shea & Léime, 2012), satisfação com a vida (Cera et al., 2018) e saúde mental (Jesus et al., 2014). É importante destacar os resultados positivos encontrados em relação a populações minoritárias e pouco investigadas. Outrossim, quando a estimulação do potencial criativo ocorre com a população idosa, a criatividade assume função de atividade de aprendizagem, provocando, neste público, o sentimento de jovialidade (Sabeti, 2015), ferramenta auxiliar no enfrentamento de mudanças de saúde (Reynolds, 2010) e na qualidade de vida (O'Shea & Léime, 2012).

Algumas Considerações

A partir dos resultados encontrados, pode-se verificar a data recente das pesquisas e variedade de instrumentos e técnicas empregadas para o estudo da criatividade e do BES, reflexo da multiplicidade de teorias e definições, acaba por evidenciar a contemporaneidade da temática. Algumas limitações do estudo devem ser citadas, envolvendo, a seleção das bases de dados (de modo que diversos

estudos que não estão disponibilizados em tais bases não foram identificados), a escolha por analisar somente as pesquisas internacionais e as palavras-chave utilizadas podem ter restringido o acesso a pesquisas na temática. Desse modo, recomenda-se cautela na generalização dos dados aqui relatados. Estudos futuros envolvendo outras bases, incluindo-se pesquisas nacionais são recomendados, de modo a ampliar os resultados aqui apresentados.

Diante dos resultados positivos da influência da criatividade no bem-estar subjetivo, a estimulação do potencial criativo em diferentes públicos com diferentes faixas etárias se mostra importante, considerando-se sua influência em diferentes aspectos da saúde mental. Estudos longitudinais e de intervenção baseados na estimulação dos dois construtos poderão contribuir para a melhoria da saúde mental da população, devendo ser incentivados.

Estudo 3 - Avaliação da relação da Criatividade, Bem-Estar Subjetivo e estado mental em idosos.

Participantes

A amostra selecionada por conveniência foi composta por 29 idosos provenientes de quatro Estados brasileiros (25 do Estado de São Paulo, 2 do Rio Grande do Sul, 1 do Estado do Maranhão, e 1 do Estado do Pará), sendo que as mulheres corresponderam a 65,5% dos participantes. A idade dos participantes variou entre 60 e 84 anos (MD =65,7 anos DP= 5,5). Em média, os participantes tiveram 10 anos de estudo formal (DP= 5,2). Os idosos casados corresponderam a 65,5% dos participantes, enquanto os viúvos foram 17,2%, os divorciados 10,3%, e solteiros 7% da amostra. Os participantes aposentados foram 60% da amostra, entretanto, 62,1% alegaram ainda exercer atividade remunerada e 48,3% afirmaram ser o maior responsável financeiro da família.

Quanto à renda familiar, 62% dos idosos relataram possuir renda igual ou superior a cinco salários-mínimos, 17,2 declararam renda correspondente a três salários-mínimos, aqueles com renda correspondente a dois salários-mínimos foram 13,8, enquanto os participantes que recebiam até um salário, ou quatro salários mínimos representaram 3,4% cada. Os participantes que afirmaram ser os principais responsáveis financeiros familiar corresponderam a 51,7% dos idosos.

Critérios de inclusão

Ter idade igual ou superior a 60 anos, ser alfabetizado, assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Anexo A).

Critérios de exclusão

No momento da realização da atividade, caso a pesquisadora notasse a presença de indícios de qualquer tipo de incapacidade motora (física, mental ou mental) que impossibilitasse a realização das atividades propostas ou que pudesse influenciar os resultados, o participante seria excluído da amostra. No entanto tal situação não ocorreu em nenhum caso.

Instrumentos

Embora existam instrumentos capazes de mensurar o BES considerando suas três medidas (Afetos Negativos, Afetos Positivos e Satisfação com a Vida), de acordo com a literatura, em idosos, o componente cognitivo do BES tende a ser superior aos componentes emocionais, de forma que se deve considerar as dimensões cognitivas e emocionais separadamente, uma vez que estas dimensões se apresentam em intensidade diferente nos indivíduos longevos (Guedea et al., 2006). Para tanto, para este estudo optou-se em utilizar uma escala para avaliar a SCV e outra que avalia apenas os afetos.

Escala de Satisfação com a Vida (ESV)- Hutz, Zanon, & Bardagi, 2014 (Anexo B)

A escala de Satisfação com a Vida (ESV) é um instrumento de autorrelato composto por cinco itens, que se referem à satisfação geral com a vida, correspondendo à dimensão cognitiva do BES. Adaptada para o português brasileiro (Zanon, Bardagi, Layous, & Hutz, 2013), a ESV é respondida por meio de uma escala *Likert* de sete pontos, em que o participante indica o quanto concorda ou discorda com as afirmações apresentadas. A aplicação da ESV dura aproximadamente cinco minutos e pode ser feita de forma individual ou coletiva. Zanon et al. (2014) encontraram evidências adequadas de validade e confiabilidade da escala ($\alpha = 0,86$).

Reppold et al., (2019) também realizaram estudos de precisão e validade da ESV; os autores confirmaram a unidimensionalidade do instrumento, assim como a correlação positiva com AP e correlação negativa com AN.

Escala de Afetos Negativos e Afetos Positivos (PANAS) - Zanon, Dellazzana-Zanon, & Hutz, 2014 (Anexo C)

Desenvolvida em 1994 por Watson e Clark, a Escala de Afetos Negativos e Afetos Positivos (PANAS), foi traduzida e adaptada para o público brasileiro em 1997 por Giacomoni e Hutz. Atualmente é uma das escalas mais utilizadas para mensurar a afetos em diferentes populações (Nunes, Lemos, Ribas Júnior, Behar, & Santos, 2019).

A PANAS é composta por 20 itens que avaliam os Afetos Negativos (AN) e Afetos Positivos (AP) que compõem a dimensão emocional do BES (Zanon et al., 2014), e por meio de uma escala *Likert*, os participantes indicam o quanto se identificam com cada sentimento e emoção expressos por adjetivos. Podendo ser aplicada individualmente ou de forma coletiva. A aplicação da PANAS leva em torno de cinco minutos

Para a correção e interpretação da escala, soma-se a pontuação obtida pelo participante, para obtenção de um escore bruto, em seguida busca-se na tabela normativa o percentil atingido pelo avaliando. Neste instrumento não há um ponto de corte. A interpretação é feita a partir do percentil atingido, compreendendo que, quanto maior o percentil alcançado, maior o nível de afetos.

As escalas de AN e AP apresentam unidimensionalidade e precisão consideradas adequadas, de 0,90 para AN e 0,84 para AP (Pires, Figueiras, Ribas, & Santana, 2013). Quanto as evidências de validade com base em variáveis externas

do tipo convergente, escala de Afetos positivos correlacionou-se positiva e significativamente com a felicidade subjetiva, bem-estar psicológico e índice de saúde mental (Nunes et al., 2019). Já a escala de Afetos negativos correlacionou-se negativamente com os afetos positivos, com o índice de saúde mental e com a felicidade subjetiva.

Teste de Criatividade Figural (TCF) - Nakano, Wechsler, & Primi, 2011 (Anexo D)

Para avaliar o potencial criativo foi utilizado o Teste de Criatividade Figural (TCF). Podendo ser aplicado de maneira coletiva ou individual, o TCF é composto por três atividades nas quais o avaliando deve realizar desenhos a partir dos estímulos apresentados. O instrumento permite avaliar 13 características criativas: Fluência, Flexibilidade, Elaboração, Originalidade, Expressão de Emoção, Fantasia, Movimento, Perspectiva Incomum, Perspectiva Interna, Uso de Contexto, Combinações de ideias, Extensão de Limites e Títulos expressivos (Nakano et al., 2011). Importante destacar que as quatro primeiras características são consideradas cognitivas e, as demais, emocionais.

Os resultados são interpretados a partir de quatro fatores, sendo eles: (a) enriquecimento de ideias, que se refere à capacidade de detalhamento das ideias e é composto pelas características Elaboração, Uso de Contexto, Perspectiva Interna, Perspectiva Incomum e Movimento; (b) emotividade, que se trata propriamente da utilização de recursos emocionais na expressão criativa e inclui as características de Expressão de Emoção, Títulos Expressivos e Fantasia; (c) preparação criativa, composta por um único desenho que pode ser considerado um treino ou um aquecimento para a realização das próximas atividades que requerem maior número de resposta e permite criar mais livremente; (d) aspecto cognitivo, que se trata do uso

de recursos cognitivos para o alcance de ideias e soluções incomuns e incluem as características de Fluência, Flexibilidade, Originalidade e Extensão de Limites. (Nakano et al., 2011).

É importante destacar que estudos voltados à investigação das qualidades psicométricas para seu uso em população de adolescentes, adultos e idosos começaram a ser conduzidos pelos autores, a fim de ampliar sua utilização. Entretanto o TCFI se encontra atualmente aprovado para uso profissional, constando na lista do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) como instrumento de uso restrito por psicólogos.

A população alvo para o qual apresenta evidências de validade e normatização são estudantes do Ensino Fundamental (2º ao 9º ano). No que se refere às qualidades psicométricas do TCFI, uma série de estudos foram conduzidos, visando investigar evidências de validade baseadas na relação com variáveis externas (Nakano & Wechsler, 2006), normatização (Nakano & Wechsler, 2006a), estrutura fatorial e consistência interna (Nakano & Primi, 2012), e análise dos itens (Nakano & Primi, 2014).

Mini Exame do Estado Mental (MEEM) - Lourenço & Veras, 2006 (Anexo E)

Para avaliar o estado mental dos participantes foi utilizado o teste de rastreio Mini Exame do Estado Mental. As questões que compõe o MEEM, avaliam orientação temporo-espacial, atenção, habilidade visuo-construtiva, linguagem e memória de trabalho. São ao total 30 questões em que cada acerto equivale a um ponto, sendo 30 a pontuação máxima. De acordo com as instruções, a aplicação do MEEM deve ser feita de maneira individual. O tempo médio para realização do teste é de 10 minutos.

O MEEM tem sido utilizado como instrumento de rastreio de comprometimento cognitivo e na detecção de perdas cognitivas, em que escores inferiores aos pontos de corte indicam eventuais perdas funcionais, que podem ser confirmadas por meio de uma avaliação neuropsicológica mais detalhada (Brucki, Nitrini, Caramelli, Bertolucci, & Okamoto, 2003). Segundo revisão realizada por Melo e Barbosa (2015) o MEEM é o instrumento de rastreio cognitivo mais utilizado no mundo, traduzido para mais de 35 países. No Brasil, o MEEM é amplamente utilizado tanto em contexto clínico e ambulatorial, como em pesquisas (Souza, Soares, Souza, Pereira, & Souza, 2014).

Embora não seja um instrumento de uso privativo do psicólogo, o MEEM possui parecer favorável no SATEPSI. Alvo de diversos estudos voltados à investigação de suas qualidades psicométricas (Almeida, 1998; Bertolucci, Brucki, Campacci, & Juliano 1994; Brucki, Nitrini, Caramelli, Bertolucci, & Okamoto, 2003; Laks et al., 2003; Lourenço & Veras, 2006; Lourenço, Veras, & Ribeiro, 2008; Melo & Barbosa, 2015; Valle, Castro-Costa, Firmo, Uchoa, & Lima-Costa, 2009), o MEEM tem se mostrado eficiente na avaliação do estado mental, sendo capaz de indicar possível declínio cognitivo. Embora não haja um consenso sobre o ponto de corte mais adequado para a população brasileira, as pesquisas convergem para compreensão de que a escolaridade é determinante nesta avaliação (Melo & Barbosa, 2015; Sousa et al., 2014).

O que se observa é que a capacidade preditora do MEEM é amplamente corroborada na literatura. Entretanto, Melo e Barbosa (2015) e Souza et al. (2014), salientam a importância de o profissional levar em consideração o contexto em que instrumento está sendo utilizado, antes de adotar pontuações rígidas que impliquem prejuízo na avaliação e diagnóstico do indivíduo.

Questionário Sociodemográfico (Anexo F)

Foi desenvolvido pela pesquisadora um questionário com perguntas fechadas, visando obter informações quanto ao sexo, escolaridade, renda, estado civil e situação trabalhista (se está trabalhando ou não) dos participantes. A elaboração deste questionário teve por objetivo identificar as características sociodemográficas e traçar um perfil dos participantes.

Procedimentos

A coleta de dados foi iniciada após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE 29875820.0.0000.5481) (Anexo G). A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e outubro de 2020.

Os idosos foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa e aqueles que aceitaram, em data e horário previamente estabelecidos, assinaram em duas vias o TCLE, das quais uma foi devolvida à pesquisadora, contendo o objetivo da pesquisa, seus aspectos éticos e a garantia de confidencialidade dos dados obtidos. Mediante a assinatura do TCLE, em uma única sessão, com tempo médio de 50 minutos foi realizada a aplicação dos instrumentos, de forma coletiva (quando possível) com exceção do MEEM, cuja aplicação foi individual.

Inicialmente, este projeto foi intitulado “Programa de estimulação criativa e seu impacto no Bem-Estar Subjetivo em Idosos” e tinha por objetivo identificar se a estimulação da criatividade, por meio de oficinas criativas favorecia o aumento do BES. A coleta de dados seria realizada em um Centro de Convivência de Idosos, e contaria com a participação de cerca de 60 idosos, que seriam distribuídos aleatoriamente entre Grupo Controle (GC) e Grupo Experimental (GE). Os participantes seriam avaliados quanto a criatividade e o BES pré e pós intervenção.

As oficinas ocorreriam semanalmente com duração aproximada de 90 minutos, durante dois meses. Durante os encontros seriam realizadas atividades para estimular a criatividade, desenvolvendo cada uma das 13 características criativas (Fluência, Flexibilidade, Elaboração, Originalidade, Expressão de Emoção, Fantasia, Movimento, Perspectiva Incomum, Perspectiva Interna, Uso de Contexto, Combinações de ideias, Extensão de Limites e Títulos expressivos).

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, a avaliação pré-intervenção foi iniciada na primeira semana de fevereiro de 2020, em um Centro de Convivência do Idoso (CCI), localizado em uma cidade do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. Por meio da assinatura da Carta de Aceite da Instituição (Anexo H), cerca de 45 idosos assinaram o TCLE, e foram entrevistados individualmente para coleta dos dados sociodemográficos e aplicação do MEEM, que seria utilizado como instrumento de exclusão, caso houvesse presença de indícios de comprometimento cognitivo.

Os encontros foram realizados durante quatro segundas-feiras, nas instalações do CCI. Devido a Pandemia de COVID-19, a instituição optou em encerrar as atividades, mesmo antes da orientação oficial das autoridades sanitárias, visto a grande quantidade de pessoas que circulavam no espaço durante toda a semana. Duas semanas após a suspensão voluntária das atividades, houve a determinação do Ministério da Saúde para encerramento de atividades grupais e início do isolamento social, impossibilitando a continuidade do projeto.

A possibilidade de adaptação do projeto para execução de forma remota foi descartada devido às limitações dos participantes no que se refere aos materiais para realizar as atividades, facilidade de acesso à *internet* e manuseio de ferramentas de comunicação *online*. Também visando a prevenção contra o Coronavírus, foi

necessária a adaptação do projeto inicial, de modo que este estudo não dependesse da reunião dos participantes em grupo, conseqüentemente, alterando o objetivo inicial desta pesquisa.

Após a adequação dos objetivos, o MEEM deixou de ser critério de exclusão e foi incorporado como uma variável. Também foi necessária a readequação do referencial teórico. A fim de não expor os participantes ao risco de contaminação, visto que o público-alvo deste estudo pertence ao grupo de risco, apresentando maior risco de contaminação e letalidade por Covid-19 (Costa et al., 2020), foi realizada a adaptação dos instrumentos de coleta. De tal modo, o questionário sociodemográfico, a EBS, e o PANAS foram redigidos em uma plataforma *online* (*Google Forms*), que podiam ser acessados pelos participantes, por meio de um *link* previamente disponibilizado pela pesquisadora.

O MEEM e o TCF não puderam ser disponibilizados de forma *online* devido à necessidade de acompanhamento durante a realização das tarefas, portanto a aplicação destes testes foi realizada por meio de vídeo chamada, via *Skype*, *Whatsapp*, ou *Google Meet*, em horários pré-agendados, conforme a disponibilidade de cada participante. Cabe ressaltar que, dos 29 participantes, 17 optaram em participar do estudo de forma presencial, alegando dificuldade em utilizar as ferramentas de chamada de vídeo. A pesquisadora foi ao encontro dos idosos, adotando todas as medidas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde brasileiro durante a pandemia de corona vírus.

Para os demais participantes, a aplicação do MEEM e do TCF foi feita de maneira remota, tendo como apoio algum familiar previamente orientado pela pesquisadora para oferecer suporte durante a aplicação os instrumentos, quanto às ferramentas de chamada de vídeo, ou qualquer necessidade que pudesse surgir. Os

instrumentos foram entregues via correio, ou deixados na portaria da residência dos participantes e retirados posteriormente pela pesquisadora após a coleta de dados.

Também sob a justificativa de dificuldade de manuseio das ferramentas de tecnologia, os 29 participantes optaram em responder os instrumentos disponibilizados via *link*, com o acompanhamento da pesquisadora no momento da aplicação dos demais testes. Deste modo, o tempo médio de aplicação dos instrumentos foi de uma hora. Cabe ressaltar que, nos casos em que os participantes residiam juntos, a aplicação do TCF foi realizada coletivamente. O tempo de aplicação dos instrumentos variou entre 60 e 90 minutos.

Ao todo foram contatados diretamente cerca de 60 idosos, e três instituições, além da chamada pública por meio de redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp*. E embora tenham sido feitas diversas adaptações para garantir a segurança dos participantes, grande parte dos idosos convidados recusou-se a participar da pesquisa, bem como todas as instituições. A principal justificativa foi o medo de contaminação por Covid-19, uma vez que os idosos contatados alegaram ter dificuldades em acessar os aplicativos de chamada de vídeo, implicando na necessidade de receber a visita da pesquisadora ou de algum familiar que pudesse auxiliar no manuseio do celular ou *notebook*, o que os colocaria em risco. As instituições afirmaram ter restringido a quantidade de funcionários, sendo inviável a disponibilização de algum profissional que pudesse oferecer suporte durante a coleta de dados, sendo que as visitas presenciais estavam suspensas por tempo indeterminado. Assim, justifica-se o número reduzido de participantes.

Análise de dados

Os dados obtidos no questionário sociodemográfico foram utilizados com a finalidade de caracterizar a amostra. O TCF foi corrigido conforme instrução contida no manual, e os resultados obtidos foram apresentados calculando-se a estatística descritiva de cada grupo, para cada uma das características criativas e a pontuação em cada um dos quatro fatores. Da mesma maneira, o estado mental foi avaliado considerando-se a pontuação total dos participantes.

O BES foi avaliado considerando a dimensão cognitiva, por meio da ESV, e a dimensão afetiva, AP/AN, por meio da PANAS, também seguindo as instruções indicadas pelos autores de cada instrumento. Posteriormente foi utilizada a estatística descritiva para apresentação dos resultados de cada construto.

A fim de identificar a relação entre os construtos, a correlação de *Spearman* foi aplicada, tomando-se o critério de significância $p \leq 0,05$. Em seguida, a influência das variáveis sexo, idade, escolaridade, foi investigada por meio teste Kruskal-Wallis, tomando-se, como critério para sua significância, o valor de $p \leq 0,05$.

Resultados

Inicialmente os resultados de cada construto avaliado foram estimados, considerando-se os resultados gerais dos participantes, sendo apresentados na Tabela 2.

Tabela 2.

Estatística Descritiva dos Instrumentos Utilizados.

	Medidas de Criatividade					Medidas de Bem-estar Subjetivo			Estado Mental
	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Criatividade Geral	SCV	AP	A N	Fator Geral
Média	22,6	4,0	2,4	42,7	71,8	28,5	32,0	40,0	27,7
D.P	14,1	8,2	2,6	14,7	26,1	5,1	8,2	8,4	2,4
Mínimo	4,0	0,0	0,0	8,0	13,0	17,0	14,0	10,0	21,0
Máximo	58,0	34,0	11,0	74,0	124,0	35,0	48,0	40,0	30,0

Fator1= Enriquecimento de Ideias; Fator 2=Emotividade; Fator3= Preparação Criativa; Fator4= Aspectos Cognitivos; SCV= Satisfação Com a Vida; AP= Afetos Positivos; Afetos Negativos, MEEM= Mini Exame do Estado Mental.

A fim de verificar a relação entre os construtos, a correlação de *Spearman* foi aplicada, devido ao número reduzido de participantes e, conseqüentemente, a ausência de normalidade. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3.

Correlações entre criatividade, AP, AN, SCV, e estado mental.

Medidas de Criatividade	Medidas de Bem Estar Subjetivo			Medida de estado Mental
	AP	AN	SCV	MEEM
Fator1	0,28	-0,43(*)	0,24	0,28
Fator2	0,31	-0,35	0,16	0,35
Fator3	0,55(**)	-0,2	0,49(**)	0,12
Fator4	-0,11	-0,14	-0,25	0,43(*)
Fator Geral	0,18	-0,41 (*)	0,28	0,44(*)

(*) $p \leq 0,05$ (**) $p \leq 0,01$. Fator1= Enriquecimento de Ideias; Fator 2=Emotividade; Fator3= Preparação Criativa; Fator4= Aspectos Cognitivos; SCV= Satisfação Com a Vida; AP= Afetos Positivos; AN = Afetos Negativos, MEEM= Mini Exame do Estado Mental.

Conforme ilustrado na Tabela 3, no que se refere ao fator geral de criatividade, correlação positiva e significativa foi encontrada em relação ao estado mental ($r=0,44$; $p \leq 0,05$). Ainda em relação a pontuação total em criatividade, correlação negativa e significativa foi encontrada em relação aos afetos negativos ($r=-0,41$; $p \leq 0,05$).

Quanto aos fatores específicos que compõem a medida de criatividade utilizada (Enriquecimento de Ideias, Emotividade, Preparação Criativa e Aspectos Cognitivos), o Fator 1 (Enriquecimento de Ideias) apresentou correlação negativa e significativa em relação aos Afetos Negativos (AN) ($r=-0,43$; $p \leq 0,05$). Já o Fator 3 (Preparação Criativa) mostrou-se positivamente e significativamente associado à medida de afeto positivo ($r=0,55$; $p \leq 0,01$) e Satisfação com a Vida (SCV) ($r=0,419$; $p \leq 0,01$). Também foi encontrada correlação positiva e significativa entre o Fator 4 (Aspectos Cognitivos) e a medida de estado mental ($r=0,43$; $p \leq 0,05$). Somente o Fator 2 (Emocional) não apresentou correlação com nenhuma das medidas investigadas.

Em seguida os resultados foram classificados de acordo com a idade, o nível de escolaridade e o sexo dos participantes. A Tabela 4 apresenta os resultados da avaliação da criatividade, afetos negativos, afetos positivos, satisfação com a vida e estado mental.

Tabela 4.

Estatística Descritiva dos Construtos Avaliados por Idade, Escolaridade e Sexo

Construto avaliado	Criatividade		Afetos Positivos		Afetos Negativos		Satisfação com a vida		Estado mental	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
60 a 64	74,25	28,19	30,00	8,45	23,70	9,55	28,12	5,43	28,12	1,70
65 a 69	73,33	25,80	33,88	8,00	20,00	8,32	28,88	5,01	27,66	2,95
70 ou mais	58,75	18,73	34,00	8,24	20,00	2,58	29,75	5,67	26,25	3,77
Fundamental	63,61	29,30	31,69	6,72	19	8,63	28,84	5,16	27,00	2,48

Médio	64,25	18,44	22,00	7,70	30,75	10,68	23,75	7,27	28,25	1,25
Superior	83,25	21,53	35,08	7,77	20,66	5,36	29,91	3,77	28,33	2,64
Feminino	75,79	23,78	31,05	9,27	21,57	9,51	28,52	5,53	27,52	2,06
Masculino	64,30	29,91	33,10	5,98	20,80	6,25	28,70	4,71	28,10	3,14

De modo geral, em relação à criatividade, os participantes mais jovens, com ensino superior e do sexo feminino tiveram médias mais altas. Na medida de afetos negativos, maior pontuação foi obtida pelos participantes com menor idade, ensino médio e do sexo feminino. Para os afetos positivos os participantes com idade média (65 a 69 anos), com ensino superior e do sexo masculino apresentaram maiores médias.

Na medida de satisfação com a vida, vemos que os participantes com maior idade, maior nível de escolaridade e do sexo masculino apresentaram médias mais altas, sendo que, para o estado mental, aqueles com menor idade (60 a 64 anos), ensino superior e do sexo masculino alcançaram melhor desempenho. Apesar das aparentes diferenças de médias, para verificar a influência das variáveis idade, escolaridade e sexo foi realizada o teste Kruskal-Wallis. Os resultados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5

Teste Kruskal-Wallis para Sexo, Idade e Escolaridade.

Medida	Significância Sexo	Significância Idade	Significância Escolaridade
Emotividade	0,804	0,099	0,025*
Preparação criativa	0,512	0,384	0,087
Aspectos Cognitivos	0,286	0,401	0,007*
Enriquecimento de ideias	0,308	0,963	0,342

Criatividade Total	0,353	0,477	0,175
Satisfação com a vida	0,910	0,764	0,163
Afetos Positivos	0,636	0,633	0,033*
Afetos Negativos	0,946	0,933	0,172
Estado Mental	0,104	0,583	0,165

* $p \leq 0,05$.

Os resultados demonstraram que a variável nível de escolaridade exerceu influência significativa em dois fatores da criatividade e uma dimensão do BES, a saber, emotividade e aspectos cognitivos e na medida de afetos positivos, componente da dimensão afetiva do bem-estar. Os demais construtos, bem-estar subjetivo e estado mental não se mostraram influenciados pelas variáveis sexo, idade e escolaridade, devendo-se reforçar a necessidade de que os dados sejam interpretados com cautela devido ao tamanho reduzido da amostra.

Dadas tais influências, a estatística descritiva foi estimada especificamente para os dois fatores de criatividade que se mostraram influenciados pela escolaridade. Os resultados são apresentados a seguir.

Tabela 6.

Estatística descritiva para os fatores emotividade e aspectos cognitivos considerando o nível de escolaridade dos participantes

Fator	Aspectos Cognitivos		Emotividade	
	M	DP	M	DP
Fundamental ($n = 2$)	33,92	14,30	1,53	1,76
Médio ($n = 4$)	51,25	13,81	0,25	0,50
Superior ($n = 12$)	49,41	10,56	8,00	11,79

Pode-se verificar que as maiores médias em ambos os fatores são apresentadas pelos indivíduos que apresentam ensino superior. Entretanto, cautela é recomendada na generalização dos dados dada a diferença amostral entre os grupos.

Discussão

A partir dos resultados encontrados, foi possível observar que, na população avaliada, a criatividade se mostrou significativamente relacionada ao estado mental e, negativamente relacionada aos afetos negativos, de modo a indicar a existência de relação entre os construtos. Os resultados encontrados suscitam discussões relevantes para a melhor compreensão da criatividade e outras medidas positivas na velhice, bem como fornecem bases para o desenvolvimento científico da psicologia do envelhecimento, no que tange aos aspectos positivos que permeiam a velhice.

Como se esperava foram identificadas correlações tanto no fator geral, quanto no fator que avalia os aspectos cognitivos da criatividade (fator 4), estado de funcionamento cognitivo. Tal correlação positiva e significativa entre criatividade e estado mental era esperada, uma vez que na concepção de criatividade aqui adotada, e que embasa o instrumento de avaliação utilizado nesta pesquisa, a criatividade se mostra uma característica composta por aspectos cognitivos, além de emocionais (Torrance & Safter, 1999). Pesquisas realizadas junto a essa faixa etária têm demonstrado a relação entre a quantidade da produção criativa associada ao declínio cognitivo próprio do envelhecimento (Silva, 1999), sendo a expressão criativa influenciada pelo maior acúmulo de experiências e, conseqüentemente, maior facilidade na identificação de problemas e seleção de estratégias (Lubart, 2007). Desse modo, pode-se pensar na criatividade como um aspecto protetor da saúde mental e cognitiva.

Na velhice, os padrões neurais são diferentes, podendo afetar a maneira com que idosos utilizam a imaginação e a capacidade de resolução de problemas (Pires et al., 2016). Neste sentido, a relação encontrada entre os construtos pode ser fundamentada na compreensão de que os aspectos cognitivos que compõem a criatividade (originalidade, fluência, flexibilidade e extensão de limites) dependem de habilidades cognitivas, especificamente das funções executivas avaliadas pelo MEEM, tais como visuo-construção (Àvila et al., 2015), visuo-espacial (Wechsler et al., 2010), habilidades linguísticas (Kasirer & Mashal, 2018; Souza & Wechsler, 2013) e memória de trabalho (Chiappe & Chiappe, 2007).

Pautando-se na concepção de que, com o envelhecimento, o declínio criativo ocorra principalmente na forma como o indivíduo produz (processo), e não no resultado deste processo (produto) (Nunes, 2009), era esperado que os aspectos cognitivos da criatividade, em alguma medida se relacionassem com a medida cognitiva, dada a importância de habilidades fluídas como a memória de trabalho, a atenção e a orientação viso-espacial na capacidade de resolução de problemas e tomada de decisões (Massimiliano, 2015).

É importante destacar, no entanto, que a relação entre criatividade e inteligência, aqui representada no MEEM, não é uma questão consensual na literatura científica (Nakano, 2012). As pesquisas têm sugerido a existência de alguma relação entre os construtos, em torno de $r=0,17$ (Kim, 2005), tendo-se encontrado, no presente estudo, uma correlação de $r=0,44$. Ressalta-se que praticamente nenhum estudo foi conduzido com o objetivo de verificar a relação entre os construtos na população idosa, podendo-se citar o desenvolvido por Souza e Wechsler (2013), o qual também encontrou relações positivas e significativas de uma bateria de inteligência com uma medida de criatividade figural ($r=0,558$; $p=0,01$) e verbal ($r=0,561$; $p=0,01$).

Foram encontradas neste estudo, correlações significativas e negativas entre criatividade e afetos negativos, tal como esperado. De acordo com Noronha et al. (2015), os afetos negativos envolvem sentimentos como desânimo, medo e preocupação, enquanto pessoas mais criativas, segundo Nakano et al. (2011), tendem a confiar mais em suas ideias e na sua capacidade de resolver problemas, assim como tendem a se importar menos com os julgamentos alheios.

De tal forma a correlação negativa entre criatividade e as medidas que compõem o construto e AN, era esperada. Entretanto, tal visão não é consensual, tendo sido relatados resultados opostos por Oliveira et al. (2016). Segundo os autores, afetos negativos se correlacionaram positivamente com a criatividade, sendo que esta relação pode ser sustentada pela alta sensibilidade emocional observada em indivíduos muito criativos. É importante destacar, no entanto, que a amostra do estudo foi composta por universitários.

Atenção deve ainda ser dada à correlação significativa encontrada entre o fator 3 (preparação criativa) e afetos positivos e satisfação com a vida. Isso porque, tal fator envolve somente a primeira atividade do instrumento de criatividade, e constitui-se em um único estímulo e, conseqüentemente, uma única resposta. Possivelmente a simplicidade da tarefa atuou de forma favorável aos idosos, podendo-se hipotetizar ainda o fato de que a novidade da tarefa pode ter exercido influência, de forma positiva, na realização dessa primeira atividade.

Diante da limitação de pesquisas que discutem a criatividade e o BES na população idosa, em especial em contexto brasileiro, para esta discussão se faz necessária a aproximação de estudos cujo objetivos se assemelham ao proposto neste trabalho, ainda que a faixa etária ou as características sociodemográficas do público-alvo sejam distintas. Nesta aproximação, é possível verificar que de algum

modo, os resultados no presente estudos vão ao encontro dos resultados já encontrados na literatura.

A influência da variável nível de escolaridade foi significativa em dois fatores da criatividade: emotividade e aspectos cognitivos. Ao observar as médias dos participantes quando agrupados em faixas etárias, os idosos mais jovens apresentaram maiores médias quando comparados aos mais velhos. Este resultado vai ao encontro da concepção mais fortemente difundida de que, na velhice, é observado a diminuição do potencial criativo, de forma que o desenvolvimento da criatividade assume um movimento de U invertido (Lubart, 2007).

No que tange à criatividade e a escolaridade, os resultados aqui apresentados, vão ao encontro dos resultados obtidos por Souza e Wechsler (2013), reforçando a importância da escolaridade enquanto favorecedora da criatividade. Também Nakano e Wechsler, (2006b) defendem a influência da escolaridade no desempenho criativos. As autoras esclarecem que a escola desempenha importante função no encorajamento e expressão de habilidades criativas, favorecendo com que a criatividade seja desenvolvida ao longo da vida do indivíduo.

Ao encontro dos resultados encontrados por Sousa e Wechsler (2013), os participantes com escolaridade equivalente ao ensino superior, também obtiveram maiores medias em relação aos participantes com menos escolaridade. Tal resultado era esperado e reforça a importância do ensino e do ambiente na produção criativa.

Ainda que com população não idosa, há na literatura sobre criatividade estudos que sugerem diferenças entre os níveis de escolaridade no potencial criativo, indicando que indivíduos com maior escolaridade tendem a apresentar melhores resultados quanto à criatividade (David et al., 2014; Nakano & Wechsler, 2006b). Nesta perspectiva, a discussão do efeito protetivo da escolaridade é vasta (Argimon

et al., 2012; Diniz et al., 2007; Paulo & Yassuda, 2010). Segundo Miranda e Souza (2019), a escolaridade favorece a maior flexibilidade e resistência cerebral contra processos demenciais, agindo contra perdas e modificações naturais da longevidade. Ainda quanto à função protetora da escolaridade, Diniz et al. (2007) afirmam que o ensino se apresenta até mesmo como fator protetivo para quadros demenciais.

Os resultados do presente estudo, quanto a interação entre escolaridade nas medidas de criatividade, são sustentados pela literatura. Nakano e Wechsler (2006b) defendem que o ambiente escolar estimula características como a curiosidade e imaginação, favorecendo o desenvolvimento da criatividade. Do mesmo modo, estes resultados apresentados, reforçam o fator protetivo da escolaridade, uma vez que conforme apresentado ao longo desta pesquisa, a criatividade é compreendida enquanto um aspecto psicológico positivo.

Embora a escolaridade se mostre como um fator determinante na avaliação do BES em jovens e pessoas de meia idade, isto não se aplica aos idosos (Yang, 2004). Entretanto, Cachioni et al. (2017) indicam que a maior escolaridade e maiores oportunidades de acesso à educação, favorecem com que os idosos desenvolvam mais atributos sociais que favorecem as conexões sociais. Diante do exposto pode-se supor que a influência da escolaridade nos afetos positivos encontrados na presente amostra, se justifica pela maior oportunidade de relações sociais positivas.

Considerações Finais

Antes de tecer as considerações finais é importante ressaltar que, mesmo diante dos percalços encontrados durante o desenvolvimento deste trabalho, os resultados obtidos suscitam a discussão do impacto de variáveis positivas no envelhecimento bem-sucedido. Fica evidente também a necessidade de pesquisas que embasem a construção de políticas públicas voltadas para esta população, como programas voltados para inserção social, que estimulem e desenvolvam a criatividade, incentivem a autonomia e auxiliem os idosos na construção de uma velhice saudável, ativa e participativa, especialmente para que, em momentos excepcionais de crise, como o enfrentado durante a construção deste estudo, esta população idosa receba amparo.

Embora seja crescente a quantidade de pesquisas que versam sobre a criatividade na velhice, ainda são reduzidas as investigações que enfocam a temática apenas na terceira idade. Ademais, investigações sobre outros aspectos positivos, como o BES e a interação entre estes construtos se fazem necessárias também para a desmistificação da velhice enquanto uma fase puramente negativa. Independentemente da multiplicidade de concepção de criatividade, fica evidente que mesmo na velhice, a criatividade pode não apenas ser estimulada e desenvolvida, como também pode ser um fator que contribui para o alcance do envelhecimento bem-sucedido.

De modo geral, os objetivos desta pesquisa foram atingidos, os quais poderão ser usados para fomentar mais discussões sobre a relação entre os construtos investigados, especialmente na terceira idade. Fica evidenciada a escassez de estudos com a população idosa, que subsidiem novas discussões acerca da criatividade na terceira idade. De toda forma, é importante ressaltar que a

interpretação dos dados aqui apresentados exige cautela, dada a condição atípica em que ocorreu a coleta e a quantidade reduzida de participantes.

Os resultados indicaram que a criatividade se relaciona com o BES e o estado mental, favorecendo o envelhecimento bem-sucedido. Faz-se observar que, diante dos resultados encontrados, novos estudos devem ser conduzidos com populações distintas, a fim de compreender a relação dos construtos investigados com a criatividade em diferentes grupos de idosos.

Uma importante ressalva a ser feita se ampara na própria situação atípica em que a coleta de dados foi realizada. A existência da própria pandemia e as limitações impostas por esse período tem sido apontada como desencadeadora de problemas relacionados à saúde mental da população, de uma forma geral. Assim, pode-se pensar na hipótese de que a percepção de bem-estar pode ter sido influenciada por essa situação, fazendo, por exemplo, aumentar o índice de afetos negativos e diminuir os afetos positivos e satisfação com a vida. Por outro lado, se oportunizada, a criatividade pode ter sido utilizada como forma de lidar com essa situação adversa.

Também é possível considerar os resultados encontrados como norteadores para estudos futuros. Entretanto, se faz necessário salientar as limitações deste estudo. No que se refere à composição da amostra, é indispensável indicar que o tamanho amostral deste estudo é pequeno. Além de impossibilitar a generalização dos dados, a quantidade de participantes reduzida torna os resultados menos robustos. Também cabe ressaltar que a diferença na quantidade de participantes em relação às variáveis sociodemográficas pode ter impactado nos resultados encontrados, de forma que os dados aqui apresentados devem ser interpretados com cautela.

Em se tratando da coleta de dados, cabe destacar que, devido às condições de distanciamento e isolamento social, em especial para a população idosa, imposta pela pandemia de Covid-19, foi necessária a aplicação dos instrumentos de forma remota. Por se tratar de uma ferramenta de pouca familiaridade para grande parte dos participantes, ainda que a pesquisadora tenha propiciado segurança e apoio (remoto) aos participantes, o contato *online* pode ter influenciado o desempenho dos idosos, especialmente no teste de criatividade, uma vez que para muitos participantes foi a primeira vez que tiveram contato com uma ferramenta de uma chamada de vídeo.

Outro aspecto importante a salientar é o próprio contexto de pandemia. Uma vez que nos instrumentos que avaliam as medias que compõe o BES, é solicitado que o indivíduo considere as últimas semanas, e que durante o período em que ocorreu a coleta, o isolamento se estendia há mais de três meses, sem perspectiva de mudança ou soluções, é possível que a situação em si, aliada à sensação de insegurança devido à crise sanitária enfrentada pelo país, tenha causado impacto na forma como os participantes avaliaram sua vida.

Além disso, é fundamental ponderar o impacto das limitações e o cerceamento de atividades sociais, tão importantes em qualquer fase do desenvolvimento. Mesmo que diversos estudos evidenciem que, embora sofra variações ao longo da vida, o BES é relativamente estável, há de se considerar o possível impacto à situação excepcional, nunca vivida pelos participantes. Outrossim, há na literatura inúmeros estudos que discutem os impactos negativos na saúde mental de idosos que vivem em isolamento.

Também neste sentido, os resultados encontrados no MEEM podem ter sido impactados pela situação de isolamento. Conforme exposto ao longo deste estudo, o envelhecimento ativo é permeado pela inserção dos idosos em atividades sociais, que

garantem a inserção na comunidade e permitem que ainda que haja perdas próprias do envelhecimento, o indivíduo as compense por meio de vivências e experiências significativas, as quais foram impossibilitadas durante a pandemia.

Sugere-se que estudos futuros possam investigar outras características da amostra, tais como a prática de atividades de lazer, atividade física, situação de moradia, as quais podem afetar tanto o bem-estar quanto a forma como o próprio processo de envelhecimento é vivenciado. De todo modo, espera-se que este trabalho possa contribuir com o avanço das investigações sobre a criatividade e outros aspectos positivos no envelhecimento.

Referências

- Abreu, I.C.C. (2018). *Maturidade e Terceira Idade: um estudo sobre a relação entre criatividade, bem-estar e estresse*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil.
- Adams-Price, C. E., Nadorff, D. K., Morse, L. W., Davis, K. T., & Stearns, M. A. (2018). The Creative Benefits Scale: Connecting Generativity to Life Satisfaction. *The International Journal of Aging and Human Development*, 86(3), 242–265. <https://doi.org/10.1177/0091415017699939>
- Adnan, A., Beaty, R., Lam, J., Spreng, R. N., & Turner, G. R. (2019). Intrinsic default: executive coupling of the creative aging brain. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 14(3), 291-303. <http://doi.org/10.1093/scan/nsz013>
- Aerosa, S. V. C., Benitez, L. B., & Wichmann, F. M. A. (2012). Relações familiares e o convívio social entre idosos. *Textos & Contextos*, 11(1), 184-192. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/10495/8059>
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 153-164. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>.
- Alencar, E. M. L. S. (1998). Desenvolvendo o potencial criador: 25 anos de pesquisa. *Cadernos de Psicologia*, 4(1), 113-122. Recuperado de <http://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/35/27>
- Alencar E. M. L. S. & Fleith, D. S. (2003). *Criatividade: múltiplas perspectivas* (3 ed). Brasília: Editora UNB.

- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2003b). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(1), 1-8. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722003000100002>
- Alencar, E. M. L. S., Fleith, D. S., & Bruno-Faria, M. F. (2010). A medida da criatividade: possibilidades e desafios. In E. M. L. S. Alencar, M. F. Bruno-Faria, & D. S. Fleith (Eds.), *Medidas de criatividade: teoria e prática* (pp. 11-34). Porto Alegre: Artmed
- Alforque, M. L. G. (2017). Being less is never least unraveling creativity among older adults with disability. *Malaysian Journal of Medical Research*, 1(2), 1-7. Recuperado de <https://ejournal.lucp.net/index.php/mjmr/article/view/120>.
- Almeida, L. S., Nogueira, L., & Ibérico, S. (2016). Criatividade e estilos de pensar e criar em futuros gestores músicos e arquitetos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 477-488. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300011>.
- Almeida, O. P. (1998). Mini exame do estado mental e o diagnóstico de demência no Brasil. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 56(3-B), 605-612. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/anp/v56n3B/1774>.
- Alves, R. J. R., & Nakano, T. C. (2015). Criatividade em indivíduos com transtornos e dificuldades de aprendizagem: revisão de pesquisas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(1), 87-96. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191802>
- Amabile, T. M. (1983). The social psychology of creativity: A componential conceptualization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(2), 357-376. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.2.357>
- Amaral, P. N., Pomatti, D. M., & Fortes, V. L. F. (2007). Atividades físicas no envelhecimento humano: uma leitura sensível criativa. *Revista Brasileira De*

<http://doi.org/10.5335/rbceh.2012.113>

Amendoeira, M. C. R. (2017). A criatividade como expressão da subjetividade no envelhecimento. *Pan American Journal of Aging Research*, 5(2), 35-40.
<http://dx.doi.org/10.15448/2357-9641.2017.2.29383>

Argimon, I. I. L. (2006). Aspectos cognitivos em idosos. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 243-245. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712006000200015&lng=pt&tlng=pt.

Argimon, I., Bicca, M., Timm, L., & Vivan, A. (2006). Funções executivas e a avaliação de flexibilidade de pensamento em idosos. *Revista Brasileira De Ciências do Envelhecimento Humano*, 3 (2). <http://doi.org/10.5335/rbceh.2012.84>.

Argimon, I. I. L, Lopes, R. M. F., Terroso, L. B., Farina, M., Wendt, G., & Esteves, C. S. (2012). Gênero e escolaridade: estudo através do miniexame do estado mental (MEEM) em idosos. *Aletheia*, (38-39), 153-161. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200012&lng=pt&tlng=pt.

Àvila, R. T., De Paula, J. J., Bicalho, M. A., Moraes, E. N., Nicolato, R., Malloy-Diniz, L. F., & Diniz, B. S. (2015). Working memory and cognitive flexibility mediates visuoconstructional abilities in older adults with heterogeneous cognitive ability. *Journal of the International Neuropsychological Society*, 21(5), 392-398.
<http://doi.org/10.1017/S135561771500034X>

Baer, J., & Kaufman, J.C. (2008). Gender Differences in Creativity. *Second Quarter*, 42(2), 75-105. doi: 10.1002/j.2162-6057.2008.tb01289.x

- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In P. B. Baltes & M. M. Baltes (Eds.), *Successful aging: perspectives from behavioral sciences* (pp.1-34). Cambridge: Cambridge University Press.
- Barbosa, E. T., & Werba, G. C. (2010). Arteterapia e idosos institucionalizados: uma experiência no tempo. *Conversas Interdisciplinares*, 1(1), 1-16. <https://doi.org/10.21115/cinter.v5i4.3915>
- Barros, M. F. A., & Búrigo, S. (2005). Oficinas pedagógicas no exercício da criatividade e educação permanente. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 7, 117-134. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4761/2676>.
- Beghetto, R. A., & Kaufman, J. C. (2007). Toward a broader conception of creativity: A case for mini-c creativity. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 1, 73–79. <https://doi.org/10.1037/1931-3896>.
- Bertolucci, P. H. F., Brucki, S. M. D., Campacci, S. R., & Juliano, Y. (1994). O Mini Exame do Estado Mental em uma população geral: impacto da escolaridade. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 52(1), 01-07. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1994000100001&lng=en&nrm=iso
- Besançon, M., Fenouillet, F., & Shankland, R. (2015). Influence of school environment on adolescents' creative potential, motivation and well-being. *Learning and Individual Differences*, 43, 178-184. <https://dx.doi.org/10.1016/j.lindif.2015.08.029>.
- Bestetti, M. L. T., & Chiarelli, T. M. (2012). Planejamento criativo em instituições de longa permanência para idosos: estudo de caso em Foz do Iguaçu–PR.

- Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 2(1), 36-51. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4263959>
- Bezerra, F. C., Almeida, M. I., & Nóbrega-Therrien, S. M. (2012). Estudos sobre envelhecimento no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(1), 155-167. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v15n1/17.pdf>
- Bezerra, P. K., Rodrigues, K. A., Felix, K. D., Sotero, R. C., & Ferreira, A. P. (2016). Déficit cognitivo: proposição de cartilha para atenção ao idoso. *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*, 3(1), 1-10. Recuperado de <http://revistas.icesp.br/index.php/RBPeCS/article/view/65>
- Blázquez, F. P., Hernández, C. Y. G., & Calvillo, M. A. M. (2015). Psychometric Properties of Diener's Scale of Satisfaction with Life (SWLS) in a Mexican Population. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33(2), 223-232. <https://doi.org/10.12804/apl33.02.2015.04>
- Bonfante, K. (2014). *Barreiras à criatividade e bem-estar de estudantes do ensino médio e do ensino médio integrado de escolas públicas do Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF.
- Brandão, L., & Parente M. A. M. (2001). Os estudos sobre a linguagem do idoso neste século. *Revistas de estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 3, 37-53. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4668/2586>
- Brewster, L., & Cox, A. M. (2019). The daily digital practice as a form of self-care: Using photography for everyday well-being. *Health*, 23(6), 621-638. <http://doi.org/10.1177/136345931>

- Brucki, S. M. D., Nitrini, R., Caramelli, P., Bertolucci, P. H. F., & Okamoto, I. H. (2003). Sugestões para o uso do mini-exame do estado mental no Brasil. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 61(3-B), 777-781. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/anp/v61n3b/17294.pdf>.
- Burgess, N. (2006). Spatial memory: How egocentric and allocentric combine. *Trends in Cognitive Sciences*, 10(12), 551–557. <http://doi.org/10.1016/j.tics.2006.10.005>
- Burnard, P., & Dragovic, T. (2015). Collaborative Creativity in Instrumental Group Music Learning as a Site for Enhancing Pupil Wellbeing. *Cambridge Journal of Education*, 45, 371-392. <https://doi.org/10.1080/0305764X.2014.934204>.
- Bujacz, A., Dunne, S., Fink, D., Gatej, A. R., Karlsson, E., Ruberti, V., & Wronska, M. K. (2014). Does Creativity Make You Happy? The Influence of Creative Activity on Hedonic and Eudaimonic Well-being. *Journal of European Psychology Students*, 5(2), 19–23. <https://doi.org/10.5334/jeps.by>.
- Cachioni, M., Delfino, L. L., Yassuda, M. S., Batistoni, S. S. T., Melo, R. C., & Domingues, M. A. R. C. (2017). Bem-estar subjetivo e psicológico de idosos participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(3), 340-351. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160179>.
- Cantu A. G., & Fleuriet K. J. (2018). "Making the Ordinary More Extraordinary": Exploring Creativity as a Health Promotion Practice Among Older Adults in a Community-Based Professionally Taught Arts Program. *Journal Holist Nursing*, 36(2),123-133. <https://doi.org/10.1177/0898010117697863>
- Carneiro, R. S. (2011). Qualidade de vida e Bem-Estar Subjetivo na terceira idade. *Polêm!ca*, 10(4), 624-230. Recuperado de

https://www.researchgate.net/publication/277993381_QUALIDADE_DE_VIDA_E_BEM-ESTAR_SUBJETIVO_NA_TERCEIRA_IDADE

- Carreiro, L. R. R., Reppold, C. T., Mariani, M. M. C., Lellis, V. R. R, Dias, N. M., Fioravanti-Bastos, A. C. M., & Seabra, A. G. (2015). Habilidades cognitivas ao longo do desenvolvimento: contribuições para o estudo da atenção concentrada. *Psicologia: teoria e prática*, 17(2), 153-170. <http://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v17n2p153-170>
- Castro, E. M. (2004). Percepção e ação: direções teóricas e experimentais atuais. *Paideia*, 14(27), 63-73. Recuperado de www.redalyc.org/articulo.oa?id=3054/305425353009
- Castro-Costa, E., Fuzikawa, C., Ferri, C., Uchoa, E., Firmo, J., Lima-Costa, M. F., Dewey, M. E., & Stewart, R. (2009). Dimensions underlying the Mini-Mental State Examination in a sample with low-education levels: the Bambui Health and Aging Study. *The American Journal of Geriatric Psychiatry*, 17(10), 863-872. <https://doi.org/10.1097/JGP.0b013e3181ab8b4d>
- Cera, R., Cristini, C., & Antonietti, A. (2018). Conceptions of learning, well-being, and creativity in older adults. *Educational, Cultural and Psychological Studies*, 18, 241-274. <http://dx.doi.org/10.7358/ecps-2018-018-cera>
- Chiang, F. K., & Wallis, J. D. (2018). Spatiotemporal encoding of search strategies by prefrontal neurons. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 115(19), 5010-5015. [http://doi.org/10.1073 / pnas.1805044115](http://doi.org/10.1073/pnas.1805044115)
- Chiappe, D. L., & Chiappe, P. (2007). The role of working memory in metaphor production and comprehension. *Journal of Memory and Language*, 56(2), 172–188. <https://doi.org/10.1016/j.jml.2006.11.006>

- Chnaider, J., Nakano, T. C. (2020a). *Avaliação psicológica e envelhecimento humano: revisão de pesquisas* [Manuscrito enviado para publicação]. *Interação em Psicologia*.
- Chnaider, J., Nakano, T.C. (no prelo). *Revisão de pesquisas internacionais sobre a relação entre criatividade e bem-estar subjetivo*. *Psicologia Argumento*.
- Colombo, B., Antonietti, A., & Daneau, B. (2018). The Relationships Between Cognitive Reserve and Creativity. A Study on American Aging Population. *Frontiers in Psychology*, 23(9)764. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00764>
- Conner, T. S & Silvia, P. J. (2015). Creative Days: A daily diary of everyday emotions, personality and creativity. *Psychology of Aesthetics, Creativity, the Arts*, 9, 463 - 470. <https://doi.org/10.1037/aca0000022>.
- Conner, T. S., DeYoung, C. G., & Silvia, P. J. (2017). Everyday creative activity as a path to flourishing. *The Journal of Positive Psychology*, 13, 181-189. <http://doi.org/10.1080/17439760.2016.1257049>
- Costa, B. L. S. (2017). *Caracterização da orientação espacial em pacientes idosos com doenças neurodegenerativas em ambientes previamente conhecidos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.
- Costa, L. S. M., & Pereira, C. A. A. (2007). Bem-estar Subjetivo: aspectos conceituais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(1), 72-80. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000100008
- Costa, F. A., Silva, A. S., Oliveira, C. B. S., Costa, L., Paixão, M. E. S., Celestino, M. N. S., & Araújo, M. C. (2020). COVID-19: seus impactos clínicos e psicológicos na população idosa. *Brazilian Journal of Development*, 6 (7), 49811-49824. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-58>

- Cruz, S. R. B. (2003). *Bem-Estar Subjetivo em adultos e idosos*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil.
- Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P.C.C. (2007). Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20(1), 81-86. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100011>.
- David, A.P., Morais, M.F., Primi, R., & Miguel, F.K. (2014). Metáforas e pensamento divergente: criatividade, escolaridade e desempenho em Artes e Tecnologias. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 147-156. Recuperado em de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Davis, C. D., Kaufman, J. C., & McClure, F. H. (2011). Non-cognitive constructs and self-reported creativity by domain. *The Journal of Creative Behavior*, 45(3), 188-202. <http://doi.org/10.1002/j.2162-6057.2011.tb01426.x>.
- De Meur, A., & Staes, L. (1989). *Psicomotricidade: educação e reeducação*. São Paulo: Manole.
- Dias, T. L., Enumo, S. R. F., & Azevedo Junior, R. R. (2004). Influências de um programa de criatividade no desempenho cognitivo e acadêmico de alunos com dificuldade de aprendizagem. *Psicologia em Estudo*, 9(3), 429-437. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000300011>
- Diener, E. (1984). Subjective Well-Being. *Boletim Psicológico*, 95(3), 542–575. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>.

- Diener, E., & Seligman, M.E.P. (2004). Beyond Money Toward an Economy of Well-Being. *American Psychological Society*, 5(1). <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.00501001.x.12>
- Diniz, B. S. O., Volpe, F. M., & Tavares, A. R. (2007). Nível educacional e idade no desempenho no Miniexame do Estado Mental em idosos residentes na comunidade. *Archives of Clinical Psychiatry*, 34(1), 13-17. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000100002>
- Dohr, J. H. & Forbess, L. A. (1986). Creativity, arts, and Profiles of aging: a reexamination. *Educational Gerontology*, 12(2), 123-138. <https://doi.org/10.1080/0380127860120201>
- Escalona, M. S., Laffita, D. M., Pérez, C. Y., & Leyva, Darsai. C. (2017). Evaluación de indicadores funcionales asociados a la creatividad en el adulto mayor. *MEDISAN*, 21 (11), 3136-3144. Recuperado de http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1029-30192017001100001&lng=es&tlng=es.
- Estatuto do Idoso Lei nº 10.741. 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o e dá outras providências. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm
- Feitosa, M. A. G., Moraes Júnior, R., Nozima, A. M. M., & Castilho, G. M. (2019). Envelhecimento em um Brasil em transformação: atenção a aspectos sensoriais e cognitivos. In G. Gauer, J. Fontenele-Araujo, Landeira-Fernandes (Orgs.), *Abordagem psicobiológica em psicologia e neurociências* (pp. 348-387). Rio de Janeiro: Editora Cognitiva.

- Fernandes, E. S. O., & Santos, A. A. A. (2015). Testes de Atenção para Idosos: Relações com Idade, Escolaridade e Moradia. *Psico*, 46 (1), 110-119. <http://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.1.17281>
- Fleith, D. S., & Alencar, E. M. L. S. (1992). *Efeitos de um programa de treinamento em criatividade em estudantes normalistas. Estudos de Psicologia*, 2, 09-37. Recuperado de <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/123456789/780>
- Flood, M. (2006). Exploring the Relationships Between Creativity, Depression, and Successful Aging. *Activities, Adaptation and Aging*, 31(1), 55-71. https://doi.org/10.1300/J016v31n01_04
- Freitas, M. C., Queiroz, T. A., & Souza, J. A. V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista da escola de enfermagem USP*, 44(2), 407-412. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>.
- Fonseca, S. M. (2010). Promoção do desenvolvimento psicológico no envelhecimento. *Contextos Clínicos*, 3(2), 124-131. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v3n2/v3n2a06.pdf>.
- Fonseca, I. C. D. (2019). Alterações da audição e da linguagem em idosos: revisão integrativa. *Revista Ibero-Americana de Saúde e Envelhecimento*, 5(1), 1707-1726. [http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2019.5\(1\).1708](http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2019.5(1).1708)
- Galenson, D. W. (2019). The nature of creativity in old age. *Becker Friedman Institute for Economics Working Paper*, 2019-67. Recuperado de https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3386362.
- Garcês, S., Pocinho, M., & Jesus, S.N. (2013). Predição da criatividade e saúde mental. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(2), 272-279. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862013000200003&lng=pt&tlng=es.

- Glăveanu, V. P., & Kaufman, J. C. (2019). The Creativity Matrix: Spotlights and Blind Spots in Our Understanding of the Phenomenon. *The Journal of Creative Behavior*, 0(0), 1-13. <https://doi.org/10.1002/jocb.417>
- Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (1997). A mensuração do bem-estar subjetivo: escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida [Resumos]. In Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.), *Anais XXVI Congresso Interamericano de Psicologia* (pp. 313). São Paulo: SIP.
- Gomes, E. C. C., Souza, S. L., Marques, A. P. O., & Leal, M. C. C. (2020). Treino estimulação de memória e a funcionalidade do idoso sem comprometimento cognitivo: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(6). <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.24662018>
- Gostoli, S., Cerini, V., Piolanti, A., & Rafanelli, C. (2017). Creativity, Bipolar Disorder Vulnerability and Psychological Well-Being: A Preliminary Study. *Creativity Research Journal*, 29(1), p63-70 2017. <https://doi.org/10.1080/10400419.2017.1263511>.
- Grohman, M. (2019). Teaching for Creativity: Mini-c, Little-c and Experiential Learning in College Classroom. *Studia Interdisciplinaria*, 7(2), 106-132. <https://doi.org/10.18778/2450-4491.07.06>.
- Gross, S. M., Danilova, D., Vandehey, M. A., & Diekhoff, G. M. (2015). Creativity and dementia: Does artistic activity affect well-being beyond the art class? *Dementia*, 14(1), 27–46. <http://doi.org/10.1177/1471301213488899>
- Gruzka, A & Tang, M. (2017). The 4P's Creativity Model and its application in different fields. In: M. Tang & H. W. Christian (Eds.), *Handbook of the management of creativity and innovation: Theory and practice* (pp. 52-71). Singapura: World Scientific Press.

- Guedea, M. T. D., Albuquerque, F. J. B., Tróccoli, B. T., Noriega, J. A. V., Seabra, M. A. B., & Guedea, R. L. D. (2006). Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 301-308. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200017>
- Guedes, M. H. M. (2007). *Idoso e Arte: Uma relação possível com a autoimagem?* Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Brasília, DF, Brasil.
- Gutheil, I. A. & Heyman J. C. (2016). Older Adults and Creative Arts: Personal and Interpersonal Change. *Activities, Adaptation & Aging*, 40(3), 169-179. <https://doi.org/10.1080/01924788.2016.1194030>
- Hagui, A., Souza, S. M., Lopes, D. S., & Rodrigues, F. V. (2019). Assimetrias da orientação da atenção visoespacial em idosos. *Ciências & Cognição*, 24(1),15-24. Recuperado de http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1467/pdf_125
- Hui, A. N. N., He, M. W. J., & Wong, W. (2019). Understanding the development of creativity across the life span. In J. C. Kaufman & R. J. Sternberg (Eds.), *The Cambridge Handbook of Creativity* (pp.69-87). United Kingdom: Cambridge University Press.
- Humes, W. (2011). Creativity and Wellbeing in Education: Possibilities, Tensions and Personal Journeys. *Team Journal* 2(1), 1-18. recuperado de <http://bit.ly/tmkJYf>
- Hutz, C. S., Zanon, C., & Bardagi, M. P. (2014). Satisfação de vida. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em psicologia positiva* (pp.43-47). Porto Alegre: Artmed.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Projeções da população: Brasil e unidades da Federação*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade#:~:text=O%20Brasil%20tem%20mais%20de,divulgada%20em%202018%20pelo%20IBGE.>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *Censo 2020: idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Recuperado de <https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html>.

Jalali, Z., & Heidari, A. (2016). The relationship between happiness, subjective well-being, creativity and job performance of primary school teachers in Ramhormoz city. *International Education Studies*, 9(6), 45-52. <http://doi.org/10.5539/ies.v9n6p45>

Jesus, S. N., Imaginário, S., Moura, I., Viseu, J., & Rus, C. (2014). Criatividade e motivação dos artistas como preditores da sua saúde mental. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(3), 554-566. <http://doi.org/10.15309/14psd150301>

Kasirer, A., & Mashal, N. (2018). Fluency or Similarities? Cognitive Abilities that Contribute to Creative Metaphor Generation. *Creativity Research Journal*, 30(2), 205–211. <http://doi.org/10.1080/10400419.2018.1446747>

Kaufman, J. C., & Beghetto, R. A. (2009). Beyond Big and Little: The Four C Model of Creativity. *Review of General Psychology*, 13(1), 1–12. <https://doi.org/10.1037/a0013688>

Kautzmann, A., & Zibetti, M. R. (2020). Reabilitação neuropsicológica na memória de idosos saudáveis: revisão sistemática do Brasil e América Latina. *Psicologia Argumento*, 38(100), 363-387. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.38.100.AO08>.

- Kim, B. S., Lee, M. S., Kim, H. (2015). Subjective Language Complaints: Are They Reflected in Objective Language Test Performance? *Communicatio Sciences & Disorders*, 20(2), 214-221. <http://doi.org/10.12963/csd.15235>
- Laks, J., Batista, E. M. R., Guilherme, E.R. L., Contino, A. L. B., Faria, M. E. V., Figueira, I., & Engelhardt, E. (2003). Mini exame do estado mental em idosos de uma comunidade. *Arquivos de neuropsiquiatria*, 61(3-B), 782-785. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/anp/v61n3B/17295.pdf>.
- Lapierre, M. D., Cropper, S. J., & Howe, P. D. L. (2017). Shared processing in multiple object tracking and visual working memory in the absence of response order and task order confounds. *PLoS ONE*, 12(4), 1–20. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0175736>
- Laroque, M., Affeldt, Â. B., Gheno, B., Dias, D.G., & Santana, M.G. (2013). A criatividade na terceira idade. *Revista Contexto & Saúde*, 6(11), 7-14. <http://doi.org/10.21527/2176-7114.2006.11.7-14>
- Lee, M. (2016). Reliability and Validity of Informant-Report Scale on Cognitive-Linguistic Abilities of the Elderly (ISCOLE). *Communication Sciences & Disorders*, 21(1), 151-161. <http://doi.org/10.12963/csd.15278>
- Lehrner, J., Krakhofer, H., Lamm, C., Macher, S., Moser, D., Klug, S., Dal Bianco, P., Pirker, W., Auff, E., & Pusswald, G. (2015). Visuo-constructional functions in patients with mild cognitive impairment, Alzheimer's disease, and Parkinson's disease. *Neuropsychiatrie*, 29(3), 112–119. <https://doi.org/10.1007/s40211-015-0141-2>
- Lima Neto, A. V., Nunes, A. M. A, Oliveira, K. S. A., Azevedo, L. M., Mesquita, G. X. B. (2017). Estimulação em idosos institucionalizados: efeitos da prática de

- atividades cognitivas. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 9(3), 753-759. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i3.753-759>.
- Lindauer, M. S., Orwoll, L., & Kelley, M. C. (1997) Aging Artists on the Creativity of Their Old Age. *Creativity Research Journal*, 10(23), 133-152. <https://doi.org/10.1080/10400419.1997.9651214>
- Lomas, T. (2016). Positive Art: Artistic Expression and Appreciation as an Exemplary Vehicle for Flourishing. *Review of General Psychology*, 20(2), 171–182. <https://dx.doi.org/10.1037/gpr0000073>.
- Lopes, R. M. F., Bastos, A. S., & Argimon, I. I. L. (2017). Treino das funções executivas em idosos: uma revisão sistemática da literatura. *Cuadernos de Neuropsicología*, 11(1), 11-29. <http://doi.org/10.7714/cnps/11.1.201>.
- Lorenzen-Huber, L. (1991). Self-perceived creativity in the later Years: case studies of older nebraskans, *Educational Gerontology: An International Quarterly*, 17(4), 379-390. <https://doi.org/10.1080/0360127910170407>
- Lourenço, R. A. & Veras, R. P. (2006) Mini-exame do estado mental: características psicométricas em idosos ambulatoriais. *Revista de Saúde Pública*, 40(4), 712-719. Recuperado de <http://www.crde-unati.uerj.br/cipi/pdf/meem.pdf>.
- Lourenço, R. A., Veras, R. P., & Ribeiro, P. C. C. (2008). Confiabilidade teste-reteste do Mini-Exame do Estado Mental em uma população idosa assistida em uma unidade ambulatorial de saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* 11(1), 7-16. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2008.11012>.
- Lubart, T. (2007). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artmed.
- Lubart, T., & Thornhill-Miller, B.J. (2019). Creativity: An Overview of the 7C's of Creative Thought. In Sternberg, R.J., & Funk, J. (ed.), *The Psychology os Human Thought: An Introducion*. Heidelberg. Heidelberg University Publishing.

- Macedo, T. L., Laux, R. C., Londero, A. A., & Corazza, S. T. (2019). Análise dos aspectos cognitivos de idosos considerando a prática de exercícios físicos regulares e fatores associados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(2), 180-120. <https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.180120>
- Maduro, R. (1974). Artistic Creativity and Aging in India. *The International Journal of Aging and Human Development*, 5(4), 303–329. <https://doi.org/10.2190/CCYM-EWAK-WXFR-YBA3>
- Mantovani, E. P., Lucca, S. R., & Neri, A. L. (2016). Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(2), 203-222. <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150041>.
- Martínez, A. M. (2007). Criatividade e saúde nos indivíduos e nas organizações. In A. M. R. Virgolim (Org.), *Talento criativo: expressão em múltiplos contextos* (pp.53-64). Brasília: EdUnB.
- Martinez, L. C. F., Magalhães, C. M. C., & Pedroso, J. S. (2018). Envelhecimento saudável e autoeficácia do idoso: revisão sistemática. *Revista de Psicologia da IMED*, 10(2), 103-118. <http://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i2.2790>
- Massimiliano, P. (2015). The effects of age on divergent thinking and creative objects production: a cross-sectional study. *High Ability Studies*, 26(1), 93–104. <http://doi.org/10.1080/13598139.2015.1029117>
- Matthews, F. E, Jagger, C., Miller, L. L, Brayne, C., & MRC CFAS (2009). Diferenças de educação na expectativa de vida com comprometimento cognitivo. *Biological sciences and medical sciences*, 64(1), 125–131. <https://doi.org/10.1093/gerona/gln003>.

- McHugh, M. C. (2016). Experiencing Flow: Creativity and Meaningful Task Engagement for Senior Women. *Women & Therapy*, 39(3-4), 280-295. <https://doi.org/10.1080/02703149.2016.1116862>
- Melo, D. M. & Barbosa, A. J. G. (2015). O uso do mini-exame do estado mental em pesquisas com idosos no Brasil: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12), 3865- 3876. <http://doi.org/10.1590/1413-812320152012.06032015>
- Mello, M. T., & Tufik, S. (2004). *Atividade física, exercício físico e aspectos psicobiológicos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Mendes, A., Câmara, J., Caires, A. L., Garcês, S., & Pocinho, M. (2020). Creativity and cognitive reserve in old age: an exploratory study in the Portuguese population. *Revista Psicologia*, 34(1), 229-235. <http://doi.org/10.17575/psicologia.v34i1.1518>
- Mendonça, B. I. O. & Coutinho, D. M. B. (2019). Processo criativo e envelhecimento em uma pesquisa-ação. *Revista de Psicologia*, 28(1), 1-13. <http://doi.org/10.5354/0719-0581.2019.53955>
- Ministério da Saúde. (2006). *Cadernos de Atenção Básica, n. 19: Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_saude_pessoa_idosa.pdf
- Miranda, J. C., & Souza, A. A. F. (2019). Habilidades cognitivas em idosos. *Revista Científica UMC*, 4(3), 1-5. Recuperado de <http://seer.umc.br/inde/x.php/revistaumc/article/view/843/624>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta- Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Med*, 6(7), e1000097. <http://doi.org/10.1371/journal.pmed1000097>

- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., & Stewart, L. A. (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic reviews*, 4(1), 1-9. Recuperado de <http://www.systematicreviewsjournal.com/content/4/1/1>.
- Moraes, E. N., & Lanna, F.M. (2008). Avaliação e cognição do humor. In E.N., Moraes (Org), *Princípios básicos de geriatria e gerontologia* (pp. 85-104). Belo Horizonte: Coopmed.
- Moraes, E. N., Moraes, F. L., & Lima, S. P. P. (2010). Características Biológicas e Psicológicas do Envelhecimento. *Revista Médica de Minas Gerais*, 20(1), 67-73. Recuperado de http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/197.pdf
- Morando, E. M. G., Schimitt, J. C., & Ferreira, M. E. C. (2018). Treino de memória em idosos saudáveis: uma revisão de literatura. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(3), 293-310. Recuperado de <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/1136/1129>.
- Mourão Júnior, C. A. & Faria, N. C. (2015). Memória. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28 (4), 780-788. <http://doi.org/10.1590/1678-7153.201528416>.
- Mundim, M. C. B., & Wechsler, S. M. (2007). Estilos de pensar e criar em gerentes organizacionais e subordinados. *Boletim de Psicologia*, 57(126), 15-32. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v57n126/v57n126a03.pdf>.
- Nakano, T. C. (2006). *Teste Brasileiro de Criatividade Figural: normatização de instrumento no Ensino Fundamental*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil.

- Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2006). Teste Brasileiro de Criatividade Figural: proposta de instrumento. *Revista Interamericana de Psicologia*, 40 (1), 103-110. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712006000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Nakano, T. C. & Wechsler, S. M. (2006a). Teste Brasileiro de Criatividade Figural: proposta de normas. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 159-170. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902006000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Nakano, T.C & Wechsler, S.M. (2006b). O percurso da criatividade figural do ensino médio ao ensino superior. *Boletim de Psicologia*, 56(125), 205-219. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Nakano, T. C. & Wechsler, S. M. (2007). Criatividade: características da produção científica brasileira. *Avaliação Psicológica*, 6(2), 261-270. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712007000200015&lng=pt&tlng=pt.
- Nakano, T. C., & Primi, R. (2012). A estrutura fatorial do Teste de Criatividade Figural Infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (3), 275-283. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300003>.
- Nakano, T. C., & Primi, R. (2014). Rasch-Master's partial credit model in the assessment of children's creativity in drawings. *Spanish Journal of Psychology*, 17(e35), 1-16. <http://doi.org/10.1017/sjp2014.36>.
- Nakano, T. C. (2018). A criatividade pode ser medida?: Reflexões sobre métodos utilizados e questões envolvidas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(1), 128-

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-

- Nakano, T. C., Machado, W. L., & Abreu, I. C. C. (2019). Relações entre estilos de pensar e criar, bem-estar, saúde percebida e estresse na terceira idade. *Psico-USF*, 24(3), 555-568. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240312>
- Nakano, T.C., Oliveira, K.S., & Zaia, P. (2018). A questão do gênero em criatividade. In A.M.R. Virgolim (Org.), *Altas Habilidades/superdotação: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais* (pp. 139-158). Curitiba: Juruá.
- Nakano, T. C., Zaia, P., & Oliveira, K. S. (2018). Programas e modelos de treinamento em criatividade: aplicações educacionais. In T. C. Nakano (Org.), *Psicologia Positiva aplicada a educação* (pp.141-160). São Paulo: Vetor.
- Neri, A. L. (2001). Velhice e qualidade de vida na mulher. In: A.L. Neri (Org.), *Desenvolvimento e envelhecimento* (pp. 161-200). Campinas: Papyrus.
- Neri, A. L. (2004). Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 69-80. Recuperado de <http://anakarkow.pbworks.com/w/file/attach/99591271/neri.pdf>
- Neri, A. L., & Neri, M. L. (2011). Envelhecimento Cognitivo. In E. V. Freitas, & I. Py (Eds), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 2025-2045). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Netto, M. P. (2013). O Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: E.V. Freitas, & L. Py (Eds.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 62-75). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Nobre, A. C., & Shapiro, K. L. (2006). Other dimensions of attention. *Neural Network*, 19(9), 1450-1452. <http://doi.org/10.1016/j.neunet.2006.10.002>

- Noronha, A. P. P., Martins, D. F., Campos, R. R. F., & Mansão, C. S. M. (2015). Relações entre afetos positivos e negativos e os cinco fatores de personalidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 20(2), 92-101. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150011>.
- Nunes, M. V. R. S. (2009). Envelhecimento cognitivo: principais mecanismos explicativos e suas limitações. *Cadernos de Saúde*, 2(2), 19-29. <http://doi.org/10.34632/cadernosdesaude.2009.2791>
- Nunes, L. K. O., Lemos, D. C. L., Ribas, R. C., Behar C. B., & Santos, P. P. P. (2019). Análise Psicométrica da PANAS no Brasil. *Ciências Psicológicas*, 13(1), 45-55. <https://doi.org/10.22235/cp.v13i1.1808>
- Nuessel F., Van Stewart A., & Cedeño A.. (2001). A course on humanistic creativity in later life: literature review, case histories, and recommendations. *Educational Gerontology*, 27(8), 697-715. <http://dx.doi.org/10.1080/036012701317117929>
- Oliveira, Z. M. F. (2010). Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(1), 83-92. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a10>.
- Oliveira, K. S., Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2016). Criatividade e saúde mental: uma revisão da produção científica na última década. *Temas em Psicologia*, 24(4), 1493-1506. https://doi.org/10.9788/TP2016.4-16_
- Oliveira, C., Nunes, M. F. O., Legal, E. J., & Noronha, A.P.P. (2016). Bem-estar subjetivo: estudo de correlação com as forças de caráter. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 177-185. <https://dx.doi.org/10.15689/1p.2016.1502.06>.
- Oliveira, S. F., Queiroz, M. I. N., & Costa, M. L. A. (2012). Bem estar subjetivo na terceira idade. *Motricidade*, 8(S2), 1038-1047. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/2730/273023568131.pdf>.

- Oliveira, D. V., Souza, J. F. Q., Granja, C. T. L, Antunes, M. D., & Nascimento Júnior, J. R. A. (2020). Satisfação com a vida e atitudes em relação à velhice de idosos frequentadores de centros de convivência em função do nível de atividade física. *Revista Psicologia e Saúde*, 12(1), 49-60. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v12i1.759>
- Organização Mundial da Saúde (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Organização Pan-Americana de Saúde. Recuperado de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf
- O'shea, E., & Ni Leime, A. (2012). The impact of the Bealtaine arts programme on the quality of life, wellbeing and social interaction of older people in Ireland. *Ageing & Society*, 32(5), 851-872. <http://doi.org/10.1017/S0144686X1100717>.
- Palmiero, M., Nori, R., & Piccardi, L. (2017). Verbal and visual divergent thinking in aging. *Experimental Brain Research*, 235, 1021-1029. <http://doi.org/10.1007/s00221-016-4857-4>
- Pandya, S. P. (2020). Meditation to improve lateral and divergent thinking among older adults: a 2-year follow-up study. *Aging Clinical Experimental Research*, 32, 723–732. <https://doi.org/10.1007/s40520-019-01240-4>
- Passareli, P. M., & Silva, J. A. (2007). Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 513-517. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400010>.
- Paulo, D.L.V.; Yassuda, M.S. (2010). Queixas de memória de idosos e sua relação com escolaridade, desempenho cognitivo e sintomas de depressão e ansiedade. *Revista psiquiatria clínica*, 37(1), 23-26. <http://doi.org/10.1590/501060832010000.100005>

- Pires, P., Filgueiras, A., Ribas, R., & Santana, C. (2013). Positive and Negative Affect Schedule: Psychometric Properties for the Brazilian Portuguese Version. *Spanish Journal of Psychology*, 16 (e58), 1-9. <http://doi.org/10.1017/sjp.2013.60>
- Pires, L., Simões, M. R., Leitão, J. A., & Guerrini, C. (2016). Executive functions and ageing. In H. Firmino, M., Simões, & J., Cerejeira. (Eds.), *Mental health in older people* (pp. 93-108). Lisboa: Lidel Edições Técnicas.
- Prado, R.M., Alencar, E.M. L.S., & Fleith, D.S. (2016). Diferenças de gênero em criatividade: análise das pesquisas brasileiras. *Boletim de Psicologia*, 66(144), 113-124. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432016000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Reppold, C., Kaiser, V., Zanon, C., Hutz, C., Casanova, J. R., & Almeida, L. S. (2019). Escala de Satisfação com a Vida: Evidências de validade e precisão junto de universitários portugueses. *Revista de estudos e investigação em psicologia y educacion*, 6(1), 15-23. <https://doi.org/10.17979/reipe.2019.6.1.4617>
- Reuter-Lorenz, P. A., & Park, D. C. (2014). How Does it STAC Up? Revisiting the Scaffolding Theory of Aging and Cognition. *Neuropsychology Review*, 24(3), 355–370. <http://doi.org/10.1007/s11065-014-9270-9>
- Reynolds, F. (2010). 'Colour and communion': Exploring the influences of visual art-making as a leisure activity on older women's subjective well-being. *Journal of Aging Studies*, 24(2), 135-143. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2008.10.004>.
- Reynolds J., Bernard, Rezzano, M. J., & Rickett M. (2016). Ageing, Drama, and Creativity: Translating Research Into Practice. *Gerontology & Geriatrics Education*, 37(3), 307-328. <https://doi.org/10.1080/02701960.2016.1152267>

- Rocha, I. F. D., Oliveira, E. R., & Mota, M. M. P. E. (2017). Relação entre apoio social e bem-estar subjetivo em idosos: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*, 30(4), 1-13. Recuperado de <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-877480?lang=en>.
- Rodrigues, R. M. (2019). *Habilidades visuoestrutivas não grafomotoras no envelhecimento saudável e patológico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Rodrigues, J. C., Muller, J. L., Esteves, C., Fonseca, R. P., Parente, M. A. M. P., & Salles, J. F. (2018). Efeito de Idade e Escolaridade no Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve NEUPSILIN. *Psico-USF*, 23(2), 319-332. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230211>
- Saari, T., Hallikainen, I., Hänninen, T., Rätty, H., & Koivisto, A. (2018). Relationships between Cognition and Activities of Daily Living in Alzheimer's Disease During a 5-Year Follow-Up: ALSOVA Study. *Journal of Alzheimer's Disease*, 64(1), 269-279. <http://doi.org/10.3233/JAD-171059>.
- Sabeti, S. (2015). Creative ageing? Selfhood, temporality and the older adult learner. *Internacional Journal of lifelong education*, 34(2), 211-229. <https://doi.org/10.1080/02601370.2014.987710>.
- Sacchi, A. L., & Metzner, A. C. (2019). A percepção do pedagogo sobre o desenvolvimento psicomotor na educação infantil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 100(254), 96-110. <http://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3804>
- Sacramento, A. M. (2015). *Autoeficácia das funções cognitivas de memória e atenção em idosos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília, Brasília, Brasil.

- Samulski, D. M., & Costa, V.T. (2002). Criatividade: uma visão multidisciplinar. In D. M. Samulski. *Psicologia do esporte – Manual para a educação física, psicologia e fisioterapia* (pp.319-345). São Paulo: Ed. Manole
- Sánchez, M. D. P., Martínez, O. L., García, M. R. B., Renzulli, J., & Costa, J. L. C. (2002). Evaluación de un programa de desarrollo de la creatividad. *Psicothema*, 14(2), 410-414. Recuperado de <http://www.psicothema.com/psicothema.asp?id=741>.
- Santos, L. Chnaider, J., Nakano, T. C., & Faro, A. (2020). Psicologia Positiva e envelhecimento: aplicação de seus construtos e pesquisas em saúde. In E. Cerqueira-Santos, J. P. Silva, & A. Faro. (Orgs.), *Gênero, Violência e Saúde: Processos de Envelhecimento* (pp. 123-146). São Paulo: Scortecci Editora.
- Sakamoto, C. K. (2008). O brincar da criança: criatividade e saúde. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, XXVIII(2), 267-277. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/946/94628214.pdf>.
- Santos, M. T., & Flores-Mendoza, C. (2017). Treino Cognitivo para Idosos: Uma Revisão Sistemática dos Estudos Nacionais. *Psico-USF*, 22(2), 337-349. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220212>.
- Sauer, P. E., Fopma-Loy, J., Kinney, J. M., & Lokon, E. (2016). “It makes me feel like myself”: Person-centered versus traditional visual arts activities for people with dementia. *Dementia*, 15(5), 895–912. <https://doi.org/10.1177/1471301214543958>
- Saque, M. F. T. B. (2018). *A influência da criatividade na percepção de bem-estar de jovens universitários*. Dissertação de Mestrado. Psicologia Clínica. Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, Portugal.

- Saramago, T. F. P. P. (2012). *Criatividade e bem-estar na população reclusa do Algarve*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade do Algarve.
- Schimmack, U. & Kim, H. (2020). An integrated model of social psychological and personality psychological perspectives on personality and wellbeing. *Journal of Research in Personality*, 84, 1-2. <http://doi.org/10.1016/j.jrp.2019.103888>
- Schneider, R., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4), 585-593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>
- Scott, G., Leritz, E. L., & Mumford, M. D. (2004). The Effectiveness of Creativity Training: A Quantitative Review. *Creativity Research Journal*, 16 (4), 361-388. <http://doi.org/10.1080/10400410409534549>
- Seligman, M. E., Steen, T. A, Park, N., Peterson, C. (2005). Positive psychology progress: empirical validation of interventions. *American Psychologist*, 60(5), 410-21. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.5.410>.
- Seo, Y. W., Chae, S. W., & Lee, K. C. (2015). The impact of absorptive capacity, exploration, and exploitation on individual creativity: Moderating effect of subjective well-being. *Computers in Human Behavior*, 42(68), 82. <http://doi.org/10.1016/j.chb.2014.03.031>
- Serafim, F. A. R. P. (2018). *A relação entre a reserva cognitiva e as funções executivas no envelhecimento saudável*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal.
- Sharma, S. & Babu, N. (2017). Interplay between Creativity, Executive Function and Working Memory in Middle-Aged and Older Adults. *Creativity Research Journal*, 29(1), 71-77. <http://doi.org/10.1080/10400419.2017.1263512>

- Silva, M. F. M. (1999). *Definição e avaliação da criatividade: contributos da abordagem infantil*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Silva, C., & Capellini, S. A. P. (2011). *Programa de remediação fonológica: Proposta de intervenção fonológica para dislexia e transtorno de aprendizagem*. São Paulo: Pulso Editorial.
- Silva, H. S., Lima, A. M. M. de, & Galhardoni, R. (2010). Envelhecimento bem-sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectivas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 14(35), 867-877. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010005000034>.
- Silva, G. O. I., Fadal, S. J., Wechsler, S. M. (2013). Criatividade e educação: análise da produção científica brasileira. *EccoS Revista Científica*, 30, 165-181. <https://doi.org/10.5585/EccoS.v13i1.2183>
- Silva, T. F., & Nakano, T. C. (2012). Criatividade no contexto educacional: análise de publicações periódicas e trabalhos de pós-graduação na área da Psicologia. *Educação e Pesquisa*, 38(3), 743-759. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000013>.
- Silva, T. F., & Nakano, T. C. (2013). Avaliação do nível da criatividade figural infantil em diferentes contextos de educação. *Psicologia da Educação*, (36), 67-81. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752013000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Silva, J. G., Caldeira, C. G., Cruz, G. E. C. P., & Carvalho, L. E. D. (2020). Envelhecimento ativo, qualidade de vida e cognição em idosos: um estudo

- transversal em uma cidade de Minas Gerais. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(1), e1796. <http://doi.org/10.25248/reas.e1796.2020>.
- Silva, J. N. M. A., Leite, M. T., Gaviraghi, L. C., Kirsten, V. R., Kinalski, S. S., Hildebrandt, L. M., & Beuter, M. (2020). Dimensões preditoras das condições clínico-funcionais e cognição em idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(3), e20190162. <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0162>
- Simonton, D. K. (1991). Emergence and realization of genius: The lives and works of 120 classical composers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(5), 829-840. https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.5.829_
- Siquara, G. M., Lima, C. S., & Abreu, N. (2018). Working memory and intelligence quotient: Which best predicts on school achievement?. *Psico*, 49(4), 365-374. <http://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.4.27943>.
- Smith, G. J. W., & Van der Meer, G. (1990) Creativity in old age. *Creativity Research Journal*, 3(4), 249-264. <https://doi.org/10.1080/10400419009534359>
- Soares, A. F., Gutierrez, D. M. D., & Resende, G. C. (2020). A satisfação com a vida, o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico em estudos com pessoas idosas. *GIGAPP Estudos Working Papers*, 7(150-165), 275-291. Recuperado de <http://www.gigapp.org/ewp/index.php/GIGAPP-EWP/article/view/186>
- Souza, A. A. F. (2011). *Inteligência e criatividade na maturidade e velhice*. Tese de Doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil.
- Souza, A. A. F. & Wechsler, S. M. (2013). Inteligência e criatividade na maturidade e velhice. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 643-653. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400004>

- Sousa, A. B., & Salgado, T. (2015) Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. *Revista Liberato*, 16(26), 101-220. <http://doi.org/10.31514/rliberato.2015v16n26.p141>
- Souza, M. C., Bernardes, F. R., Machado, C .K., Favoretto, N. C., Carleto, N. G., Espírito Santo, C., & Belaunde, A. M. A. (2018). Relação entre aspectos cognitivos, sociodemográficos e fluência verbal de idosos ativos. *Revista CEFAC*, 20(4), 493-502. <https://doi.org/10.1590/1982-0216201820417717>
- Souza, J. G. S, Soares, L. A. Souza, T. C. S., Pereira, A. R., & Souza, A. G. S. (2014). Miniexame do estado mental: capacidade psicométrica e formas de avaliação. *Revista APS*, 17(1), 101-105. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15248>
- Sternberg, R. J. (1988). *A three-facet model of creativity*. In R. J. Sternberg (Ed.), *The nature of creativity: Contemporary psychological perspectives* (pp. 125–147). Cambridge University Press.
- Sposito, G., D'Elboux, M. J., Neri, A.L., & Guariento, M. E. (2013). A satisfação com a vida e a funcionalidade em idosos atendidos em um ambulatório de geriatria. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(12), 3475-3482. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001200004>
- Tamannaefar, M. R., & Motaghefard, M. (2014). Subjective well-being and its subscales among students: The study of role of creativity and self-efficacy. *Thinking Skills and Creativity*, 12, 37-42. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2013.12.003>.
- Tavella, R. R., & Villemor-Amaral, A. E. (2014). O teste de Zulliger-SC: avaliação da criatividade em crianças. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31 (4), 489-497. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000400003>

- Trnka, R., Cabelkova, I., Kuska, M., & Nikolai T. (2019). Cognitive decline influences emotional creativity in the elderly. *Creativity Research Journal*, 31(1), 93-101. <https://doi.org/10.108/10400419.20191577205>
- Teixeira, S. M. O., Marinho, F. X. S., Vasconcelos, A. M. C., & Martins, J. C. O. (2016). Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(2), 469-487. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451851666010>
- Tomomitsu, M. R. S. V., Perracini, M. R., & Neri, A. L. (2014). Fatores associados à satisfação com a vida em idosos cuidadores e não cuidadores. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8),3429-3440. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.13952013>.
- Torrance, E. P. (1965). Science Views of Creativity and Factors Affecting Its Growth. *Creativity and Learning*, 94 (3), 663-681.
- Torrance, E. P. & Safter, H. T. (1999). Making the creative leap beyond. Buffalo, NY: Creative Education Foundation
- Valle, E. A., Castro-Costa, E., Firmo, J. O. A., Uchoa, E., & Lima-Costa, M. F. (2009). Estudo de base populacional dos fatores associados ao desempenho no mini exame do estado mental entre idosos: projeto Bambui. *Cadernos de Saúde Pública*,25(4),918-926. Recuperado de <https://pdfs.semanticscholar.org/a2cc/e8950f08c653d0bea2430485ae8f10fb856d.pdf>
- Vally, Z., Salloum, L., AlQedra, D., El Shazly, S., Albloshi, M., Alsheraif, S., Alkaabi, A. (2019). Examining the effects of creativity training on creative production, creative self-efficacy, and neuro-executive functioning. *Thinking Skills and Creativity*, 31, 70-78. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2018.11.003>

- Veras, R. P. (2012). Experiências e tendências internacionais de modelos de cuidado para com o idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(1),231-238. Recuperado de <https://www.scielo.org/pdf/csc/2012.v17n1/231-238/pt>
- Vieira, R. S., Silva & Lima M. E. O. (2015). Estereótipos sobre os Idosos: Dissociação entre Crenças Pessoais e Coletivas. *Temas em Psicologia*, 23(4), 947-958. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-11>.
- Vittersø, J., & Dahl, T. I. (2013). What's in a face? Perhaps some elements of both eudaimonic and hedonic well-being, *The Journal of Positive Psychology*, 8 (4), 337-345. <http://doi.org/10.1080/17439760.2013.803597>
- Warner, R. M., & Rasco, D. (2014). Structural equation models for prediction of subjective well-being: Modeling negative affect as a separate outcome. *The Journal of Happiness & Well-Being*, 2(1), 34-50. Recuperado de <http://www.journalofhappiness.net/articles/pdf/v02i01/MODEL.pdf>
- Wechsler, S. M. (2008). *Criatividade: descobrindo e encorajando* (3 ed). Campinas: Impressão Digital do Brasil.
- Wechsler, S. M., & Nakano, T. C. (2002). Caminhos para a avaliação da criatividade: perspectiva brasileira. In R. Primi. (Org.), *Temas em Avaliação Psicológica* (pp. 103- 115). São Paulo: Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica.
- Wechsler, S. M., Nunes, M. F. O., Schelini, P. W., Ferreira, A. A., & Pereira, D. A. P. (2010). Criatividade e inteligência: analisando semelhanças e discrepâncias no desenvolvimento. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(3), 243-250. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000300003>
- Wechsler, S. M., Oliveira, K. L., & Suárez, J. T. (2015). Criatividade e saúde mental: desenvolvendo as forças positivas do caráter. In: M. F. Morais, L.C. Miranda, &

- S.M. Wechsler (Eds.), *Criatividade: aplicações práticas* (pp. 59-76). São Paulo: Vetor.
- Wieth, M. B., Francis, A. P. (2018). Conflicts and Consistencies in Creativity Research and Teaching. *Teaching of Psychology* 45(4), 363-370. <https://doi.org/10.1177/0098628318796924>
- Wiggs, C. M. (2010) Creating the Self: Exploring the Life Journey of Late-Midlife Women. *Journal of Women & Aging*, 22(3), 218-233. <https://doi.org/10.1080/08952841.2010.495574>
- Xavier, A. J., D'Orsi, E., Sigulem, D., & Ramos, L. R. (2010). Orientação temporal e funções executivas na predição de mortalidade entre idosos: estudo Epidoso. *Revista de Saúde Pública*, 44(1), 148-158. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000100016>
- Yang, Y. Social inequalities in happiness in the United States, 1972 to 2004: an age-period-cohort analysis.(2008). *American Sociological Review*. 2008;73(2):204-26. <https://doi.org/10.1177/000312240807300202>
- Yassuda, M. S., & Silva, H. S. (2010). Participação em programas para a terceira idade: Impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 207-214. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200008>
- Zanon, C. (2009). *Relações da ruminação e reflexão com o bem-estar subjetivo, facetas do neurocitismo e sexo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Zanon, C., Bardagi, M. P., Layous, K., & Hutz, C. S. (2014). Validation of the Satisfaction with Life Scale to Brazilians: Evidences of measurement noninvariance across Brazil and US. *Social Indicators Research*, 119(1), 443–453. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0478-5>

- Zanon, C. Dellazzana-Zanon, L. & Hutz. (2014). Afetos positivos e negativos: definições, avaliações e suas implicações para intervenções. In C.S Hutz (Org.), *Avaliação em psicologia positiva* (pp.49-61). Porto Alegre: Artmed.
- Zavarize, S. F. & Wechsler, S. M. (2012). Perfil criativo e qualidade de vida: implicações em adultos e idosos com dor lombar crônica. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(3), 403-414. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000300002>
- Zeilig, H., Tischler, V., Williams, M. V. D. B., West, J., & Strohmaie, S. (2018). Co-creativity, well-being and agency: A case study analysis of a co-creative arts group for people with dementia. *Journal of Aging Studies*, 49, 16-24. <http://doi.org/10.1016/j.jaging.2019.03.002>
- Zuccolo, P. F., Rzezak, P., & Góis, J. O. (2010). Praxia e visuoconstrução. In L. F. Malloy-Diniz, D. Fuentes, P. Matos, & N. Abreu (Eds.), *Avaliação neuropsicológica* (pp. 114-122). Porto Alegre: Artmed.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Criatividade, Bem-Estar Subjetivo e estado mental em idosos”, desenvolvida durante a minha dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sob a orientação da Professora Doutora Tatiana de Cássia Nakano.

A pesquisa pressupõe a participação de idosos com idade igual ou superior a sessenta anos, que concordem em participar, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A sua participação envolve a resposta a cinco instrumentos: um questionário com informações sociodemográficas, um teste de avaliação da criatividade, um teste de avaliação do estado mental, uma escala de avaliação de satisfação com a vida, e uma escala de afetos positivos e negativos. Os instrumentos serão aplicados de forma coletiva ou individual em local previamente combinado e de conveniência para o participante com duração estimada em 120 minutos.

Embora a pesquisa não ofereça riscos psicológicos previstos, eles podem ocorrer, relacionados a algum desconforto durante a participação. Caso essa situação aconteça, a psicóloga aplicadora da atividade estará à disposição para oferecer o acolhimento psicológico gratuito, bem como poderá realizar o encaminhamento para atendimento especializado, se necessário.

Sua participação é voluntária, não havendo nenhum tipo de custo ou pagamento, e você poderá interromper ou retirar sua participação a qualquer momento caso o processo de resposta ou a participação no programa sem haja qualquer tipo de penalidade ou prejuízo. As informações coletadas serão analisadas e comparadas para a relação entre a criatividade e o bem-estar subjetivo. Aos participantes, serão oferecidas devolutivas dos resultados globais do programa, caso manifeste interesse. Nenhum resultado individual será fornecido. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados sob a forma de publicações científicas em revistas ou congressos, porém, a pesquisadora garante manter o sigilo e anonimato sobre a identidade dos participantes.

O material coletado será guardado por 5 anos, sendo posteriormente, destruído. Estarei à disposição em qualquer momento da pesquisa para responder dúvidas sobre o estudo, e poderá entrar em contato com a mestrandia Janaina Chnaider pelo telefone ou e-mail disponível ao final deste documento.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida, Campinas-SP, CEP 13087-571. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira das 8 às 17hs. O mesmo poderá ser consultado para quaisquer esclarecimentos relacionados aos aspectos éticos da pesquisa. Esclarecimentos de outra natureza poderão ser realizados diretamente com o pesquisador responsável.

Caso concorde com a participação nesta pesquisa, preencha e assine o presente termo, elaborado em duas vias de igual teor, devendo, uma delas, ser devolvida ao pesquisador e a outra, ficar em seu poder, para consulta posterior caso necessário.

Janaina Chnaider
Pesquisadora Responsável - Mestranda em Psicologia pela PUC-Campinas
Telefone: (19) 9 7417-6808
e-mail: jana_chnaider@hotmail.com

Eu, _____ declaro
que após ter sido esclarecido sobre objetivos e procedimentos da pesquisa intitulada
“Criatividade e Bem-Estar Subjetivo em idosos” concordo em participar deste estudo.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura

ANEXO 2 – ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA (ESV)

Abaixo você encontrará cinco afirmações com as quais pode ou não concordar. Usando a escala de resposta a seguir, que vai de 1 a 7, indique o quanto concorda ou discorda com cada uma. Por favor, seja o mais sincero possível nas suas respostas.

1) A minha vida é próxima ao meu ideal.						
1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo ligeiramente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo Totalmente
2) Minhas condições de vida são excelentes.						
1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo ligeiramente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo Totalmente
3) Estou satisfeito com a minha vida.						
1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo ligeiramente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo Totalmente
4) Até agora tenho conseguido as coisas importantes que quero da vida						
1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo ligeiramente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo Totalmente
5) Se pudesse viver a minha vida de novo e não mudaria quase nada.						
1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo ligeiramente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo Totalmente

ANEXO 3– ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS (PANAS)





Esta escala consiste em palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada item e depois marque a resposta adequada no espaço ao lado da palavra. Indique até que ponto você tem se sentido desta forma ultimamente.

	1	2	3	4	5
	Nem um Pouco	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
Amável					
Amedrontado					
Angustiado					
Animado					
Apaixonado					
Determinado					
Dinâmico					
Entusiasmado					
Forte					
Humilhado					
Incomodado					
Inquieto					
Inspirado					
Irritado					
Nervoso					
Orgulhoso					
Perturbado					
Rancoroso					
Vigoroso					

ANEXO 4 – TESTE DE CRIATIVIDADE FIGURAL (TCF)

ATIVIDADE 2 – COMPLETANDO AS FIGURAS²

Se você olhar as 10 figuras a seguir perceberá que, se você completá-las, poderá fazer desenhos interessantes e bastante completos. Olhe para cada uma e imagine qual desenho pode surgir a partir delas. Lembre-se que as figuras devem fazer parte do seu desenho. Tente pensar em alguma idéia que você acha que as outras pessoas não pensariam. Quando terminar de desenhar invente um título para cada desenho e escreva-o na linha ao lado do número de cada figura.

 1. _____	 2. _____
 3. _____	 4. _____

² O teste é composto por três atividades e devido a existência de direitos autorais, somente parte de uma das atividades é apresentada aqui. As demais seguem o mesmo tipo de tarefa, alternando-se os estímulos gráficos.

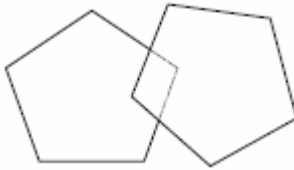
ANEXO 5 – MINI-EXAME DO ESTADO MENTAL

Nome: _____

Data de Nascimento: __/__/__

Escolaridade _____

ORIENTAÇÃO TEMPORAL	PONTOS	OBS.
Que dia é hoje?	0 1	
Em que mês estamos?	0 1	
Em que ano estamos?	0 1	
Em que dia da semana estamos?	0 1	
Qual a hora aproximada?	0 1	
ORIENTAÇÃO ESPACIAL		
Em que local nós estamos? (consultório, enfermaria, andar)	0 1	
Qual é o nome deste lugar?	0 1	
Em que cidade estamos?	0 1	
Em que Estado estamos?	0 1	
Em que país estamos?	0 1	
MEMÓRIA IMEDIATA		
Eu vou dizer três palavras e você irá repeti-las a seguir. preste atenção, pois depois você terá que repeti-las mais tarde. (dê 1 ponto para cada palavra): casa; árvore; dedo	0 1 2 3	
ATENÇÃO E CÁLCULO		
5 séries de subtrações de 7 (100-7, 93-7, 86-7, 79-7, 72-7, 65). (Se houver erro, corrija-o e prossiga. Considere correto se o examinando espontaneamente se autocorrigir). Ou: Soletrar a palavra MUNDO ao contrário.	0 1 2 3 4 5	
EVOCAÇÃO		
Pergunte quais as três palavras que o sujeito acabara de repetir	0 1 2 3	
NOMEAÇÃO		

Peça para o sujeito nomear dois objetos mostrados	0 1 2	
REPETIÇÃO		
Preste atenção, vou lhe dizer uma frase e quero que você repita depois de mim: Nem aqui, nem ali, nem lá.	0 1	
COMANDO		
Pegue este papel com a mão direita, dobre-o ao meio e coloque-o no chão.	0 1 2 3	
LEITURA		
Mostre a frase escrita: FECHE OS OLHOS. Solicite ao indivíduo que faça o que está sendo mandado	0 1	
FRASE ESCRITA		
Peça ao indivíduo para escrever uma frase. (Se não compreender o significado, ajude com: alguma coisa que aconteceu hoje; alguma coisa que queira dizer.	0 1	
CÓPIA DO DESENHO		
Mostre o modelo e solicite que copie da melhor forma possível. 	0 1	
TOTAL		

ANEXO 6 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome _____

Data de nascimento: ___/___/___

Sexo: Masculino () Feminino ()

Etnia: () Branco () Negro () Pardo () Amarelo outros: _____

Anos de estudo: _____ anos

Curso (se cursou ensino superior) _____

Estado Civil: () Casado () Solteiro () Viúvo () Divorciado/separado ()

É aposentado(a): Sim () Não ()

Profissão: _____

Trabalha atualmente: Sim () Não ()

Se sim, qual ocupação: _____

Renda Familiar (quantidade de salários): _____

É responsável financeiro da família: Sim () Não ()

Prática alguma Religião: Sim () Não ()

ANEXO 7 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO CRIATIVA E SEU IMPACTO NO BEM-ESTAR SUBJETIVO EM IDOSOS

Pesquisador: Janaina Chnaider Fernandes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 29875820.0.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.996.031

Apresentação do Projeto:

O envelhecimento populacional mundial e em especial no Brasil é um fenômeno que tem sido observado há algum tempo, ainda assim, as pesquisas e ações de políticas públicas voltadas para a população idosa ainda não são suficientes para sanar as necessidades desta população. Na psicologia assim como em outras áreas, são discutidos conceitos como o envelhecimento ativo ou bem-sucedido, entretanto, o que se nota é que a psicologia do envelhecimento no Brasil ainda está tomando forma. Neste interim áreas específicas de estudo como a avaliação psicológica pode e tem contribuído substancialmente para a produção de conhecimento sobre a velhice, o envelhecimento e o idoso. Entretanto, a avaliação e identificação de aspectos positivos do indivíduo torna-se um hiato ainda maior quando observada especificamente na velhice. A fim de colaborar com a quebra do estereótipo negativo ainda associado à velhice e contribuir para o desenvolvimento de estratégias de políticas públicas que possibilitem uma velhice bem-sucedida, a investigação sobre a criatividade em idosos pode ser uma alternativa que possibilite o aumento do Bem- Estar Subjetivo (BES). Embora o estudo da criatividade venha ganhando força nas últimas década, no Brasil este construto geralmente é abordado na população infantil, acadêmica e a considerando a alta criatividade. Ao compreender a criatividade como uma forma de encontrar novas ideias para problemas comuns, pode-se pensar na criatividade cotidiana, em que a criatividade possui caráter de utilidade a partir da resolução criativa de problemas. Além disso deve-se considerar o aspecto de autorrealização possibilitado pelo ato criativo. A partir dessa

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 3.996.031

perspectiva, supõe-se que a estimulação da criatividade favoreça o aumento do BES, uma vez que este é composto por componentes emocionais relacionados ao saldo entre o afeto negativo e o afeto positivo, e por um componente cognitivo que se refere a avaliação geral que a pessoa faz sobre diversos aspectos da sua vida. De tal modo, o estudo tem por objetivo principal verificar se a estimulação criativa favorece o aumento do bem-estar subjetivo em idosos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Verificar se a estimulação criativa favorece o aumento do bem-estar subjetivo em idosos

Objetivos Secundários:

- (i) Elaborar e oferecer um programa de desenvolvimento da criatividade para a terceira idade
- (ii) Verificar a eficácia do programa de criatividade no aumento dos níveis de bem-estar subjetivo dos participantes
- (iii) Avaliar e comparar o nível de criatividade de idosos antes e após participação no programa de estimulação criativa
- (iv) Avaliar e comparar o nível de bem-estar subjetivo de idosos antes e após participação do programa de estimulação criativa
- (v) Analisar a relação entre criatividade e bem-estar subjetivo dos participantes, antes e após participação no programa

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo envolve riscos mínimos, entretanto, a pesquisadora se coloca a disposição para oferecer atendimento no caso de qualquer desconforto durante a realização da pesquisa.

Benefícios:

A participação do programa implica em obtenção de benefícios, visto que os participantes terão habilidades desenvolvidas durante o experimento. Os participantes terão devolutiva dos resultados globais da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta de forma clara a proposta, incluindo todos os itens exigidos. Os critérios de inclusão e exclusão estão de acordo e claramente apontados. O cronograma foi corrigido em todos os documentos. O método está claramente descrito e emprega recurso consagrado.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Página 02 de 04



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 3.996.031

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão presentes e adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após atendimento das pendências do parecer anterior do CEP, concluímos que o projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1500930.pdf	22/04/2020 15:31:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura_pesquisa.pdf	22/04/2020 15:30:46	Janaina Chnaider Fernandes	Aceito
Cronograma	Cronograma_atualizado.pdf	22/04/2020 15:10:38	Janaina Chnaider Fernandes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CartadeAutorizacaodePesquisadaInstituicao.pdf	09/03/2020 11:39:00	Janaina Chnaider Fernandes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestruturapdf.pdf	09/03/2020 11:37:41	Janaina Chnaider Fernandes	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoJanainaFernandes.pdf	03/03/2020 23:21:57	Janaina Chnaider Fernandes	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE.pdf	13/02/2020	Janaina Chnaider	Aceito

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 3.996.031

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11:08:09	Fernandes	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	12/02/2020 10:31:28	Janaina Chnaider Fernandes	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 29 de Abril de 2020

Assinado por:
Mário Edvin GreTERS
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Página 04 de 04

ANEXO 8 - CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Venho, por meio desse documento, solicitar autorização para realização de uma pesquisa nesta instituição, que tem por objetivo verificar se a estimulação da criatividade favorece o aumento do bem-estar subjetivo em pessoas idosas. A pesquisa intitulada "Programa de estimulação criativa e seu impacto no bem-estar subjetivo em idosos" refere-se a minha dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sob a orientação da Professora Doutora Tatiana de Cássia Nakano.

Os idosos serão convidados a participar voluntariamente da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Aqueles que aceitarem, responderão individualmente a um questionário sociodemográfico e um teste para avaliação do declínio cognitivo. Em seguida, de forma coletiva serão aplicados um teste avaliação da criatividade e uma escala de avaliação de bem-estar subjetivo, na própria instituição, em horário a ser definido com a entidade. A aplicação terá duração média de 70 minutos.

Posteriormente, os participantes serão divididos, de forma aleatória, em dois grupos. O primeiro grupo, com 20 idosos participará de um programa de estimulação criativa composto por 9 sessões com duração média de duas horas por encontro, uma vez por semana, com dia e horário previamente estabelecido. Após o final do programa, ambos grupos responderam novamente aos testes, e o segundo grupo, participará de 4 encontros voltados a estimulação criatividade.

Embora a pesquisa não ofereça riscos psicológicos previstos, eles podem ocorrer, relacionados a algum desconforto durante a participação. Neste caso, a psicóloga aplicadora da atividade estará à disposição para oferecer o acolhimento psicológico gratuito, bem como poderá realizar o encaminhamento para atendimento especializado gratuito, se necessário.

O participante poderá interromper ou retirar sua participação a qualquer momento caso o processo de resposta aos testes ou durante a participação no programa sem que haja qualquer tipo de penalidade ou prejuízo. As informações coletadas serão analisadas e comparadas para verificar a eficácia do programa. Aos participantes, e instituição, serão oferecidas devolutivas dos resultados globais do programa, de forma coletiva. Nenhum resultado individual será fornecido. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados sob a forma de publicações científicas em revistas ou congressos, porém, a pesquisadora garante manter o sigilo e anonimato sobre a identidade dos participantes e da instituição.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, telefone de contato (19)

3343-6777, email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbin, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida, Campinas-SP, CEP 13087-571. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira das 8 às 17hs. O mesmo poderá ser consultado para quaisquer esclarecimentos relacionados aos aspectos éticos da pesquisa. Esclarecimentos de outra natureza poderão ser realizados diretamente com o pesquisador responsável.

Me coloco à disposição em qualquer momento da pesquisa para responder dúvidas sobre o estudo, e solicito sua assinatura ao final deste documento, assentindo a realização da pesquisa na instituição sob sua responsabilidade.

Atenciosamente,
Janaina Chnaider Fernandes
Pesquisadora Responsável - Mestranda em Psicologia pela PUC-Campinas
Telefone: (19) 9 7417-6808
e-mail: jana_chnaider@hotmail.com

Após ter sido esclarecido sobre objetivos e procedimentos da pesquisa intitulada "Programa de estimulação criativa e seu impacto no bem-estar subjetivo em idosos", autorizo a realização da referida pesquisa nesta instituição.

Nome da Instituição: Prefeitura Municipal de Guararema
CNPJ: 46.523.262/0001-31
Endereço: Pça Coronel Brasilio Fonseca, 35 - Centro
Nome do Responsável: Rosalina Oliveira
Função: Gerente de Direitos Humanos
Data: 05/02/2020
Assinatura: Rosalina Oliveira

CARIMBO COM CNPJ

